

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL

PEDRO HENRIQUE NOVAK

**ANÁLISE DESCRITIVA DE DUAS TRADUÇÕES DO ROMANCE *TRISTE FIM DE
POLICARPO QUARESMA* PARA A LÍNGUA INGLESA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PATO BRANCO

2021

PEDRO HENRIQUE NOVAK

**ANÁLISE DESCRITIVA DE DUAS TRADUÇÕES DO ROMANCE *TRISTE FIM DE
POLICARPO QUARESMA* PARA A LÍNGUA INGLESA**

**Descriptive analysis of two translations of the novel *Triste fim de Policarpo
Quaresma* into the English language**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Área de concentração: Linguagem, Cultura E Sociedade.

Orientadora: Prof. Dra. Camila Paula Camilotti

Co-orientadora: Prof. Dra. Mirian Ruffini

PATO BRANCO

2021



4.0 Internacional

Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É a licença mais flexível de todas as licenças disponíveis. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus
Pato Branco



PEDRO HENRIQUE NOVAK

**ANÁLISE DESCRITIVA DE DUAS TRADUÇÕES DO ROMANCE TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA
PARA A LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem, Cultura E Sociedade.

Data de aprovação: 19 de Fevereiro de 2021

Prof.a Camila Paula Camilotti, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof Adriano Mafra, Doutorado - Instituto Federal Catarinense

Prof Marcos Hidemi De Lima, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof Wellington Ricardo Fioruci, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 19/02/2021.

*Dedico este trabalho à minha mãe,
meu alicerce e meu exemplo de vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização desta pesquisa.

À minha mãe, Ery, que sempre esteve comigo, me apoiando, acreditando no meu potencial, me incentivando e criando todas as possibilidades para que esse sonho se tornasse realidade.

À professora Camila Camilotti, por todas as conversas e orientações durante os últimos dois anos. Pelas conversas e orientações à distância que marcaram o período conturbado em que este trabalho foi realizado. Agradeço por confiar no meu trabalho e por me motivar constantemente.

À professora Mirian Ruffini, por ter me aceitado em sua disciplina no mestrado como aluno externo. Pelo carinho, pelas orientações e por ter acreditado no meu potencial, o meu mais sincero agradecimento.

Ao professor Wellington Fioruci, pelas aulas durante o mestrado e por ter aceitado o convite de participar como membro avaliador da minha dissertação. Agradeço pelas contribuições para o meu aperfeiçoamento como pesquisador e aprimoramento desta pesquisa.

Ao professor Marcos Hidemi Lima, pelas aulas de Literatura Brasileira durante o mestrado, por ter aceitado participar como membro da banca avaliadora e contribuir para o melhoramento desta dissertação.

Ao professor Adriano Mafra, do Instituto Federal Catarinense, por ter aceitado participar como membro da banca avaliadora e contribuir para o aprimoramento desta pesquisa.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Tecnológica do Paraná – Campus Pato Branco, pelo acolhimento e contribuições no meu desenvolvimento acadêmico.

Ao tradutor Francis K. Johnson, que gentilmente se colocou à disposição para responder os e-mails e pela entrevista concedida.

Ao Carlos, agradeço o carinho e apoio durante todo o período desta pesquisa, pelos momentos de leituras e conversas que marcaram a execução deste trabalho.

As an artist he [Lima Barreto] believed in literature as firmly as in a religion. He believed man can be saved by the strength and the power of literary mysticism. In his own words: '... through Art man is not dependent on the biases and prejudices of his time, his birth, his country, his race: he goes beyond all that to reach the total life of the universe...'

Antonio Olinto, 1977 (BARRETO, 1978, p. ix)

RESUMO

NOVAK, Pedro Henrique. Análise descritiva de duas traduções do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* para a língua inglesa. 108 f. 2021. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras: Literatura, Sociedade e Interartes, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2021.

Esta pesquisa tem por objetivo realizar uma análise descritiva do primeiro capítulo de duas traduções do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, para a língua inglesa. A obra foi lançada em folhetins no ano de 1911 e, posteriormente, foi publicada em livro em 1915. A contar do ano de 1977, o romance já foi traduzido cinco vezes para o idioma inglês e, para este estudo, foram selecionadas as traduções do texto integral mais distantes cronologicamente entre si. A primeira é a tradução de Robert Scott-Bucleuch, *The Patriot*, publicada em Londres pela editora *Rex Collings*, em 1978; a segunda é a tradução de Francis K. Johnson, *The Decline and Fall of Policarpo Quaresma*, publicada, em meios digitais, pela *Kindle Editions*, no ano de 2014. O desenvolvimento deste trabalho se divide em dois momentos: inicialmente, buscou-se coletar dados sobre o autor, sua história, sua obra e o levantamento das traduções de sua obra para a posterior análise das traduções. Para a execução da primeira etapa, a coleta de dados deu-se a partir de pesquisa bibliográfica. Os dados biográficos levantados que servirão para a análise das traduções foram obtidos, principalmente, de pesquisadores tais como o biógrafo de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa (2017), a pesquisadora Lilia M. Schwarcz (2017), os críticos literários Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros (1997), na edição crítica da obra pela coleção *Archivos*, entre outros. A segunda etapa da pesquisa, que contempla uma apresentação dos tradutores, consiste na análise descritiva do primeiro capítulo das duas traduções selecionadas com aporte teórico que compreendem teóricos dos Estudos da Tradução como Itamar Even-Zohar (1990), Gideon Toury (2012), Lawrence Venuti (2002), André Lefevere (2007), José Lambert e Hendrik Van Gorp (2006). Esta pesquisa averiguou se houve interpretações divergentes ou convergentes entre os tradutores, identificou técnicas e procedimentos tradutórios e analisou se o período temporal entre as duas edições provocou mudanças de cunho teórico e/ou ideológico nas decisões tradutórias. Em conclusão, verificou-se que houve interpretações convergentes entre os tradutores, entretanto, foram utilizados técnicas e procedimentos distintos. Ambas as traduções mostraram-se ser mais domesticadoras, utilizando procedimentos que aproximam o texto da cultura de chegada, sem, contudo, ocultar elementos da cultura brasileira.

Palavras-chave: Lima Barreto; Triste fim de Policarpo Quaresma; Tradução Literária.

ABSTRACT

NOVAK, Pedro Henrique. Descriptive analysis of two translations of the novel *Triste fim de Policarpo Quaresma* into the English language. 108 f. 2021. Dissertation (Master's degree) – Postgraduate Studies in Linguistics and Literature: Literature, Society and Interarts, Federal Technological University of Paraná, Pato Branco, 2021.

This research aims at making a descriptive analysis of the first chapter of two translations of the book *Triste fim de Policarpo Quaresma*, by Lima Barreto, into the English language. The novel was first serialized in 1911 and later published in book format in 1915. Since 1977, the novel has been translated five times into English and for this study, the most chronologically distant translations of the full text were selected. The first is the translation of Robert Scott-Bucleuch, *The Patriot*, published in London by Rex Collings in 1978; the second is the translation of Francis K. Johnson, *The Decline and Fall of Policarpo Quaresma*, published by digital means, in 2014, by Kindle Editions. The development of this research is divided into two stages: initially, it sought to collect data about the author, his history, his oeuvre and the mapping of translations of his literary output for later analysis of the translations. For the first stage, data gathering was based on bibliographic research. The biographical data collected that will be used in the analysis of the translations were obtained mainly from researchers such as Lima Barreto's biographer Francisco de Assis Barbosa (2017), researcher Lilia M. Schwarcz (2017), literary critics Antonio Houaiss and Carmem Lúcia Negreiros (1997), in the critical edition of the novel by the Arquivos collection, among others. The second stage of the research, which includes a presentation of the translators, consists of the descriptive analysis of the first chapter of the two selected translations with theoretical input that comprise Translation Studies theorists such as Itamar Even-Zohar (1990), Gideon Toury (2012), Lawrence Venuti (2002), André Lefevere (2007), José Lambert and Hendrik Van Gorp (2006). This research investigated whether there were divergent or convergent interpretations among translators, identified techniques and translation procedures, and analyzed whether the time period between the two editions caused changes of theoretical and/or ideological nature in translation decisions. In conclusion, it was found that there were convergent interpretations between the translators, however different techniques and procedures were used. Both translations proved to be more domesticated, using procedures that bring the text closer to the target culture, without however, hiding elements from the Brazilian culture.

Keywords: Lima Barreto; The Patriot; The Decline and Fall of Policarpo Quaresma; Literary Translation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Caligrafia de Lima Barreto.....	40
Figura 2 – Sobrecapa da edição <i>The Patriot</i>	64
Figura 3 – Capa da edição <i>The decline and fall of Policarpo Quaresma</i> , 2014.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento das traduções das obras de Lima Barreto	50
Quadro 2 – Levantamento das traduções de Robert Scott-Bucleuch de obras em língua portuguesa.....	58
Quadro 3 – Levantamento das traduções de Francis K. Johnson de obras em língua portuguesa.	61
Quadro 4 - Quadro comparativo das informações preliminares das traduções.....	70
Quadro 5 – Título dos capítulos das duas traduções e em texto-fonte	70
Quadro 6 – Excerto de duas traduções de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> e do texto-fonte	73
Quadro 7 – Excerto de duas traduções de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> e do texto-fonte	75
Quadro 8 – Excerto de duas traduções de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> e do texto-fonte	77
Quadro 9 – Excerto de duas traduções de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> e do texto-fonte	78
Quadro 10 – Excerto de duas traduções de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> e do texto-fonte	80
Quadro 11 – Excerto de duas traduções de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> e do texto-fonte	82
Quadro 12 – Excerto de duas traduções de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> e do texto-fonte	83
Quadro 13 - Excerto de duas traduções de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> e do texto-fonte	86
Quadro 14 – Excerto de duas traduções de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> e do texto-fonte	87
Quadro 15 – Excerto de duas traduções de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> e do texto-fonte	88
Quadro 16 – Excerto de duas traduções de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> e do texto-fonte	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO	18
2.1 TEORIA DOS POLISSISTEMAS.....	18
2.2 ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO.....	21
2.3 ESQUEMA PARA A DESCRIÇÃO DE TRADUÇÃO	25
3 LIMA BARRETO: VIDA, OBRA E TRADUÇÕES DE SUAS OBRAS	29
3.1 LIMA BARRETO: VIDA E CONTEXTO HISTÓRICO	29
3.2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DE TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA	39
3.3 LEVANTAMENTO DAS TRADUÇÕES DE LIMA BARRETO.....	48
4. ANÁLISE DESCRITIVA DAS DUAS TRADUÇÕES	57
4.1 OS TRADUTORES	57
4.1.1 Robert Scott-Buccleuch.....	58
4.1.2 Francis K. Johnson.....	60
4.2 INFORMAÇÕES PRELIMINARES DAS TRADUÇÕES	63
4.2.1 Primeira Tradução (T1): <i>The Patriot</i>	63
4.2.2 Segunda Tradução (T2): The decline and fall of Policarpo Quaresma	67
4.3 ANÁLISE MACROESTRUTURAL	70
4.4 ANÁLISE MICROESTRUTURAL	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	103
APÊNDICE A - Entrevista com o tradutor Francis K. Johnson, realizada por e-mail no mês de janeiro de 2021, concedida ao autor desta dissertação.	104

1 INTRODUÇÃO

Triste Fim de Policarpo Quaresma (1911), uma das principais obras do prestigiado escritor Lima Barreto (Afonso Henriques de Lima Barreto, 1881-1922), foi traduzida quinze vezes para nove diferentes idiomas, sendo cinco traduções para a língua inglesa. Trata-se de um romance publicado inicialmente em folhetins no *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, e posteriormente publicado em livro no ano de 1915. A obra tem como pano de fundo os eventos que marcaram os primórdios da República e aborda as discussões sobre o desenvolvimento da identidade de um país em formação.

Para a análise descritiva de duas traduções do romance para a língua inglesa, a qual este trabalho se propõe, foi feito o levantamento das cinco traduções da obra para a língua inglesa, organizadas pelo ano de publicação. A primeira, *The Sad End of Policarpo Quaresma*, traduzida por Gregory Rabassa, foi publicada na coleção *Borzoi Anthology of Latin American Literature* em 1977 pela editora Knopf, em Nova York. A segunda, *The Patriot*, com tradução de Robert Scott-Buccluch, foi publicada pela editora *Rex Collings* em 1978, em Londres. A terceira, *The Sad End of Policarpo Quaresma*, uma edição bilíngue integrante da coleção *River of January*, foi traduzida por Mark Carlyon e publicada pela editora Cidade Viva em 2011, no Rio de Janeiro. Posteriormente, a obra em questão foi publicada pela editora *Penguin* em 2014, em Londres. A quarta, *The tragic death of Policarpo Quaresma*, traduzida por Luciano Beck, foi publicada em formato digital em 2012 pela editora *Ibookfrombrazil*. A quinta tradução, *The Decline and Fall of Policarpo Quaresma*, traduzida por Francis K. Johnson, é parte da coleção *Brazilian Classics*, publicada em forma digital, pela *Kindle Editions* no ano de 2014.

Das cinco traduções da obra para a língua inglesa, as mais distantes cronologicamente, isto é, a primeira realizada integralmente e a mais recente, foram selecionadas para a realização deste trabalho, cujo critérios serão apresentados a seguir. A primeira tradução completa é a edição *The Patriot*, com tradução de Robert Scott-Buccluch, e a mais recente é a edição *The Decline and Fall of Policarpo Quaresma*, traduzida por Francis K. Johnson. Além disso, é feito um levantamento das demais traduções da obra de Lima Barreto com intuito de verificar sua abrangência em traduções.

Inicialmente, entretanto, é necessário abordar a contextualização histórica e social vivenciado por Lima Barreto, além de buscar informações acerca das motivações do autor em criar a obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Lima Barreto nasceu na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1881. Neto de escravos, Barreto vivenciou, aos sete anos de idade, a abolição da escravatura com a promulgação da Lei Áurea no ano de 1888. Por conta disso, Barreto foi exposto a um contexto contraditório que surgiu de uma era de constantes mudanças e adaptações sociais. Além deste, outros grandes marcos ocorreram durante a vida do autor que o influenciariam em sua obra, entre eles os turbulentos anos da República Velha (1889-1930), a aclamação do modernismo, o eurocentrismo e a supervalorização da cultura europeia, assim como a supremacia branca masculina (AIDOO; SILVA, 2014).

Lima Barreto, que viveu no período conhecido como *Belle Époque Tropical*, o qual se refere basicamente às influências europeias e mudanças na cultura, arte e política no Brasil, construirá sua ficção e seu jornalismo em “[...] cada mania, hábito, tolice, costume, instituição, prática política, atividade social e econômica do Rio de Janeiro no período” (SERRA, 2011, p. 19), tomando a transformação da cidade como seu objeto de trabalho e interesse e criticando com veemência o período. Segundo relatos de seus biógrafos, o autor passava horas caminhando pelas ruas, observando a realidade nua e crua da sociedade carioca, por isso, Barreto entende que a literatura é um produto da sociedade e um meio que torna mais clara as relações que nela vigoram. Portanto, a vida do negro, do suburbano e do imigrante serão seu material de trabalho. Barreto pretendia se diferenciar das obras literárias de seu tempo fazendo uso de uma linguagem coloquial, com conteúdo predominantemente social e crítico (SERRA, 2011).

Lima Barreto, em seus dias, não alcançou uma boa recepção crítica em suas obras. Suas características físicas e suas condições sociais e de pensamento não o permitiram fazer parte da elite letrada, composta por intelectuais e escritores consagrados. Três foram as tentativas de fazer parte da Academia Brasileira de Letras, todas sem sucesso. Seu infortúnio é muitas vezes justificado, por ele mesmo, por sua diferença de classe e de cor. Em meados de 1910, o autor começa a ficar debilitado, possivelmente pelo uso excessivo de álcool, e segue uma longa jornada de tratamentos de saúde e internações em hospitais psiquiátricos, devido ao alcoolismo. Afastou-se de seus amigos e muitas vezes foi encontrado bêbado pelas ruas do Rio de Janeiro (SERRA, 2011). À vista disso, uma análise da vida do escritor

Lima Barreto e sua relação com a personagem título de sua obra, Policarpo Quaresma, se faz necessária para entendermos o contexto social vivenciado pelo autor e seu intento de expor críticas sociais, principalmente relacionadas à cor, à raça e às diferenças de classe.

A literatura de Lima Barreto reflete aspectos que marcaram sua vida. O autor trouxe para sua obra conceitos e críticas acerca do período histórico e social na qual viveu e isso, de certa maneira, moldou o trabalho literário de Barreto. Tais aspectos são levados, também, para as traduções de suas obras. A partir disso, esta pesquisa indaga acerca das escolhas aplicadas pelos tradutores, no intuito de verificar se houve a manutenção de aspectos culturais do texto-fonte e elementos do nacionalismo, característico de Policarpo Quaresma, a personagem título.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é realizar uma análise descritiva de parte de duas traduções do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, do escritor brasileiro Lima Barreto, para a língua inglesa. Como base para esta pesquisa, utiliza-se a linha de pesquisa dos Estudos Descritivos da Tradução, com destaque nas normas propostas por Toury (2012) e no esquema para descrição de tradução elaborado por Lambert e Van Gorp (2011). Os objetivos específicos são: a) analisar o contexto histórico e social vivido por Lima Barreto e seus aspectos presentes na obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, com o intuito de contextualizar o polissistema literário brasileiro do início do século XX; b) realizar um mapeamento das traduções das obras de Lima Barreto para outros polissistemas literários e identificar as edições do romance *Triste fim...* em língua inglesa; c) investigar os contextos históricos e sociais vivenciados pelos tradutores das edições selecionadas com o objetivo de identificar informações relevantes em suas decisões tradutórias que possam refletir o polissistema literário o qual estão inseridos; d) desenvolver uma análise descritiva de parte das traduções de Robert Scott-Bucleuch (1978) e Francis K. Johnson (2014) com a intenção de verificar se há interpretações semelhantes ou diferentes entre eles, identificar técnicas tradutórias, bem como analisar se o período temporal entre as duas edições provocou mudanças de cunho teórico e/ou ideológico nas decisões tradutórias.

Este estudo se justifica pela relevância da obra do escritor Lima Barreto no polissistema literário brasileiro, bem como as traduções de seus escritos para outros idiomas, que contribuem para a propagação da criação literária do autor e da cultura brasileira em outros polissistemas culturais, como também em seu próprio país.

Ademais, verificou-se, a partir de pesquisas em portais de periódicos, tais como o Portal SciELO¹ e o Portal de periódicos CAPES/MEC², um baixo número de pesquisas sobre as traduções de Lima Barreto, sendo esta uma pesquisa inédita acerca das traduções do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*. A pesquisa é relevante por contribuir na área dos estudos da tradução no Brasil e para destacar a fortuna crítica do autor, mantendo viva sua obra e seu legado no polissistema de literatura brasileira.

Quanto à metodologia, como já mencionado anteriormente, esta pesquisa propõe uma análise descritiva de um fragmento de duas traduções do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, a saber: a tradução de Robert Scott-Buckleuch (1978) e a tradução de Francis K. Johnson (2014), respectivamente, a primeira tradução a ser publicada do texto integral e a mais recente.

O suporte teórico para esta investigação encontra-se, principalmente, na Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar (1990), a qual oferece aporte para contextualizar os diferentes polissistemas em análise, e nos Estudos Descritivos da Tradução, de Gideon Toury (2012), que sistematiza o estudo descritivo partindo das análises comparativas dos textos-fonte e alvo. Neste último, se inserem perspectivas teóricas de Lawrence Venuti (2002), no que se refere à literatura minorizante e o uso dos termos “domesticação” e “estrangeirização” ligadas ao estudo do texto de chegada; e as perspectivas de André Lefevere (2007), no que diz respeito às relações de poder e questões de assimetria entre culturas, povos, literaturas e línguas nas práticas tradutórias. Ainda, como base para a estratégia de pesquisa, está o modelo para análise descritiva proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp (2011).

Com relação ao *corpus* desta pesquisa, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* foi escolhida por ser considerada o romance de maior sucesso e maior repercussão de Lima Barreto, apontado como o ponto mais alto de sua carreira literária (BARBOSA, 2017; TEIXEIRA, 2020; HOUAISS, 1997). Ademais, a obra representa seu romance com maior número de traduções para dez idiomas diferentes, sendo cinco traduções da mesma obra para a língua inglesa. Após um levantamento cronológico inicial das traduções de *Triste Fim...*, optou-se por selecionar a primeira tradução a ser publicada e a mais recente. A seleção se justifica pela riqueza que duas traduções realizadas em épocas distintas podem trazer para um trabalho de comparação e análise

¹ Disponível em: <<https://scielo.org/>>.

² Disponível em: <<https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>>.

descritiva, bem como na investigação de mudanças nas técnicas tradutórias que possam ter ocorrido entre as traduções devido ao intervalo de publicação entre elas. Segundo Lefevere (2007, p. 23), “[...] reescritores adaptam, manipulam até um certo ponto os originais com os quais eles trabalham, normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológica ou poetológica dominante de sua época”.

É importante destacar que a seleção levou em consideração a estratégia geral de tradução (LAMBERT; VAN GORP, 2011), optando-se pelas traduções completas, que possibilitam uma análise mais abrangente do esquema de análise descritiva de Lambert e Van Gorp (2011) e das normas de tradução de Toury (2012). A partir disso, foram selecionadas as traduções: *The patriot*, de Robert Scott-Buccleuch, publicada em 1978, e *The decline and fall of Policapo Quaresma*, de Francis K. Johnson, publicada em 2014. Faz-se necessário destacar que a primeira tradução publicada da obra, produzida por Gregory Rabassa em 1977 – um ano antes da tradução selecionada –, é uma versão parcial do capítulo “Você, Quaresma, é um visionário”, presente em uma antologia de autores e obras literárias da América Latina. Finalmente, foi realizado um recorte do romance, sendo separado apenas o capítulo “A lição de violão” para compor o corpus de análise descritiva em seus níveis macro, micro e sistêmico, primeiramente, pela impossibilidade de fazer uma análise completa do romance, dado o seu volume, e por esse ser o primeiro capítulo e levantar, em sua composição, muitos dos aspectos históricos e sociais do Rio de Janeiro do início do século XX, e da escrita criativa de Lima Barreto.

O capítulo inicial tem o propósito de levantar a base teórica para a análise das traduções. Para tanto, foi organizado em três seções que seguem uma sequência histórica e lógica dos Estudos da Tradução. As frentes teóricas levantadas nesta pesquisa são: a Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar (1990); os Estudos Descritivos da Tradução de Gideon Toury (2012), ligados a postulados de Lawrence Venuti (2002) e André Lefevere (2007), e por fim, o esquema para a descrição de tradução proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp (2006).

O capítulo seguinte, intitulado “Lima Barreto: vida, obra e traduções de suas obras” é subdividido em três momentos da vida do autor. O primeiro marca os acontecimentos anteriores à publicação de *Triste fim...* que nos dão vislumbres das motivações de Lima Barreto ao compor a obra. O segundo marca a publicação do romance e a recepção crítica que vem recebendo desde então. Por fim, a terceira parte do capítulo tem o intuito de entender o hiato temporal entre a publicação de sua

obra, como um todo, e as primeiras traduções para outras línguas, bem como o apagamento de suas obras no próprio sistema literário brasileiro nas primeiras décadas após sua morte.

Finalmente, no último capítulo estão presentes uma breve apresentação dos tradutores e um levantamento de suas traduções de obras cuja língua-fonte é o português e, na sequência, a análise descritiva de parte das traduções.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Na tradução inter ou intralingual de uma obra literária, os aspectos culturais que envolvem tanto o texto de partida quanto o texto de chegada não devem ser dissociados e muito menos deixados de lado em uma análise tradutória. Há alguns anos, muitos pesquisadores de teorias tradutórias têm considerado a relação que existe entre os aspectos linguísticos e os extralinguísticos na tradução, porém nem sempre foi assim. Grandes pesquisas nesse viés se tornaram realidade apenas a partir da segunda metade do século passado, principalmente em meados da década de 1970, quando nasce a disciplina acadêmica intitulada de Estudos da Tradução. Segundo Bassnett (2002), em seu livro *Translation Studies*, o passo inicial para a análise dos processos de tradução está em assumir que a tradução não é uma mera atividade linguística, mas, sim, que ela se encontra de forma mais abrangente no campo da semiótica, que estuda os sistemas, as estruturas, os processos e as funções dos signos.

Neste capítulo levantam-se as principais vertentes teóricas dos Estudos da Tradução: a Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar (1990) e os Estudos Descritivos da Tradução, de Gideon Toury (2012), que fazem frente a outros estudos posteriores que trazem procedimentos de análise descritiva de forma mais categorizada, destacando-se o esquema para a descrição de tradução proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp (2006).

2.1 TEORIA DOS POLISSISTEMAS

Inicialmente elaborada por Itamar Even-Zohar sob influência do trabalho dos formalistas russos, a Teoria dos Polissistemas surge da hipótese de utilizar o termo “polissistema” para o conjunto de sistemas literários em uma determinada cultura. Tal perspectiva teórica se funde aos Estudos da Tradução a partir do momento que sua teoria é revista e aplicada por pesquisadores da Universidade de Tel Aviv, em Israel.

Na Teoria dos Polissistemas, os modelos semióticos são entendidos e estudados como sistemas, não de forma individual, mas de modo com que a cultura, língua, literatura e sociedade sejam vistas como parte integrante de um sistema dinâmico e heterogêneo. O polissistema é um sistema múltiplo, com vários sistemas que se cruzam e parcialmente se sobrepõem, funcionando como um todo estruturado,

no qual os membros são correlacionados (EVEN-ZOHAR, 1990). Os polissistemas abrangem desde as literaturas canônicas até as literaturas consideradas periféricas, incluindo a tradução como um dos níveis do sistema literário, fazendo parte do sistema artístico, social, cultural etc.

Para entendermos a origem do conceito de “sistema”, precisamos voltar para aqueles que embasaram a teoria de Even-Zohar. É o formalista russo Jurij Tynjanov que pela primeira vez introduz o conceito. Seu argumento é de que os elementos não existem de forma isolada, eles estão sempre em uma inter-relação com outros elementos de outros sistemas. Ao levantar as pesquisas de Tynjanov, Gentzler afirma que,

As tradições literárias compõem diferentes sistemas, gêneros literários formam sistemas, a obra literária em si também é um sistema único, e a ordem social compreende outro sistema, todos os quais se inter-relacionam, ‘dialeticamente’ interagindo e condicionando o modo como qualquer elemento formal específico podem funcionar. (2009, p. 146)

Vale destacar que Even-Zohar não é especificamente um teórico da tradução e sim um teórico cultural. Isso se torna relevante ao perceber como sua teoria na área da tradução está estreitamente ligada às influências dos seus estudos sociais e culturais que, ao adotar o conceito de Tynjanov de um sistema literário hierárquico, torna possível analisar como as traduções atuam em sociedades diferentes. Segundo Gentzler, Itamar Even-Zohar

Cunhou o termo ‘polissistema’ para se referir a toda a rede de sistemas correlacionados – literários e extraliterários – na sociedade e desenvolveu uma abordagem chamada de teoria dos polissistemas, na tentativa de explicar a função de *todos* os tipos de escrita em determinada cultura – desde os textos canônicos centrais até os mais marginais e não canônicos. (2009, p. 148)

A partir disso, na Teoria dos Polissistemas, os Estudos da Tradução são vistos como um campo multidisciplinar que não envolve apenas ações de cunho linguístico, mas explora as mais diferentes áreas do conhecimento que possam envolver uma obra e sua tradução. A análise de traduções, que antes estava mais focada na “transposição” de aspectos linguísticos e semânticos, agora começa a agregar aspectos que transcendem as fronteiras linguísticas e literárias.

As mais diferentes áreas devem ser abordadas, não como elemento isolado, mas como pertencentes a uma estrutura heterogênea aberta. Para Even-Zohar,

Raramente é, portanto, um mono sistema, mas que se trata necessariamente de um polissistema: um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas com interseções e sobreposições mútuas, que usa diferentes opções concorrentes, mas que funcionam como um todo estruturado cujos membros são interdependentes. (EVEN-ZOHAR, 1990, p 11)³

A estruturação desse polissistema heterogêneo indica a existência de sistemas maiores e menores que se encontram dentro de outros sistemas ainda mais abrangentes, que não necessariamente o da literatura. O Polissistema literário, porém, também possui sistemas maiores e menores que podem ser caracterizados pelas literaturas canônicas, de alto prestígio, e as minorizantes, marginais. Há um constante conflito nas margens desses sistemas que lutam pelo centro e procuram se afastar da margem. Os representantes desses sistemas podem ser os gêneros literários, obras e autores, e os elementos que ditam em que posição os representantes ocuparão no polissistema são os críticos literários, pesquisadores, instituições de ensino e arte e os tradutores.

Em um rápido vislumbre de *Triste fim...* e seu autor, é possível observar as transições que ocorreram com o passar dos anos de um sistema literário para outro. Lima Barreto, que em sua época pouco conseguiu se encaixar no sistema literário de prestígio, ganha maior respaldo com o passar do tempo e hoje se encontra no centro do sistema literário brasileiro. Porém, observando mais de longe, sua obra ainda se encontra a margem de outros polissistemas literários. A Teoria dos Polissistemas mostra o poder que a tradução tem em trazer a valorização para determinado autor até mesmo no seu próprio sistema literário, que, por vezes, se encontra à margem. Além disso, a tradução pode levar um autor ou obra para o centro de um novo polissistema literário, elevando seu valor em diversos polissistemas.

O fato de a obra de Lima Barreto pertencer a sistemas diferentes do polissistema literário brasileiro se dá, principalmente, pela tradução de suas obras. Vale mencionar que, para Even-Zohar, a tradução é parte do polissistema e na maioria das vezes ocupa uma posição periférica no sistema de chegada. É importante entender a posição que Lima Barreto e *Triste fim...* ocupam nos sistemas literários

³ Original: "It is, therefore, very rarely a uni-system but is, necessarily, a polysystem-a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent." Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha.

para termos uma visão mais ampla das possíveis influências que a obra exerceu ou se submeteu durante esse processo.

2.2 ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO

Levando em consideração a Teoria dos Polissistemas, Gideon Toury (2012) abrange seus estudos na esfera da descrição e explicação dos fenômenos tradutórios. Para ele, é necessário um ramo dos Estudos da Tradução que apresentasse ferramentas e método de descrição do processo tradutório. Venuti (2002, p. 57) destaca a importância dos estudos de Toury:

Não há dúvida quanto à importância histórica do trabalho de Toury. Juntamente com Itamar Even-Zohar, André Lefevere e José Lambert - outros teóricos que compartilham suas ideias -, Toury ajudou a estabelecer os estudos da tradução como uma disciplina distinta ao definir o objetivo de estudo, o texto-alvo circulando num polissistema de normas e fontes culturais.

Sua teoria descritiva é focada no texto de chegada, que recebe mais atenção do pesquisador por passar pelo processo tradutório e, diferentemente dos estudos tradicionais, vai desconsiderar as diferenças linguísticas, uma vez que a tradução é um evento da cultura de chegada e não apenas uma troca lexical. Toury (2012) justifica que, por mais estranho que possa parecer a um novato da área de tradução literária, não há problema em afirmar que a posição e as funções de um texto, incluindo outros textos que acompanham uma tradução, “[...] são determinadas, antes de mais nada, por considerações oriundas da cultura que os hospedaria” (2012, p. 20. [tradução nossa]⁴). O autor argumenta que tanto a tradução quanto o tradutor recebem influências culturais e históricas, visto que a tradução é um objeto que é moldado por fatores da cultura de chegada e o tradutor é um participante ativo de tal contexto sociocultural.

Para que uma tradução seja considerada aceitável em um sistema de chegada, Toury (2012) estabeleceu normas de tradução de caráter descritivo, nas quais, por meio de fatos culturais e da devida contextualização, analisa-se como foram feitas as traduções. É importante destacar que essas normas não têm caráter

⁴ Original: “Strange as it may sound to the uninitiated, there is nothing perverse in claiming that a text's position and functions, including those that go with a text's being regarded as a translation, are determined first and foremost by considerations originating in the culture that would host it.” – Tradução nossa.

prescritivo e sim, descritivo, pois elas provêm de escolhas tradutórias que estão relacionadas com um contexto social específico. Gentzler afirma que “Toury exigia que a teoria da tradução incluísse ‘fatos’ cultural-históricos, um conjunto de leis que ele chama de ‘normas para tradução’” (2009, p. 163). As normas são instrumentos de análises que o pesquisador usará para descrever como as traduções foram realizadas e como foram recebidas no polissistema de chegada. Elas não servem para ditar como uma tradução deveria ser realizada, nem servem para apontar supostos erros no processo de tradução, acima disso, servem para investigar as escolhas feitas pelos agentes tradutórios na pesquisa de uma ou mais traduções de uma mesma obra.

Sobre esse tema, Gentzler (2009) esboça a ideia de Toury sobre a importância da análise de diversas traduções de uma obra em diferentes épocas, dentro do mesmo polissistema literário:

Assim, em termos de tradução, se quisermos distinguir tendências regulares, precisamos estudar não apenas textos individuais, mas sim traduções múltiplas do mesmo texto original, à medida que ocorrem em uma cultura receptora em diferentes épocas da história. (2009, p. 163)

Novamente, encontramos relevante suporte teórico para a realização da análise de duas traduções de *Triste fim...* para o polissistema literário de língua inglesa em épocas e culturas distintas.

De forma breve, encontram-se, a seguir, as normas tradutórias de Gideon Toury, organizadas em três grupos: normas iniciais, preliminares e operacionais. As “normas iniciais” analisam as estratégias escolhidas de forma individual pelos tradutores e podem influenciar todas as demais decisões na tradução. Os termos “adequação” e “aceitação” (TOURY, 2012, p. 63) são essenciais para essa etapa: quando existe uma aproximação do texto-fonte, a estratégia utilizada é a adequação, quando acontece o fenômeno inverso e houver o distanciamento do texto-fonte, é dito que houve a aceitação. É preciso destacar que nas traduções os dois fenômenos acontecem simultaneamente, e na maioria das vezes, o processo ocorre de forma inconsciente; a análise descritiva verificará qual estratégia é mais presente na tradução.

As “normas preliminares” referem-se a questões políticas e sociais de aceitabilidade do texto-fonte, bem como autor e tema da obra. Portanto, estão diretamente ligadas às escolhas das obras a serem traduzidas. Tais questões dependem de agentes abrangentes, no caso do sistema político e ideológico do

polissistema de chegada, ou de agentes específicos, como editoras, mecenas, tradutores, entre outros envolvidos. Ainda, são divididas em traduções diretas e indiretas, com base na tradução por línguas intermediárias. A tradução direta se refere àquela que é realizada a partir do texto-fonte originária do texto e a tradução indireta quando esta for mediada por outra língua que não a do texto-fonte originária, também chamada de retradução (TOURY, 2012).

Por fim, as normas operacionais estão no âmbito das decisões textuais tomadas pelo tradutor no ato da tradução. Elas são organizadas em duas divisões: normas matriciais e normas linguístico-textuais. A primeira, matricial, está ligada à estrutura e organização do texto, abrangendo a forma como o material linguístico é distribuído no texto traduzido, verificando se ocorrem omissões, adições ou quaisquer outras mudanças em relação ao texto-fonte. A segunda, linguístico-textual, está voltada para a “[...] seleção do material linguístico na formulação do texto-alvo, ou a substituição do material original” (TOURY, 2012, p. 83 [tradução nossa] ⁵); nos detalhes mais profundos da tradução, como a escolha lexical e as construções das frases.

Em resposta aos termos “aceitação” e “adequação” cunhados por Toury na primeira norma, Lawrence Venuti, em seu livro *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença* (2002), fala em “domesticação” (*domestication*) e “estrangeirização” (*foreignization*) para se referir às características de práticas tradutórias. Semelhante ao conceito de aceitação, a domesticação se refere ao esforço de aproximar o texto da cultura de chegada, adaptando-o e ocultando diferenças culturais; e, assim como a adequação, o termo estrangeirização segue o esforço oposto de manter aspectos de estranheza do texto-fonte que representam aspectos textuais e culturais de origem. Apesar de Venuti apontar que as traduções inevitavelmente domesticam textos estrangeiros, “[...] inscrevendo neles valores linguísticos e culturais inteligíveis para comunidades domésticas específicas” (2002, p. 129), sua crítica recai sobre a excessiva prática da domesticação e da invisibilidade do tradutor, por meio da tradução fluente, em especial na cultura anglo-americana.

Além disso, Venuti (2002) comenta sobre as relações de poder entre culturas, línguas e polissistemas literários. Segundo o autor, “Qualquer uso da língua é, dessa maneira, um lugar de relações de poder, uma vez que uma língua, em qualquer

⁵ Original “[...] textual-linguistic norms govern the selection of linguistic material for the formulation of the target text, or the replacement of the original material.

momento histórico, é uma conjuntura específica de uma forma maior dominando variáveis menores” (2002, p. 24). O poder é exercido a partir de uma “língua maior” – entendida como pertencente ao dialeto padrão, ao cânone literário e à cultura dominante – sobre uma “língua menor”, que representa o oposto da primeira. A literatura escrita em língua portuguesa pode se configurar, nos termos de Venuti, como uma literatura menor, em detrimento da literatura anglo-americana. Como um tradutor americano de textos literários, Venuti analisa que “A ascendência econômica e política dos Estados Unidos reduziu as línguas e as culturas estrangeiras a minorias em relação à sua língua e cultura” (2002, p. 24), o que se aplica também no outro principal país anglófono, o Reino Unido, de onde as traduções analisadas nesta pesquisa são originárias.

Ao tratar sobre o tema das relações de poder no âmbito das traduções, André Lefevere (2007) aponta que são vários os fatores que corroboram ao estabelecimento do poder de uma literatura sobre outra, tais como a ideologia, a instituição e a manipulação. O poder pode ser estabelecido pela corrente ideológica dominante no momento em que a tradução é realizada, que possui a intenção “[...] na preservação daquela ideologia e no combate e na destruição de ideologias rivais” (2007, p. 22). A ideologia é vista por Lefevere não apenas no sentido limitado do político, mas, segundo Jameson (1974, p. 107, *apud* LEFEVERE, 2007, p. 35), a “[...] ideologia parece ser aquele gradeado de forma, convenção e crença, que ordena nossas ações”. Isso, aliada a instituições educacionais e casas editoriais, se ocupa em manipular as escolhas dos textos a serem traduzidos e o conteúdo da tradução. Quanto à manipulação e reescrita de uma obra na cultura de chegada, Lefevere (2007, p. 148) assinala que essa advém da sua reputação nessa cultura:

Se a obra possui uma alta e positiva reputação na cultura de chegada, a tradução provavelmente será o mais literal possível [...]. Quando a imagem do original não é o mais uniformemente positiva na cultura de chegada, mais liberdades serão tomadas nas traduções, porque o original não é considerado um texto ‘quase-sagrado’ [...].

Além dos agentes de manipulação identificados acima, o público-alvo de uma obra traduzida exerce importante influência nas estratégias utilizadas pelos agentes da cultura de chegada, visto que o mercado editorial direciona perspectivas sobre a tradução a depender do público-alvo determinado. A partir disso, é indispensável

entender que todos esses fatores podem vir a influenciar as decisões a serem tomadas pelo tradutor em um projeto de tradução literária.

Observa-se que *Triste fim de Policarpo Quaresma*, que pertence a um grupo de literatura menor, recebe traduções para um polissistema considerado como literatura maior. Portanto, a análise permeará essa condição e buscará entender como se deu a reescrita da obra para o polissistema literário anglo-americano.

A partir daqui, as três normas de análise descritivas de Gideon Toury (2012) ligadas aos conceitos de Venuti (2002) e Lefevere (2007) se juntam, nesta pesquisa, com o esquema de descrição das traduções de José Lambert e Hendrik Van Gorp (2011), a seguir.

2.3 ESQUEMA PARA A DESCRIÇÃO DE TRADUÇÃO

Com base nas recorrentes pesquisas dos Estudos da Tradução e, principalmente, nos estudos descritivos fundamentados nos conceitos de Even-Zohar e Toury, José Lambert e Hendrik Van Gorp (2011) introduzem seu esquema de descrição de traduções no artigo *On describing translations*, em 1985. A partir da problemática de uma falta de resultados de estudos descritivos sistemáticos relevantes tanto do ponto de vista teórico quanto histórico e o abismo entre a abordagem teórica e a abordagem descritiva, os pesquisadores apresentam um quadro metodológico próprio e abrangente que permite estudar os diversos aspectos da tradução.

De forma mais ampla daquela que Toury aborda em sua teoria, Lambert e Van Gorp sistematizam seu esquema de análise levando em consideração aspectos de ambos os sistemas literários envolvidos. Segundo eles,

As relações exatas entre os sistemas literários das culturas alvo e fonte devem ser examinadas; o que é, precisamente, o objetivo do nosso esquema. Tanto o sistema (literário) fonte quanto o sistema (literário) alvo são sistemas abertos que interagem com outros sistemas. (2011, p. 211)

A posição que os teóricos tomam aqui é de essencial importância para o desenvolvimento da análise a que se propõe este trabalho, pois o estudo acontece em uma direção oposta a grande maioria dos estudos descritivos, em que o pesquisador está incluído no sistema de chegada e, por esse motivo, se empenha em analisar tão somente o produto final, conforme os postulados de Toury. Esta pesquisa

se propõe a analisar aspectos do polissistema de origem, seu processo de tradução, até o produto final.

Antes de apresentar o esquema para a descrição das traduções, vejamos algumas das vantagens que os próprios autores levantam no uso do modelo de análise. A principal vantagem apontada por Lambert e Van Gorp é que o esquema “nos permite ignorar um número de ideias tradicionais profundamente enraizadas relativas à ‘fidelidade’ até mesmo a ‘qualidade’ tradutória [...], as quais essencialmente priorizam o texto-fonte e inevitavelmente são normativas.” (2011, p. 212). Apesar disso, eles nos alertam que muitas análises podem se inspirar em concepções idealistas de como uma tradução deve ser, determinando se a tradução é boa ou ruim. Por se tratar de uma análise descritiva, o esquema representa uma série de perguntas em vez de um aglomerado de teses. Mais do que isso,

Compreende todos os aspectos funcionalmente relevantes de uma determinada atividade tradutória em seu contexto histórico, inclusive o processo da tradução, suas características textuais, sua recepção e até mesmo seus aspectos sociológicos como distribuição e crítica da tradução. (LAMBERT; VAN GORP, 2011, p. 213)

Ainda entre as vantagens, estão as relações complexas em detrimento das binárias. O modelo binário e unilateral que busca analisar dois textos se limita a confrontá-los e a levantar os aspectos mais aparentes, ao passo que as relações complexas buscarão analisar todos os tipos de interferência provenientes dos sistemas, respeitando a natureza complexa da equivalência e se aprofundando em aspectos linguísticos, literários, sociais e históricos.

Finalmente, chegando na apresentação do esquema elaborado por José Lambert e Hendrik Van Gorp, reproduziremos os quatro níveis de “um esquema sintetizado para a descrição de tradução” (2011, p. 222) que se encontra no apêndice do artigo “Sobre a descrição de traduções”, traduzido por Marie-Hélène Catherine Torres e Lincoln P. Fernandes e publicado no livro *Literatura & Tradução: textos selecionados de José Lambert*, em 2011. O esquema servirá de ferramenta para as análises das duas traduções da obra de Lima Barreto nos capítulos posteriores.

1. Dados preliminares

- Título e página-título (por exemplo, a presença ou ausência da indicação de gênero, nome do autor, nome do tradutor)
- Metatextos (na página título; no prefácio; nas notas de rodapé – no texto ou separado?)

- Estratégia geral (tradução parcial ou completa?)

Estes dados preliminares deveriam levar a hipóteses para análise posterior tanto no nível macroestrutural como no nível microestrutural.

2. *Macronível:*

- Divisão do texto (em capítulos, atos, cenas, estrofes)
- Título dos capítulos, apresentação dos atos ou cenas
- Relação entre os tipos de narrativa, diálogos, descrição; entre diálogo e monólogo, voz solo e coro
- Estrutura narrativa interna (enredo episódico? Final aberto?); intriga dramática (prólogo, exposição, clímax, conclusão, epílogo); estrutura poética (por exemplo, contraste entre quartetos e tercetos em um soneto)
- Comentário autoral, instruções de palco

Esses dados macroestruturais devem levar a hipóteses sobre as estratégias microestruturais.

3. *Micronível (isto é, mudanças nos níveis fônicos, gráficos, microssintáticos, léxico-semânticos, estilísticos, elocucionários e modais):*

- Seleção de palavras
- Padrões gramaticais dominantes e estruturas literárias formais (metro, rima)
- Formas de reprodução da fala (direta, indireta, fala indireta livre)
- Narrativa, perspectiva e ponto de vista
- Modalidade (passiva ou ativa, expressão de incerteza, ambiguidade)
- Níveis de linguagem (socioleto; arcaico/popular/dialeto; jargão)

Esses dados sobre estratégias microestruturais deveriam levar a um confronto renovado com as estratégias macroestruturais e daí a considerações em termos do contexto sistemático mais amplo.

4. *Contexto sistêmico:*

- Oposições entre micro e macroníveis e entre o texto e teoria (normas, modelos)
- Relações intertextuais (outras traduções de obras “criativas”)
- Relações intersistêmicas (por exemplo, estruturas de gênero, códigos estilísticos)

O esquema servirá de ferramenta para as análises no capítulo quatro desta dissertação. Nos *dados preliminares* serão observadas informações iniciais sobre a tradução, como a capa, folha de rosto, metatextos (prefácio, introdução, notas), bem como estratégias gerais utilizadas no texto. Na análise dos *macroníveis* será verificada como se deu a divisão do texto, os títulos dos capítulos, as relações entre os tipos de narrativas (diálogos, descrição), estruturas narrativas e comentários do autor. Na *microestrutura*, a análise será focada no processo de seleção de palavras, nos padrões gramaticais dominantes, nas formas de reprodução da fala e modalidade, na narrativa e nos níveis de linguagem. Por fim, no *contexto sistêmico*, serão analisadas as oposições entre o micro e macroníveis, entre o texto traduzido e a teoria, também

serão observadas relações intertextuais com outros textos literários e relações intersistêmicas. A utilização do esquema de obtenção dos dados propostos por Lambert e Van Gorp (2011) é essencial para cumprir o objetivo desta pesquisa de analisar duas traduções da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma* através da perspectiva dos Estudos Descritivos da Tradução.

Este capítulo apresentou uma base teórica que propiciará a execução da análise descritiva de duas traduções para a língua inglesa de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Inicialmente, Even-Zohar (1990) nos dá o suporte para averiguar a obra e as traduções de Barreto dentro do polissistema literário brasileiro e de língua inglesa. Aspectos de sua teoria são usados como aporte desde o capítulo “Lima Barreto: vida, obra e traduções de suas obras”, quando situamos e analisamos o autor e a romance no polissistema de partida, até os capítulos finais de análise das traduções. Em conjunto com a Teoria dos Polissistemas, Toury (2012), com os Estudos Descritivos da Tradução, fornece o eixo principal para a execução da investigação por meio das normas descritivas. Por fim, o esquema de descrição de tradução elaborado por Lambert e Van Gorp (2011) será utilizado como eixo norteador da análise descritiva de parte das duas traduções.

3 LIMA BARRETO: VIDA, OBRA E TRADUÇÕES DE SUAS OBRAS

3.1 LIMA BARRETO: VIDA E CONTEXTO HISTÓRICO

É inevitável iniciar uma pesquisa sobre a obra de Lima Barreto sem dedicar um espaço à sua vida e à sua história. Afinal, Barreto faz parte de um grupo de autores que falam de si mesmos em suas obras e que, conforme a crítica literária tradicional, são conhecidos como autobiográficos. Astrojildo Pereira diz que Lima Barreto “[...] pertence evidentemente à categoria de autores que mais se confessam através de suas obras” (1997, p.465). Ivan Teixeira, ao tratar de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, afirma que as obras do escritor “[...] produzem um efeito de obra escrita com o próprio sangue do autor” (2020, p. 9). O próprio Lima Barreto chegou a dizer que tudo o que escrevia eram capítulos das suas memórias (BARBOSA, 2017).

Triste fim de Policarpo Quaresma pode não ser considerada sua obra com maiores características autobiográficas, mas, por muitos, é estabelecida como sua obra mais popular e de maior peso para a literatura brasileira, seja pela pluralidade de temas políticos e sociais abordados, seja pela estética e construção artística, ou ainda pela abrangência que alcançou. (BARBOSA, 2017; TEIXEIRA, 2020; HOUAISS, 1997). Ainda assim, é impossível dissociar essa obra de acontecimentos que permearam a vida do autor.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881, numa sexta-feira, data que pode indicar uma certa superstição negativa para alguns. Coincidências ou não, observa-se que a vida do autor quase sempre foi permeada de momentos difíceis, melancólicos e/ou de má sorte. O marco de início do declínio emocional do autor se dá com a morte de sua mãe em dezembro de 1887, quando ele tinha apenas 6 anos de idade. No decorrer da leitura da biografia máxima do autor, feita por Francisco de Assis Barbosa, é possível compreender como a dor da perda da mãe moldou a criança, o jovem e o adulto Lima Barreto. Nas palavras do biógrafo, “A morte de Amália há de descer como uma sombra no coração do filho mais velho [Afonso]. Sombra que nunca mais se dissipará” (BARBOSA, 2017, p. 43). Nas palavras do próprio autor, em um rascunho de uma carta, ele revela: “A desgraça não me deixa andar para adiante; eu venho assim desde os sete anos e me resigno perfeitamente, o que é de meu gênio e das minhas origens; fico, porém, à espera de dias melhores para o meu esforço e para o meu trabalho” (BARBOSA, 2017, p. 164).

Acontecimentos na juventude do autor vão prenunciando uma vida cheia de infortúnios. Já antes da morte de Amália, seu pai, João Henriques, tem seu primeiro surto psicótico, que futuramente resultará em internações em hospitais psiquiátricos. Fragilidades na saúde mental penetrariam a família Barreto e os acompanhariam em sua ruína. Em meio a tantas infelicidades, um alívio marcaria a infância de Afonso: no dia 13 de maio de 1888, dia em que completara 7 anos, o menino assistiu com seu pai aos festejos da Abolição da Escravidão. Em seu relato, ele testemunha: “Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Em geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folgança e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia [sic]” (BARBOSA, 2017, p. 55). O momento ficou marcado na mente do autor, não apenas pela sua ascendência negra e escrava, mas também pelos conturbados momentos políticos que viriam com a queda da monarquia e a instauração da Primeira República.

Poderíamos então afirmar que Lima Barreto foi uma pessoa com propensão à depressão. Muitas são as causas da infelicidade e da doença emocional da qual sofria. Não sem motivo, Lilia Moritz Schwarcz (2017) se refere a Lima Barreto como “triste visionário” em sua biografia do escritor brasileiro. Ao nos aprofundarmos em sua obra, perceberemos como o autor nos confidencia seu estado emocional e expressa os motivos de sua situação. Novamente, Francisco de Assis Barbosa nos apresenta base para entendermos as emoções do autor, a começar pelos pensamentos suicidas que assombravam momentos de sua vida. A primeira vez em que pensou em suicídio, Lima Barreto tinha acabado de perder a mãe, conforme ele mesmo confessa em seu *Diário Íntimo*: “Aos sete anos, [...] logo depois da morte da minha mãe, quando fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar” (BARBOSA, 2017, p. 53). Na adolescência, quando estava no internato, ele escreve: “Armei um laço numa árvore lá no sítio da ilha, mas não me sobrou coragem para me atirar no vazio com ele no pescoço” (2017, p. 62). Já em sua juventude, o autor novamente confidencia seu estado de tristeza: “[...] tive ímpetos de descer a escada, de entrar corajosamente pelas águas adentro, seguro de que ia passar a uma outra vida melhor, afagado e beijado constantemente por aquele monstro que era triste como eu” (2017, p. 127).

Os pensamentos suicidas são apenas parte das consequências de sua tristeza, que posteriormente se associam ao alcoolismo, o qual toma espaço no início de sua vida adulta. Os motivos, porém, estão ligados às injustiças e principalmente,

ao preconceito de classe social e racismo vivenciados pelo autor. Barbosa vai tratar desse tema, com base nos *Diários Íntimos* e nas demais obras de Barreto. Segundo ele, “A verdade é que o preconceito de cor sempre existiu e ainda existe no Brasil, em maior ou menor escala” (2017, p.104). Para Barbosa, não havia dúvida de que a causa do sofrimento de Lima Barreto estava relacionada aos preconceitos raciais e às condições sociais vividas por ele: “‘É triste não ser branco’, segredava numa das páginas do seu *Diário íntimo*” (2017, p. 105). Na Escola Politécnica, o jovem autor sofria racismo em comentários de seus colegas, como os de um aluno veterano ao tomar conhecimento de seu nome: “Vejam só! Um mulato ter a audácia de usar o nome do rei de Portugal!” (2017, p. 104).

É certo que com o racismo vem a injustiça, e talvez essa seja a grande frustração do autor. A impossibilidade de conquistar mais, conhecendo seu potencial, corroía seus pensamentos e suas ações. Schwarcz afirma que na escola “O menino começaria a sentir na pele a diferença de classes e a existência de um racismo dissimulado. Vivia constrangido diante dos colegas mais abastados [...]. Já ele sofreria por sua origem e condição econômica muito distintas das dos demais alunos” (2017, p. 98-99). Logo, na Politécnica, Lima Barreto notou que sua “cor social” faria muita diferença em seu desempenho na escola, suas reprovações o aborreciam, “E, mais uma vez, dominava-o o sentimento de injustiça, o recalque contra o meio hostil, que o abafava. [...] Aquilo era perseguição. Tudo porque não nascera no luxo, vivia pobremente, era mulato [...] Preto, pobre, tinha que ser reprovado sempre. Sentia-se assim, cada vez mais, humilhado.” (BARBOSA, 2017, p. 108-109). Em análise a esses momentos que Lima enfrentou, Astrojildo Pereira conclui que tudo isso criou um complexo de inferioridade,

O mulatinho tímido, pobre e orgulhoso sentia-se humilhado no meio de tantos estudantes de condição social tida e havida como superior. [...] Este sentimento de humilhação social, que hoje, segundo a terminologia freudiana, se denomina mais complicadamente complexo de inferioridade, acompanhará o escritor a vida inteira, perseguindo-o como uma obsessão. (1997, p. 468-469)

Em consonância com as injustiças que vinha sofrendo, Lima Barreto começa a sentir as desigualdades praticadas a outras pessoas também, e mais do que isso, começa a entender como essas injustiças brotam da ignorância do ser humano, o que ele vai chamar de o “estúpido e indigno da condição de homem” (BARBOSA, 2017, p.

74). Esse processo de conhecimento da sociedade em que vivia fez com que ele dividisse as pessoas em dois grupos distintos: aquelas que amava – as simples, naturais, humanas – e aquelas que odiava – as enfatuadas, pedantes, presunçosas – sem nunca olhar para alguém com indiferença. Em resposta a isso, desde a juventude, Lima Barreto começa a elaborar comentários com um leve toque de ironia, mas sempre com a segurança e consciência de um homem vivido e experimentado (BARBOSA, 2017).

Faz-se necessário levantar dados sobre as condições emocionais que Lima Barreto enfrentou, pois o processo da criação de *Triste fim de Policarpo Quaresma* é um reflexo da genialidade com que o autor expõe seus maiores anseios e decepções. Pereira chega a levantar a hipótese de que se “[...] um Lima Barreto vivendo uma vida pacata e regularíssima, sem tragédias domésticas e sem humilhações sociais, sem torturas morais nem relaxamentos nervosos” [...] teria “em tal situação de calma, deixado a obra que deixou?” (1997, p. 471).

Assim concluímos que os motivos das frustrações do autor são um reflexo da sociedade de seu tempo, sociedade esta que, conforme Lima Barreto, vai desenvolvendo sua obra, se torna cada vez mais seu objeto de estudo e crítica. Diferente da maioria de seus colegas contemporâneos, que exaltavam certas características sociais, Barreto levantará duras críticas ao momento social, como nos aponta Ivan Teixeira,

Opondo-se ao domínio dos parnasianos (Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia) e à ideia da literatura como ‘sorriso da sociedade’, Lima Barreto retomaria o conceito de arte como instrumento de crítica social – vigente no Realismo do Naturalismo –, que pressupunha a observação paciente e minuciosa da vida contemporânea desdenhada pela literatura mais prestigiada no período. (2020, p. 18)

Além disso, João Antônio (1978) apresenta um Lima Barreto que não se preocupou com a glória literária, nem com os triunfos frívolos. A partir do seu contato com o professor Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, que conviveu um período com o próprio Barreto, e um profundo mergulho nas obras do autor, Antônio chega à conclusão das suas reais motivações:

Lima Barreto, a bem dizer, deu de ombros à própria glória literária. Não pensou nela. Escrevia por desafogo. Romances, contos e crônicas que publicou, mantiveram caráter de protesto. Contra as rotinas, os preconceitos,

contra a tolice, contra as frivolidades, contra o ramerrão, contra as normas e regras, que só o tempo consagra. Nunca ouvi, nas letras brasileiras, escritor tão revolucionário. (1997, p. 488)

A partir daqui, entenderemos como o contexto histórico e social do Brasil das últimas décadas do século XIX e o início do século XX é essencial para encontrarmos respostas para o tema da escrita de Lima Barreto. Como já citado anteriormente, alguns eventos de grande peso histórico marcaram a infância do escritor, principalmente pelo fato de ele ser negro. O primeiro deles é a assinatura da Lei Áurea, em 1888, que superficialmente representou a liberdade para muitos negros, mas que na realidade, renunciava um modelo político-social que visava a agradar e beneficiar os mais abastados, além da política dos favores, da supervalorização do que é estrangeiro e dos títulos sociais vazios que o autor tanto criticou em toda sua obra.

A liberdade que significou a Lei Áurea inundou a memória de Lima Barreto com lembranças boas, muito diferente do acontecimento que dataria o ano seguinte. O autor tinha convicções bem definidas das consequências que desencadearam o evento de 15 de novembro de 1889, e essas não eram das melhores. O biógrafo do autor aborda a opinião de Barreto sobre o assunto:

Seria sua aversão ao regime, ou, propriamente aos homens que o encarnavam, o que tornaria tão pobres as suas recordações da queda da Monarquia? É bem possível. 'Eu, há mais de vinte anos', escrevera noutra oportunidade, 'vi a implantação da República. Vi-a com desgosto e creio que tive razão'. (BARBOSA, 2017, p. 57)

Lima Barreto procurava denunciar, mesmo que de forma indireta, o desperdício do dinheiro público na República e a ostentação policial com que o chefe de Estado era cercado. Para ele, o novo regime conferiu uma feição sórdida para seus homens públicos de todos os níveis. Havia um extravagante saudosismo monárquico nas palavras de Barreto, que recusava tudo o que vinha do regime republicano. Nas palavras do próprio autor, "Uma rematada tolice que foi a tal república. No fundo, o que se deu em 15 de novembro foi a queda do partido liberal e a subida do conservador, sobretudo da parte mais retrógrada dele, os escravocratas de quatro costados (BARBOSA, 2017, p. 58).

O que Lima Barreto considerava errado com a República foi a continuidade do pior que já estava presente na Monarquia. A mesma organização social estabelecida pelas elites escravistas estavam, agora, de cara nova, e levou boa parte

da população a acreditar em um sonho de prosperidade e desenvolvimento, apagando um recente passado sangrento e horrendo (se não ainda presente). Em um artigo tratando da data de celebração da República, Lima faz a seguinte indagação: “Não será, pensei de mim para mim, que a República é o regime de fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo do *parvenu*, tendo como *repoussoir* a miséria geral?” (SEVCENKO, 1997, p. 345). Apesar de o autor afirmar nunca ter conhecido uma pessoa em situação de escravidão e nem imaginar o horror e a injustiça de um cativo (BARBOSA, 2017), sua consciência e a própria realidade, enxergada por poucos, não permitiam que tais atrocidades lhe passassem despercebidas.

Lima Barreto começa a escrever seu diário em 1903, o que mais tarde seria compilado e editado por Francisco de Assis Barbosa e Evangelina Barreto (irmã de Lima) sob o título de *Diário Íntimo*. Nele, o autor inicia com, possivelmente, um dos seus maiores desejos: “No futuro, escreverei a *História da escravidão negra no Brasil* e a sua influência na nossa nacionalidade” (BARRETO, 2018, p. 452). Infelizmente, o desejo nunca chegou a se realizar, no entanto, apesar de não ter escrito uma obra própria com o tema, Lima Barreto explorou o assunto profundamente em toda a sua obra.

O apagamento de séculos de escravidão no Brasil foi um plano iniciado com o nascimento da República; para isso, houve a tentativa de negar o passado e a história presente e, até mesmo, apostar no desaparecimento gradativo dos cidadãos negros. Lima Barreto não mediu esforços ao incluir em sua obra a presença do negro na sociedade. Na contramão de tantos outros escritores da época, que seguiam o fenômeno de omitir a imagem do negro escravo dos romances, Barreto cita os serviços das casas nobres, as classes de negros marginalizados, considerados os sem-lugares. “O escritor não se deixava contaminar pelos relatos, pela voga dos modelos raciais ou pelas teorias estrangeiras que viam na mestiçagem uma doença ou nos prognósticos do branqueamento uma boia de salvação” (SCHWARCZ, 2017, p. 247).

O tema do branqueamento racial, outro esforço para apagar a imagem do negro na nova sociedade brasileira, é apresentado por Emília Viotti da Costa (1999) em seu livro *O mito da democracia racial no Brasil*. Segundo a pesquisadora, a miscigenação é a base para o fenômeno do branqueamento, pois a partir das pessoas pardas e até mesmo alguns negros livres que começaram a fazer parte da sociedade, criou-se um grupo conhecido como os negros “especiais” ou “negros de alma branca”.

A população branca, sempre considerada como superior, começou a integrar e assimilar partes dos indivíduos negros em um processo de patronagem e paternalismo. Os negros dependiam do favor dos brancos em incluí-los na sociedade, tais pessoas eram tratadas como se fossem brancas, pelo menos na teoria. A partir disso, o Brasil, supostamente, superaria seus problemas raciais e sua inferioridade, através da miscigenação. Lima Barreto sentiu na pele a tentativa da sociedade de “embranquecê-lo”. Um exemplo mais palpável disso é uma de suas fichas de internamento, na qual sua cor aparece como “branco”. Em vista disso, o ficcionista não mede esforços para mostrar como essa democracia racial é um grande mito e como os negros são marginalizados pelo sistema. Segundo o crítico literário Ivan Teixeira,

Lima Barreto empenhou-se no combate ao discurso das elites brancas contra os mestiços e pobres da periferia do Rio de Janeiro. Por essa perspectiva, seus romances mais importantes são *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Entre as inúmeras tópicas que abordou, destaca-se a do preconceito da sociedade da época contra os mestiços e os pobres. Seus romances apresentam sempre indignação contra a insensibilidade dos donos do poder, a superficialidade dos burocratas, a corrupção dos políticos e a esterilidade dos falsos artistas. (2020, p. 36)

Voltando a tratar de eventos importantes que influenciariam na escrita de Lima, temos crises políticas e revoluções como a Revolta da Armada, no ano de 1893; a Revolução Federalista, de 1895; e a Revolta de Canudos, em 1897, entre outras que ocorreram durante o conturbado período da Primeira República. Em meio a tantas transformações políticas, a cidade do Rio de Janeiro, sob o comando do prefeito Pereira Passos, inicia um processo de reurbanização e embelezamento aos moldes europeus. A capital do Brasil “[...] deveria ser o cartão de visitas do país, um cenário maravilhoso e de feições europeizadas deveria ser montado, de forma que os povos além-mar se sentissem irresistivelmente atraídos” (SEVCENKO, 1997, p. 340). Toda essa modernização trazia consequências positivas e negativas. Lima Barreto, que enxergava o Brasil sob as lentes dos mais humildes, denunciava a irracionalidade de tal modernismo na cidade, expondo a avidez corrupta das classes mais privilegiadas em expulsar os mais pobres para a periferia (LINS, 1997). Na ditadura conhecida como “bota-abixo”, as residências eram demolidas e as favelas, cortiços e hotéis baratos aumentavam consideravelmente, abrigando as pessoas que perderam seus imóveis. Havia ainda forte repressão às festas populares e procissões (SCHWARCZ, 2017).

Não acontecia apenas uma reforma física no perímetro urbano da cidade, era visível que a reforma ultrapassava essas barreiras. O advento de uma nova civilização, vinda do esforço do poder público, logo é incorporada com entusiasmo por grupos que se viram beneficiados. Quatro vetores principais promulgavam a modernização:

[...] a rejeição de quaisquer vínculos com o passado colonial ou imperial e suas conotações retrógradas; a negação de quaisquer elementos representativos da cultura popular ou rural; a expulsão do povo humilde, seus hábitos, costumes e traços da área central da cidade; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com as modas *dernier cri*, com os artigos importados *dernier bateau*, com os estilos *up-to-date* e tudo o mais que evocasse de algum modo Paris, Londres ou Berlim, da ópera ao creme dental, das peles e lãs grossas à recente moda dos banhos de mar. (SEVCENKO, 1997, p. 343-344)

O movimento conhecido como a *Belle Époque* no Brasil é marcado por essa avalanche de costumes e características importadas da França durante os últimos anos do século XIX até 1930, quando acontece a consolidação das ideias dos primeiros modernistas. Durante o período de aproximadamente 35 anos, a cidade do Rio de Janeiro, capital da república na época, se modificou cultural e politicamente. A libertação dos escravos impulsionou o crescimento e desenvolvimento das atividades urbanas, a cidade passa por transformações urbanísticas “com suas fachadas *art nouveau* feitas de mármore e cristal, seus modernos lâmpões elétricos, suas lojas de produtos importados e seus transeuntes vestidos à francesa” (SCHWARCZ, 2017, p. 133). Surge a Academia Brasileira de Letras sob influência francesa, e isso favorece um ambiente fértil para escritores nacionais (FARIA, 1988). “Tudo o que vinha de Paris era objeto de extrema admiração dos brasileiros, seduzidos por um fascínio quase doentio” (FARIA, 1988, p. 75). Um movimento de “aclimatação” envolve a antiga capital brasileira que importa aquilo que existe na capital francesa.

Segundo seus biógrafos, Lima Barreto não via com bons olhos todas essas mudanças que vinham acontecendo. Aqueles quatro vetores de mudança são satirizados pelo autor em várias de suas obras, principalmente em *Triste fim...*, que exalta de forma irônica tudo aquilo que a modernidade queria deixar para trás. A exemplo disso, o protagonista valoriza elementos da cultura popular, como as modinhas, acredita na agricultura familiar e na fertilidade do solo brasileiro, e se aborrece com a desvalorização do produto nacional.

Para tanto, o ficcionista se utiliza de correntes de pensamento de grandes autores que o influenciaram em sua escrita. Ao procurar se afastar da matriz positivista, Barreto se alinha com algumas das correntes intelectuais mais importantes do seu tempo, sobretudo das correntes neoidealistas. Tais ideias, de matriz kantiana, dedicadas a desautorizar o positivismo, enfatizavam o papel da subjetividade no conhecimento, propondo fórmulas de integração social com base na solidariedade humana, diferente da matriz comtiana, que insistia na submissão a uma autoridade exterior, fosse ela militar, religiosa ou científica. Suas fontes eram os romancistas russos e filósofos franceses, tais como Jean-Marie Guyau e Alfred-Jules Emile Fouillée, apesar de também seguir as ideias dos positivistas franceses, sobretudo Hippolyte Taine e Ferdinand Brunetière (TEIXEIRA, 2020). Os membros dessas correntes filosóficas defendiam que a filosofia e as artes tinham o papel crítico, esclarecedor e orientador ao difundir “ideias-força” que abririam caminhos para as aspirações gerais. Aqui se encaixa a literatura, que deveria buscar o máximo poder de comunicação, apresentando ideias claras e motivando o público para a ação (SEVCENKO, 1997).

Dentre as ideias que Lima Barreto absorveu em seus estudos, talvez a que mais o motivou a aplicar em sua obra foi o bovarismo. Em seu diário, no dia 28 de janeiro de 1905, o autor escreve suas impressões sobre o “*bovarismo* de Jules Gaultier” (BARRETO, 2018, p. 507). Nele, Barreto vai entender o bovarismo como “um aparelho de ótica mental. [...] o poder partilhado no homem de se conceber outro que não é”. Traçando um conceito em que a pessoa humana tem duas linhas que se coincidem, sendo a primeira, “A imagem que, sob o império do meio, circunstâncias exteriores, educação, sujeição, a pessoa forma de si mesma”; e a segunda, o “ser real, ideal, tendências hereditárias etc.”, Barreto entende que nos personagens de Flaubert, a convergência de tais linhas não se produz. Como resultado, “O ângulo dessas linhas é o índice bovárico, mede o afastamento entre o indivíduo real e o imaginário, entre o que é e o que ele acredita ser” (BARRETO, 2018, p. 507).

Nesse sentido, Glenedel (2009) define o bovarismo como uma insatisfação romanesca com a realidade numa inversão do olhar. O abismo que se abre entre as duas experiências, a da realidade e a do imaginário, confere uma dimensão ao mesmo tempo trágica e irônica ao bovarismo. Sob essa perspectiva, Pesavento (1997, p. 31) sustenta tal definição ao entender que “o bovarismo seria uma força que habilitaria os indivíduos a superar as frustrações e descontentamentos da existência cotidiana...”.

Trazendo essas concepções para a realidade nacional e para o contexto vivenciado pelo romancista, é possível entender as críticas socioculturais que fazem parte de sua obra. Ao ler Gaultier, Lima Barreto percebeu que tinha os mesmos pensamentos sobre as imagens construídas pelo imaginário das pessoas e como tais imagens podem ter um efeito de real no cotidiano. Esse imaginário viria a representar uma forma de adaptação do indivíduo ao mundo, enxergando nele aquilo que deseja. A leitura de *Le Bovarysme*, foi para Barreto, “[...] uma explicação de todo um estado e espírito, a procura da sua própria personalidade, na tentativa de se adaptar ao meio, às convenções sociais, à mediocridade da repartição, à humildade da sua própria condição social” (BARBOSA, 2017, p. 150).

Barbosa destina um capítulo inteiro para falar sobre o bovarismo de Lima Barreto. Segundo o biógrafo, o autor nunca foi um dândi e estava muito longe de

[...] tentar um gênero literário como o romance mundano – sátiras, documentário ou o que fosse –, pois não era este o seu ambiente. Não seria em Laranjeiras ou em Botafogo que iria encontrar os seus personagens. Tinha que voltar as vistas para a gente dos subúrbios. (2017, p. 146, 147)

Lima Barreto tinha simpatia e ternura pelas pessoas pobres do Brasil, principalmente aquelas de origem negra, que na maioria das vezes não reconheciam nele o artista que era, nem as causas pelas quais lutava. O complexo da cor que o assombrava, como já mencionado anteriormente, vai exacerbar o seu bovarismo, bem como o preconceito racial em uma sociedade que impunha restrições às pessoas negras, desde que essas não fossem ricas. Isso ainda vai se juntar ao tipo de gente que o irritava: os presunçosos, os cheios de si, os arrogantes e os que se consideravam superiores por meras convenções sociais (BARBOSA, 2017).

Lima Barreto fará, portanto, a aplicação do “índice bovário” por meio da crítica. Para isso, o romancista segue duas operações necessárias: primeiro, entende as condições reais que condicionam a sociedade. Em seguida, faz a sua crítica das ilusões pelas quais pessoas, grupos e todo coletivo social sustentam sua suposta importância, grandeza e superioridade que as desviam de suas condições concretas de realização, desfazendo a “ilusão bovária”. As operações podem se desencadear simultaneamente, “[...] através de personagens carismáticos, cujas fantasias seduzam, comovam, aliciem e contaminem os leitores” (SEVCENKO, 1997, p. 332). Major Policarpo Quaresma é um grande exemplo disso, além das características do

bovarismo na personagem, seu triste fim pode relacionar a crítica barretiana com as ilusões bováricas.

Antonio Houaiss (1997) afirma que a literatura, para Lima Barreto, não era apenas uma forma de expressão, mas era, acima de tudo, uma forma de comunicação. Não qualquer tipo de comunicação, deveria esta ser “militante”, deveria “[...] mover, demover, comover, remover e promover. [...] Lima Barreto quis embeber-se do que há de tradição, fixação, codificação e estilização no uso da língua de seu povo, de sua civilização, de sua cultura” (HOUAISS, 1997, p. 472).

Em consonância à fala de Houaiss, Caio Prado Júnior trata desse tema ao mostrar como Lima Barreto usou sua literatura para expressar o Brasil como nenhum outro:

Lima Barreto é um dos poucos escritores que entre nós compreenderam verdadeiramente seu país; e não excluiu aqui nem sociólogos ou quaisquer outros pensadores. Exprimiu seu conhecimento em romances; mas em poucas obras, mesmo especializadas, ou que se julgam tais, se encontrará, e isto mesmo até hoje, uma percepção tão clara e nítida do que é o Brasil; este Brasil que não é o dos discursos, dos relatórios oficiais e da nossa literatura tão convencional. Apesar disto, além de ignorado, Lima Barreto ainda parece incompreendido. (1997, p. 436)

É concluída a primeira etapa desta pesquisa após o levantamento de informações sobre aspectos da vida e dos contextos do polissistema literário brasileiro vivenciados por Lima Barreto. Tais informações fornecem a base para nos aprofundarmos na análise de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e, posteriormente, no estudo das traduções da obra.

3.2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DE TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Para iniciarmos as considerações acerca de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, que constituirá o *corpus* de análise desta pesquisa, vejamos o que o próprio escritor confidenciou em seu *Diário Íntimo* em março de 1916:

Meu livro, o *Policarpo*, saiu há quase um mês. Só um jornal falou sobre ele três vezes (de sobra). Em uma delas, Fábio Luz assinou um artigo bem agradável. Ele saiu nas vésperas do carnaval. Ninguém pensava em outra coisa. Passou-se o carnaval e Portugal teve a cisma de provocar guerra com a Alemanha. As folhas não se importavam com outra coisa senão com o gesto comicamente davidinesco de Portugal. Enchiam colunas com notícias como esta: “A esquadra portuguesa foi mobilizada. Acham-se em pé de combate o

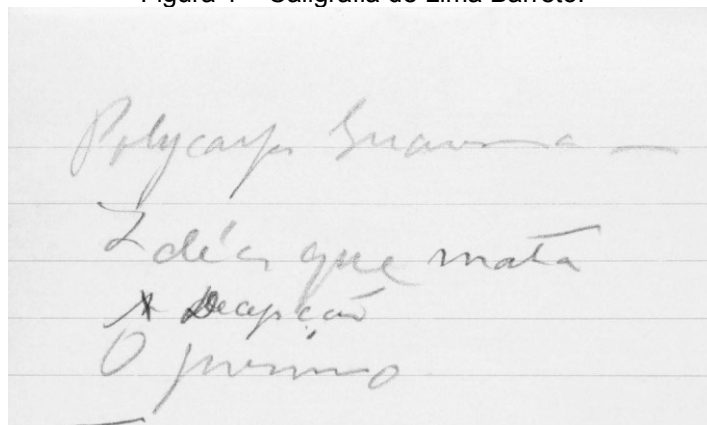
couraçado *Vasco da Gama*, o cruzador *Adamastor*, a corveta *dona Maria da Glória*, a nau *Catarineta*, a caravela *Nossa Senhora das Dores*, o brigue *Voador* e o bergantim *Relâmpago*". E não têm tempo de falar no meu livro, os jornais, estes jornais de Rio de Janeiro.

*

O *Policarpo Quaresma* foi escrito em dois meses e pouco, depois publicado em folhetins no *Jornal do Comércio* da tarde, em 1911. Quem o publicou foi José Félix Pacheco. Emendei-o como pude e nunca encontrei quem o quisesse editar em livro. Em fins de 1915, devido a circunstâncias e motivos obscuros, cisme em publicá-lo. Tomei dinheiro daqui e dali, inclusive do Santos, que me emprestou trezentos mil-réis, e o Benedito imprimiu-o. Os críticos generosos só lembravam diante dele do dom Quixote. V. Oliveira Lima e Afonso Celso. *Audaces fortuna jvant*. (BARRETO, 2018, p. 585)

Com as palavras de Lima Barreto sobre o *Triste fim de Policarpo Quaresma*, chegamos ao ápice da carreira literária de Lima Barreto, a publicação daquela que seria sua obra mais popular, a obra que eternizaria seu autor. Mesma obra que, nas palavras desanimadas de Barreto, não teve a repercussão imediata que ele tanto esperava. Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo aponta o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* como “um divisor de águas entre a fase mais fecunda do escritor e o período entrecortado de tribulações em todos os sentidos que atingiram Lima Barreto, levando-o da gradativa dependência de álcool às diversas estadas no hospício” (1997, p. 275). Em seus manuscritos, anteriores às confissões acima, o romancista mostra a potência e a capacidade destrutiva que pode ter o lançamento de um livro, inclusive aquele que estava idealizando: “Policarpo Quaresma. Ideia que mata. A decepção. O prêmio” (BARRETO, 2018, p. 554), ou, conforme a interpretação de Eliana Vasconcellos, “O pessimismo” (2011, p. 1289, *apud* SCHWARCZ, 2017. p. 312).

Figura 1 – Caligrafia de Lima Barreto.



Fonte: SCHWARCZ (2017, p. 313).

A reprodução acima do manuscrito original mostra a “letra tão má” do autor. Segundo o próprio romancista, escreveria o livro em apenas “dois meses e pouco”, no intervalo entre a produção de outras duas obras-primas, os contos “A nova Califórnia”, de novembro de 1910, e “O homem que sabia javanês”, de abril de 1911. Nas palavras do seu biógrafo, Lima Barreto “Trabalhou-o com paixão, entregando-se por inteiro a sua composição, vertiginosamente, como se estivesse em estado de transe” (BARBOSA, 2017, p. 207).

Lima utilizava seu tempo livre na repartição pública onde trabalhava para desenvolver seus projetos literários. Os manuscritos que deram origem à obra foram escritos em folhas de almanaque com o nome da Secretaria da Guerra, totalizando 254 fôlios que o escritor teve o cuidado de guardar, mesmo depois de sua publicação. O romance, inicialmente divulgada na edição vespertina de um dos periódicos mais importantes em circulação no Rio, o *Jornal do Comércio*, entre 11 de agosto e 19 de outubro de 1911, seria publicado em livro apenas no final de 1915. Os folhetins estavam em alta naquele momento, pois o gênero havia sido adotado por importantes autores e foi também utilizado como suporte para escritores iniciantes. *Triste fim...* foi dividido em 52 folhetins que narram desfechos tristes do protagonista.

O enredo do romance é dividido em três partes, que abordam diferentes reformas propostas pelo protagonista no intuito de salvar seu país. Na primeira parte conhecemos o Major Policarpo Quaresma, suas características peculiares e sua devoção pela pátria. Solteiro, funcionário público e de hábitos conservadores, Policarpo era leitor voraz de obras de escritores brasileiros. Com isso, ele chegou à compreensão de que precisava salvar o Brasil por meio de uma reforma nos costumes. Seu ponto de partida foi tomar lições de violão com Ricardo Coração dos Outros, compositor e cantor de modinhas. O passo mais ousado, no entanto, foi seu profundo estudo da língua tupi e seu desejo em substituir a língua portuguesa, herança da colonização, pela língua dos primeiros habitantes do Brasil. Para isso, o Major redigiu um documento oficial solicitando que o Congresso Nacional decretasse o tupi-guarani como língua oficial do país. A partir disso, presenciamos o primeiro “triste fim” de Policarpo, que é internado em um sanatório até ser curado de sua “loucura”. Ainda nessa parte do romance, conhecemos a sua irmã Adelaide, com quem ele vivia; o general Albernaz e sua filha Ismênia; e a afilhada de Quaresma, Olga.

A segunda parte do romance marca a saída de Policarpo do sanatório e seu interesse pela agricultura, motivado, em partes, pela sua afilhada, Ismênia. O Major e

sua irmã vão morar no Sítio Sossego, onde ele tem a oportunidade de aplicar tudo aquilo que havia lido em livros de geografia, biologia e botânica. Aliás, Policarpo tinha um enorme conhecimento teórico da flora e fauna brasileiras, porém, em pouco tempo descobriria que a realidade é bem diferente daquela que ele imaginava. O principal objetivo de Quaresma era mostrar aos seus compatriotas que o Brasil possuía o melhor solo do mundo e que era possível haver uma reforma por meio da agricultura. Logo percebeu que a má qualidade do solo, a impossibilidade de exterminar as ervas daninhas e as saúvas que destruíam suas colheitas, o baixo rendimento na venda dos produtos e os problemas de política local o impediram de concretizar sua reforma.

Na terceira parte do romance, logo após voltar ao Rio de Janeiro, motivado pela Revolta da Armada que começava a despontar, o Major Quaresma alista-se no Exército e comanda um batalhão de 40 homens a favor de Floriano Peixoto. Aqui é marcada sua última tentativa de reforma social, a reforma pela política. Depois de dedicar-se às mudanças políticas propostas por Peixoto, Policarpo tem um encontro com o presidente da República e sai completamente decepcionado com a figura que acabara de conhecer. Depois disso, é mandado com a função de carcereiro para a Ilha das Enxadas. Lá, percebendo a injustiça e o desrespeito aos direitos humanos quando um grupo de prisioneiros são condenados ao fuzilamento, Quaresma redige uma carta de crítica ao presidente. Em decorrência da afronta que representou o envio da carta, seria enviado à Ilha das Cobras e teria o mesmo fim dos prisioneiros que havia tentado salvar.

Depois desse breve resumo do romance, selecionamos e organizamos a recepção crítica sobre a obra e a escrita de Lima Barreto, abordando os elementos que apresentam maior relevância para compreendermos a evolução do entendimento e da valorização de sua obra. As informações são dispostas levando em consideração três períodos temporais: aquelas durante sua vida, aquelas depois de sua morte e aquelas mais recentes à realização desta pesquisa. O levantamento inicial terá como base o dossiê organizado por Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo na edição crítica de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, da coleção *Archivos*, que reúne artigos e críticas de grandes nomes da literatura brasileira. Outras fontes são consultadas para críticas mais recentes.

Iniciamos com as críticas que o autor recebeu durante sua vida. Dirce Côrtes Riedel, ao fazer um levantamento dos críticos contemporâneos à obra *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*, nos lembra que para Barreto, a única crítica que era capaz

de lhe aborrecer era a crítica do silêncio. Longe disso, Riedel nos mostra que “A crítica contemporânea lhe apresentou um considerável saldo positivo, o que não era de esperar, dada a força dos consultórios gramaticais de então e os preconceitos de cor e de camadas sociais. O escritor foi consagrado entusiasticamente por um grande número de intelectuais” (1997, p. 365). Três críticas, a seguir, representam o cenário crítico de sua obra ainda em vida.

Monteiro Lobato foi um desses grandes nomes que registrou sua impressão sobre a obra de Barreto. No um artigo “Lima Barreto”, publicado em março de 1919, em *Livros Novos*, o autor enuncia que não é exagero dizer que o escritor carioca lançou uma nova fórmula de romance, com uma crítica social sem doutrinário dogmático. Para Lobato, as obras de Barreto não receberam a repercussão merecida. O seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, foi pouco comentado pela imprensa, esta ofendida pela temática jornalística exposta com inaudita irreverência. Sobre *Triste fim...*, Lobato afirma:

Publicou depois o *Triste fim de Policarpo Quaresma*, e está na memória de todos a impressão profunda, algo desnorteadora, desse magnífico estudo de caracteres e costumes, onde se escalpam cruelmente umas tantas ideias correntes, transformadoras em tabu pela ausência de crítica sincera. (LOBATO, 1997, p. 425)

Na sequência, Monteiro Lobato discorre sobre outros dois romances, suas recepções e suas críticas. Começando por *Numa e a Ninfa*, sua crítica está na forma apressada da composição da obra, a qual ele aponta como “mais fraco que os anteriores” (1997, p.425). Em seguida, o romance *Vida e morte de MJ. Gonzaga de Sá* é reconhecido como aquele que veio para “colocar o autor em plano alto de destaque na plêiade dos nossos romancistas” (1997, p. 425). A partir disso, Lobato aproxima Barreto de Machado de Assis, elevando características singulares presentes na sua escrita:

Nos livros tão cariocas de Machado de Assis o leitor entrevê desvãos do Rio. Machado, criador de almas, raro curava da paisagem urbana. Em Lima Barreto conjugam-se equilibradamente as duas coisas: o desenho dos tipos e a pintura do cenário; por isso dá ele, melhor do que ninguém, a *sensação* carioca. É um revoltado, mas um revoltado em período manso de revolta. Em vez de cólera, ironia; em vez de diatribe, essa *nonchalance* filosofante de quem vê a vida sentado num café, e amolentada por um dia de calor. (1997, p. 425-426)

Seguindo a mesma linha crítica que Lobato levantou quanto ao pouco crédito que Barreto vinha recebendo por suas obras, Jackson de Figueiredo, escreve o ensaio “Impressões Literárias”, publicado em *A Lusitana*, na edição de 10 junho de 1916. Mais tarde, o ensaio foi publicado no prefácio da edição *Feiras e Mafuás: artigos e crônicas*, integrante da coleção *Obras de Lima Barreto*, no ano de 1956. Sobre a inteligente ironia do autor e a baixa repercussão de suas obras, Figueiredo assinala:

E como, acima de tudo, Lima Barreto é um pensador, algumas vezes vai além da ironia como arma de combate, da ironia que é sempre melancólica, mas áspera, e se faz triste, tristíssimo, cheio de um dó imenso ante as nossas misérias. [...] Agora aparece Lima Barreto com *O Triste fim de Policarpo Quaresma* e, novamente, é quase absoluto silêncio... Mas tudo isso é indigno e revolta por fim. [...] Mas é como diz um eminente pensador alemão – “o que vive não morre”, e a obra de Lima Barreto está neste caso. (1997, p. 420, 421)

Ainda, Manuel de Oliveira Lima publicaria, no *O Estado de São Paulo* em 13 de novembro de 1916, sua crítica à *Triste fim de Policarpo Quaresma* e à recepção de Lima Barreto em seu tempo. A publicação viria a compor o Prefácio da edição *Obras de Lima Barreto* (1956). Nela, Oliveira Lima denomina o Major Quaresma como um “Dom Quixote nacional”, apontando características que aproximam a personagem de Barreto à canônica obra do espanhol Miguel de Cervantes. Quanto à recepção e estilo da obra, Oliveira Lima afirma:

O romance do Senhor Lima Barreto, se não alvoroçou a imprensa, impressionou fortemente quantos o leram. Não tenho ouvido a tal respeito uma opinião discrepante. É um grande livro, por consenso comum. A única pecha de que o tem ouvido culpar, não me parece absolutamente justa. Refere-se à linguagem, ou melhor ao estilo, julgado menos cuidado e por vezes incorreto, por ser uma linguagem simples e propositalmente desataviada. Por idêntico motivo era Eça de Queirós no começo tachado de escrever mal. O Senhor Lima Barreto procura felizmente não escrever bonito: antes, mil vezes, antes, singelo, familiar mesmo, do que pernóstico. (1997, p. 422-423)

Aqui já percebemos que, apesar da popularidade que sua obra alcançou, até mesmo seus críticos entenderam que foi pouco reconhecida e muitas vezes mal compreendida, principalmente pelo seu teor crítico e sua linguagem inovadora, porém, tida como “errada” naquele momento. Logo após sua morte, muitos outros críticos dedicaram-se a pesquisar sua obra. Elencamos a seguir observações de importantes pesquisadores do polissistema literário brasileiro do século XX que apresentaram

suas posições a respeito de Lima Barreto. Jorge Amado escreveu, em 12 de julho de 1935, o artigo “Lima Barreto, escritor popular” para o jornal carioca *A manhã*. Nele, o autor afirma a popularidade de Barreto, não pelo monumento erguido na Ilha de Paquetá, mas pelo nome do escritor que ainda ecoava pelo Rio de Janeiro. Um clube de futebol do subúrbio carioca chamou a atenção de Jorge Amado pelo nome da equipe: “Lima Barreto Futebol Clube”. A partir dessa descoberta, Amado desenvolve seu artigo, revelando a popularidade de Barreto e expressando seu incômodo com a tentativa das “elites” em silenciar a voz de Lima Barreto:

Homem do povo foi sempre um escritor do povo. O maior de todos os nossos romancistas se voltou para a vida dos pobres funcionários públicos, de todas as classes desfavorecidas. [...] E hoje alguns anos após a sua morte, as “elites” silenciam sobre ele com a consciência de classes que sabem conservar. Fala-se em todo o mundo. Celebram-se gênios que foram sempre familiares, sempre entre amigos. Mas Lima Barreto é como se não houvesse existido. Ninguém fala nele. Ele é perigoso... Não é bom dar um livro de Lima aos moços porque ele descrevia a miséria da vida dos pobres do Brasil... (AMADO, 1997, p. 429-430)

Sobre a campanha de apagamento do criador de Policarpo Quaresma, Jorge Amado defende que Barreto não precisava de elogios em jornais ou revistas, ele era um escritor do povo e o povo sabia disso (AMADO, 1997).

No livro *Noções de História das Literaturas* (1960), Manuel Bandeira cita os principais romances de Lima Barreto e, apesar de falar sobre o uso “incorreto da linguagem”, celebra o legado do romancista como ficção realista:

O romance carioca teve, depois de Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis, um representante de particular sensibilidade em Afonso Henriques de Lima Barreto (1881 - 1922), incorreto de linguagem, mas penetrante na observação dos costumes e da paisagem urbana e suburbana da sua cidade natal. (1997, p. 485)

Manuel Cavalcanti Proença, em artigo para o *Jornal de Letras* intitulado “Giros com eixo em Lima Barreto” (edição de julho de 1958), discorre sobre sua participação na organização e publicação do compilado *Obras de Lima Barreto* (1956). Proença apresenta *Triste fim...* como a “[...] primeira sacudidela no nacionalismo brasileiro daquela época” (PROENÇA, 1997, p. 484), além de trazer percepções sobre o redescobrimento de Lima Barreto e mostrar sua forte ligação com aspectos do modernismo:

Lima Barreto alcançou os começos da revolução modernista. Não adivinhou a importância do movimento e os moços revolucionários passaram por ele e mal o perceberam. Mas, vários dísticos seus estandartes – a função pragmática da literatura, a delenda gramatiquice, a consciência da realidade brasileira – já estavam incorporados na obra de Lima Barreto. (1997, p. 484)

Silviano Santiago, em seu livro *Vale quanto pesa* (1982), faz um ensaio intitulado “Uma ferroada no peito do pé (Dupla leitura de *Triste fim de Policarpo Quaresma*)”, no qual eleva o romance *Triste fim...* como aquele que oferece a melhor composição ficcional entre os demais romances de Barreto. Segundo ele, a qualidade e originalidade da composição do autor, que era conhecido pela negligência que envolvia o processo de criação literária, é resultado de uma escrita feita sob a pressão do dia a dia jornalístico, tendo, assim, obrigado o romancista a juntar os fios soltos da meada ficcional (SANTIAGO, 1997). Ao tratar da originalidade presente na obra, Santiago afirma:

A escrita ficcional ao mesmo tempo compartilha dos valores sócio-políticos e econômicos que vinham sendo veiculados por aquele discurso, e marca a necessidade de uma reviravolta – a nível de discurso – para que melhor se coloquem e se estudem os verdadeiros problemas nacionais. (1997, p. 539)

Por fim, chegamos à contribuição de Antonio Candido ao romancista. No ensaio “Os olhos, a barca e o espelho”, publicado em 1987 no livro *A educação pela noite e outros ensaios*, Candido revela algumas ideias sobre a escrita, os temas e a maneira como a vida pessoal de Barreto se misturava com sua obra. Segundo o crítico literário, um traço fundamental da escrita do autor era o propósito de criar oposição às tendências do “belo”, do “elegante”, do “profundo”, rejeitando o “bem-feito” e o “bem-acabado”, desmascarando a iniquidade da literatura do seu tempo. Lima Barreto é visto por Candido como um autor vivo e penetrante, com uma inteligência voltada com lucidez para o desmascaramento da sociedade em análise com suas próprias emoções, através de uma linguagem carregada de calor. Ainda, outros traços da composição literária de Barreto são mencionados:

Para Lima Barreto a literatura deveria ter alguns requisitos indispensáveis. Antes de mais nada, ser sincera, isto é, transmitir diretamente o sentimento e as ideias do escritor, da maneira mais clara e simples possível. Devia também dar destaque aos problemas humanos em geral e os sociais em particular, focalizando os que são fermento de drama, desajustamento, incompreensão. Isto porque no seu modo de entender ela tem a missão de contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência. (CANDIDO, 1997, p. 549)

A chegada de um novo século e o início do novo milênio vêm mostrando o quanto a literatura de Lima Barreto continua mais viva e atual do que nunca, mesmo depois de cem anos da sua escrita. Reflexo disso é o grande número de trabalhos científicos produzidos nas últimas décadas e o crescente número de leitores, que encontram em suas obras uma literatura militante, em conformidade com aquilo que as classes minorizadas vêm lutando para estabelecer seu espaço na sociedade.

Para abordarmos algumas das pesquisas realizadas nos últimos anos, elencamos um evento que promoveu a pesquisa e celebrou a obra do escritor carioca. Falamos aqui da FLIP, Feira Literária de Parati, que em sua edição de 2017 anunciou Lima Barreto como o autor homenageado. O esforço para homenagear o autor veio da jornalista Joselia Aguiar, atual curadora da FLIP, e da tradutora Denise Bottmann, que em conjunto com tantos outros pesquisadores levantaram uma série de pesquisas feitas sobre Lima Barreto. Entre eles está o pesquisador e professor da *King's College* de Londres, Felipe Botelho Corrêa, que identificou 164 textos inéditos de Lima Barreto que foram publicados sob pseudônimos nas revistas *Fon-Fon* e *Careta*. A compilação dos escritos está publicada no livro *Lima Barreto: sátiras e outras subversões*. Em entrevista a Eric Campi, publicada na *Revista Cult*, Corrêa fala sobre as últimas pesquisas que possibilitaram o evento:

A voz crítica de Lima Barreto ainda ecoa na nossa República, que em meio a tantas turbulências claramente não deixou de ser uma Bruzundanga. Nos últimos quinze anos um grande número de trabalhos reanimou a obra de Lima Barreto. Textos inéditos foram revelados em edições recentes alguns nos dois volumes com as crônicas que foram editados por Beatriz Resende e Rachel Valença; outros na edição com os contos que foram compilados pela Lilia Moritz Schwarcz, que está também escrevendo uma nova biografia. Nesse sentido, a demora em homenagear Lima Barreto simboliza e sintetiza uma série de pesquisas que foram feitas nesse começo de século 21 e um saudável desejo de discutir a obra e o legado desse autor. (CAMPI, 2017, [s.p])

Bem como anunciou Corrêa, o ano de 2017 foi ano em que surgiram publicações de obras e pesquisas sobre Lima Barreto no cenário nacional, tudo como parte do esforço de manter e divulgar o legado deixado pelo autor, que também se junta às pesquisas que acontecem em universidades fora do Brasil e às traduções mais recentes de suas obras. A seguir, a pesquisa buscará elementos para entender melhor como a obra de Lima Barreto se mantém viva em nossos dias, mas para isso, é preciso voltar para os momentos finais da vida do autor e fecharemos, assim, o contexto da vida do “triste visionário”.

3.3 LEVANTAMENTO DAS TRADUÇÕES DE LIMA BARRETO

No mês de novembro de 1922, a família Barreto seria impactada por dois eventos trágicos. Durante meses, todos estavam preocupados com o declínio das condições de saúde que vinha apresentando o patriarca dos Barretos. Segundo testemunhos dos irmãos de Lima Barreto⁶, o dia 1º de novembro amanhecera chovendo na Rua Major Mascarenhas, nº 26. A vida de João Henriques estava se aproximando do fim e Evangelina (irmã de Lima), chorava no ombro do irmão, antecipando a dor da perda. Lima Barreto ficara em seu quarto acompanhado de livros, revistas e jornais durante todo o dia, enquanto ela passara o dia ao lado do pai. À tardinha, a irmã volta ao quarto de Lima para levar-lhe chá e torradas. Sentado na cama, ele recebeu a bandeja perguntando da situação do pai, “Pior a cada momento – foi a resposta – Não posso deixá-lo. Tenho que voltar à sua cabeceira. [...] Uma hora depois, retornando ao quarto, encontraria o irmão morto” (BARBOSA, 2017, p. 339). A notícia da morte do filho, provocada pela gripe torácica e colapso cardíaco, tiraria todas as forças de João Henriques, que viria a morrer quarenta e oito horas depois.

A morte prematura de Lima Barreto não impossibilitaria que o autor construísse um legado. Logo após a sua morte, houve um período de esquecimento do autor no meio literário brasileiro, e alguns motivos podem ser apontados para isso ter acontecido. O principal deles pode ter sido o teor crítico de sua obra, que não foi bem aceito pela academia e pela imprensa burguesa, ainda mesmo em vida, como nos aponta João Antônio (1997, p. 486),

O escritor pagou durante a vida e durante 50 anos após a morte o atrevimento de uma obra descarnada e de firme consciência crítica de seu tempo e de seu país. Por meio século, Afonso Henriques de Lima Barreto, teve o seu nome na lista negra, caído no *index prohibitorum* dos maiores jornais brasileiros. O motivo central, além dos outros, foi a publicação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, em que abre e expõe os intestinos da vida de um jornal diário (flagrante o *Correio da Manhã*) por volta do ano de 1909. Isto só já bastaria para confirmar uma frase de Lima: ‘Eu não tenho inimigos, mas o meu livro os terá’.

⁶ “João, não. Afonso de Lima Barreto”, reportagem de Sílvio Fonseca em *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 10/04/1941. Entrevista com Carlinho Lima Barreto, irmão do romancista. Os demais pormenores dos últimos dias foram relatados à Francisco de Assis Barbosa, no livro *A vida de Lima Barreto*, por D. Evangelina de Lima Barreto.

O crítico João Antônio, aqui, trata de um hiato temporal entre a morte de Lima e as primeiras traduções de seus romances para a língua inglesa, vide a publicação da tradução de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, “encadernado e bem vestido” (1997, p. 486) pela *Rex Collings*, em Londres, em 1978. Porém, a visibilidade que levou o romance de Barreto a ser traduzida para o inglês teve seu início com o esforço e a dedicação das pesquisas de Francisco de Assis Barbosa. Beatriz Resende homenageia o biógrafo na décima primeira edição de *A vida de Lima Barreto*, por todo seu trabalho de redescobrir o legado de Lima Barreto e pela imensurável contribuição que sua pesquisa trouxe para a literatura brasileira:

O esforço e a dedicação de Francisco de Assis Barbosa ao escritor carioca começou pelo resgate dos originais deixados no guarda-comidas da casa em Todos os Santos, após ganhar confiança da família, especialmente da irmã, D. Evangelina de Lima Barreto, que se tornou importante fonte de informações. [...] O resultado de tudo isso foi não só *A vida de Lima Barreto*, mas também a possibilidade de dar ao público leitor as *Obras de Lima Barreto* em 17 volumes (RESENDE, 2017, p. 12).

A coletânea *Obras de Lima Barreto*, citada por Resende, refere-se ao conjunto da obra completa do escritor, organizadas por Barbosa, em 1956, com a colaboração de Antonio Houaiss e Manuel Cavalcanti Proença. O corpo da primeira edição de *A vida de Lima Barreto* é publicada em 1952, há exatos 30 anos da morte do autor.

Não há dúvidas de que o empenho de Barbosa e de tantos outros pesquisadores contribuíram para que a obra de Lima Barreto voltasse a figurar sua importância na literatura brasileira, apesar disso, vale destacar outra figura do polissistema literário que desempenhou significativo papel em tal processo: o tradutor. Verifica-se a seguir, que mesmo antes da publicação da coletânea *Obras de Lima Barreto*, em meados da década de 1940, surgiram as primeiras traduções da obra barretiana em língua espanhola.

Um recente levantamento de todas as traduções feitas da obra do romancista, realizado pela pesquisadora e tradutora Denise Bottmann, foi publicado na Revista da Anpoll, na edição de jan./abr. de 2018. A intensa pesquisa levantou toda bibliografia barretiana em tradução, abrangendo a maioria das publicações de obras do autor em língua estrangeira, sejam elas em livros físicos ou edições digitais até o ano de 2017. Foram encontrados 50 volumes contendo traduções do autor em 15 idiomas diferentes. Dos 50 volumes, um terço representa obras de Barreto contidas em antologias com vários outros autores brasileiros ou da América Latina. O quadro a

seguir apresenta, de forma sistematizada, os 15 idiomas para os quais as obras foram traduzidas, organizados com os títulos da obra traduzida, seguidos pelos títulos originais para melhor identificação. Na sequência estão os tradutores das respectivas obras, quando foi possível a identificação e, por último o ano de publicação em ordem da primeira à mais recente. Foram acrescentadas ao quadro as traduções publicadas após o levantamento feito por Bottmann, levantadas nesta pesquisa.

Quadro 1 – Levantamento das traduções das obras de Lima Barreto

Idioma	Obra em português	Tradução	Tradutor (a)	Ano
Alemão	O homem que sabia javanês	Der Mann, der Javanisch konnte	-----	1962
	A nova Califórnia	Neu-Kalifornien	-----	1994
	Triste fim de Policarpo Quaresma	Das Traurige Ende des Policarpo Quaresma	Berthold Zilly	2001
	Congresso panplanetário	Der pan-planetarische Kongress	Ulrike Jürgens	2013
	O homem que sabia javanês	Der Mann, der Javanisch konnte	Ulrike Jürgens	2013
	O homem que sabia javanês	Der Mann, der Javanisch konnte	-----	2013
Catalão	Triste fim de Policarpo Quaresma	El trist final d'um Policarpo Quaresma	Josep Domènech Ponsatí	2017
Chinês	O homem que sabia javanês	Huì zhǎowāyǔ de rén	-----	2012
Espanhol	O homem que sabia javanês	El hombre que sabía javanês	-----	1946
	O homem que sabia javanês	El hombre que sabía javanês	Raúl Navarro	1946
	O homem que sabia javanês	El hombre que sabía javanês	-----	1955
	Triste fim de Policarpo Quaresma	El Triste Fin de Policarpo Quaresma	Haydée M. Jofre Barroso	1978
	O homem que sabia javanês	El hombre que sabía javanês	Manuel Graña Etcheverry	1996
	O homem que sabia javanês	El hombre que sabía javanês	José Luis Sánchez	2004
	A nova Califórnia	La nueva California	-----	2005
	Recordações do escrivo Isaiás Caminha	Recuerdos del escribano Isaiás Caminha	Javier Díaz Noci	2007
	Os Bruzundangas	Los bruzundangas: una sátira política	Ezequiel Bajder	2008
	A nova Califórnia	La nueva California y otros cuentos	Pablo Roca	2008
	Triste fim de Policarpo Quaresma	El triste fin de Policarpo Quaresma	-----	2012
	Cemitério dos Vivos	El cementerio de los vivos	Victor David López e Aline Pereira da Encarnação	2014
	Os Bruzundangas	Los Bruzundangas	Juan Bautista Rodríguez Aguilar	2016

Esperanto	O homem que sabia javanês	La Homo, kiu scipovis la javan lingvon	Paulo Sergio Viana	2009
Francês	Sua Excelência	Son excellence	Catherine Orfila	1980
	Recordações do escrivo Isaias Caminha	Souvenirs d'un Gratte-Papier	Monique Le Moing e Marie-Pierre Mazeas	1989
	Triste fim de Policarpo Quaresma	Sous la Banniere Etoilee dela Croix du Sud	Monique Le Moing e Marie-Pierre Mazeas	1992
	Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá	Vie et Mort de Gonzaga de Sá	Monique Le Moing e Marie-Pierre Mazeas	1994
		Un Amer Tourment	Monique Le Moing	1998
	O filho de Gabriela	Le Fils de Gabriela	Monique Le Moing	1998
	A nova Califórnia	La Nouvelle Californie	Monique Le Moing	1999
	O homem que sabia javanês	L'homme qui parlait javanais	Monique Le Moing	1999
	Lívia	Livia	Monique Le Moing	1999
	Sua Exelência	Son excellence	Monique Le Moing	1999
	Adélia	Adélia	Monique Le Moing	1999
	O meu carnaval	Mon carnaval	Monique Le Moing	1999
	Cló	Cló	Monique Le Moing	1999
Grego	A nova Califórnia	Η νέα Καλιφορνία	Kriton Heliópoulos	2014
Inglês	Triste fim de Policarpo Quaresma	The sad end of Policarpo Quaresma	Gregory Rabassa	1977
	Triste fim de Policarpo Quaresma	The Patriot	Robert Scott-Buccluch	1978
	Clara dos Anjos	Clara dos Anjos	Rosa Veloso Dwyer e John P. Dwyer	1979
	Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá	Life and Death of M.J. Gonzaga de Sá	Rosa Veloso Dwyer e John P. Dwyer	1979
	O homem que sabia javanês	The man who knew Javanese	Gregory Rabassa	1999
	O homem que sabia javanês	The man who knew Javanese	Clifford E. Landers	2006
	Triste fim de Policarpo Quaresma	The sad end of Policarpo Quaresma	Mark Carlyon	2014
	Triste fim de Policarpo Quaresma	The tragic death of Policarpo Quaresma	Luciano Beck	2012
	A biblioteca	The library	Francis K. Johnson	2013
	O homem que sabia javanês	The man who spoke Javanese	Francis K. Johnson	2013
	O número da sepultura	Late bet	Francis K. Johnson	2013
	Boa medida	Good idea	Francis K. Johnson	2013
	Os enterros de Inhaúma	Burials at Inhaúma	Francis K. Johnson	2013
	Triste fim de Policarpo Quaresma	The decline and fall of Policarpo Quaresma	Francis K. Johnson	2014
	Milagre do Natal	A christmas miracle	Francis K. Johnson	2018
	O único assassinato de Cazuza	Cazuza's one and only murder	Francis K. Johnson	2018
	A cartomante	The clairvoyant	Francis K. Johnson	2018
	Despesa Filantrópica	Revolver	Francis K. Johnson	2018
Clara dos Anjos (Conto)	Clara dos Anjos (Short story)	Francis K. Johnson	2019	

	Clara dos Anjos (Romance)	Clara dos Anjos (Novel)	Francis K. Johnson	2019
	A nova Califórnia	New California	Francis K. Johnson	2019
Italiano	Triste fim de Policarpo Quaresma	Policarpo Quaresima	Ombretta Borgia e Sergio Magaldi	2004
	Cemitério dos Vivos	Il cimitero dei vivi	S. Marianecchi	2007
	Os Bruzundangas	Nella terra di Bruzundanga	-----	2013
	Clara dos Anjos	Clara dos Anjos	R. Santini e F. Gurgone	2013
Japonês	O homem que sabia javanês	Java gowo shaberú otoko	Hirokawa Kazuko	1977
Polonês	Triste fim de Policarpo Quaresma	Smutny konied Polikarpa Quaresmy	Janina Zofia Klave	1984
Romeno	Triste fim de Policarpo Quaresma	Tristul sfîrşit al lui Policarpo Quaresma	Alexandru Lincu	1991
Russo	Recordações do escrivo Isaias Caminha	Записки Архивариуса	-----	1965
	Triste fim de Policarpo Quaresma	Зщдшсфкзщ Йгфкуььф	-----	2017
Sueco	A nova Califórnia	Ett Nytt Kalifornien	Arne Lundgren	1988
Tcheco	Triste fim de Policarpo Quaresma	Smutný konec snazivého Policarpa	Jarmila Vojtisková	1974

Fonte: Elaborado com base no levantamento feito por Denise Bottmann (2018) e pesquisas feitas pelo autor.

Em análise ao quadro 1, verificamos que as primeiras manifestações da obra de Lima Barreto em outra língua são duas traduções para o espanhol, datadas de 1946. Ambas estão publicadas em antologias de contos brasileiros. A primeira delas está presente na *Primera antología de cuentos brasileños*, com o conto “El hombre que sabía javanés”, e no levantamento feito por Bottman não é mencionado o nome do tradutor⁷. A segunda é uma tradução do mesmo conto, realizada por Raúl Navarro, presente na *Pequeña antología de cuentos brasileños*⁸. A propósito, o conto “O homem que sabia javanês”, publicado pela primeira vez em 1911, é a obra de Barreto com maior número de traduções, 15 ao total, acompanhada pelo romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, que possui o mesmo número.

Francisco de Assis Barbosa exhibe os impactos da disseminação da obra de Barreto por meio das traduções. Nos prefácios das quinta e sexta edições de *A vida de Lima Barreto* (nos anos de 1974 e 1981, respectivamente), o biógrafo elenca as pesquisas que começam a acontecer em língua inglesa, principalmente, a partir da tradução e dos estudos de Robert L. Scott-Bucleuch, professor da Universidade St.

⁷ *Primera antología de cuentos brasileños*. Sel. Braulio Sánchez Sáez. Contém “El hombre que sabía javanés”. Colección Austral, 596. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1946.

⁸ *Pequeña antología de cuentos brasileños*. Sel. Marques Rebelo. Contém “El hombre que sabía javanés”. Tradução Raúl Navarro. Colección Mar Dulce. Buenos Aires: Nova, 1946.

Andrews, na Inglaterra, e antigo professor-associado na Universidade Nacional de Brasília. Barbosa ainda cita outros pesquisadores, como o norte-americano Gregory Rabassa, da Universidade de Columbia, que também traduziu obras de Lima Barreto. Além dessas, na quinta edição, o biógrafo demonstra sua empolgação com a repercussão do autor, ao dedicar um espaço na biografia para reproduzir a página inicial da tradução de *Triste fim de Policarpo Quaresma* para o idioma tcheco, traduzido por Jarmila Vojtísková, em 1974, sob o título *Smutný konec snazivého Policarpa*⁹.

No levantamento de Bottmann, o idioma com o maior número de traduções era o espanhol, com 13 edições de diferentes obras; seguindo pelo inglês, com 9; e o francês, com 8 traduções. A pesquisadora verificou que havia uma predileção por certos títulos de Barreto e traduções em poucas línguas. Segundo Bottman (2018), o idioma francês se destaca como aquele em que a obra de Lima Barreto teve mais variedade de títulos traduzidos e revela uma presença maior do autor naquele polissistema, levando em consideração a abrangência das publicações francesas que se concentram em maior número apenas na França, diferente das traduções do espanhol, por exemplo, que se distribui em vários países, ou do próprio inglês.

Com o levantamento das obras traduzidas por Francis K. Johnson nos anos de 2018 e 2019, o idioma com o maior número de traduções passa a ser o inglês, com 21 traduções de diferentes títulos. O mesmo idioma concentra a maior variedade de títulos traduzidos, totalizando 14 obras de Barreto.

Lima Barreto é apresentado aos falantes de língua inglesa pela primeira vez no ano de 1977, com a tradução de sua obra mais conhecida, sob o título *The sad end of Policarpo Quaresma*, traduzida por Gregory Rabassa¹⁰. Depois disso, a tradução de *Triste fim...* é realizada por mais quatro tradutores, sendo a última publicada no ano de 2014. Além das cinco traduções da mesma obra, existem três traduções de “O homem que sabia javanês”¹¹, sendo que a última edição é acompanhada de outros

⁹ *Smutný konec snazivého Policarpa*. Tradução Jarmila Vojtísková. Praga: Odeon, 1974.

¹⁰ *The Borzoi Anthology of Latin American Literature*. Org. Emir Rodríguez Monegal e Thomas Colchie. Contém “The sad end of Policarpo Quaresma”. Tradução Gregory Rabassa. Nova York: Knopf, 1977.

¹¹ *The Oxford Book of Latin American short stories*. Org. Roberto Gonzalez Echevarria. Contém “The man who knew Javanese”. Tradução Gregory Rabassa. Nova York: Oxford University Press, 1999. *Oxford Anthology of the Brazilian Short Story*. Org. K. David Jackson. Contém “The man who knew Javanese”. Tradução Clifford E. Landers. Oxford: Oxford University Press, 2006.

contos¹², e uma tradução de *Clara dos Anjos* e outra de *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*¹³.

Em se tratando das cinco edições de *Triste fim de Policarpo Quaresma* para o idioma inglês, aprofundaremos o levantamento, trazendo breves informações de cada uma das traduções. Iniciamos pela tradução, já citada acima, de Gregory Rabassa. Ela está presente no primeiro volume da coleção *The Borzoi Anthology of Latin American Literature*, organizada e editada por Emir Rodríguez Monegal, publicada em New York pela editora Knopf, em junho de 1977, que reúne várias obras literárias de diferentes autores da América Latina.

O capítulo dedicado ao escritor Lima Barreto, que está na parte três do volume, *“The return of the Galleons”*, entre o novelista mexicano Martín Luiz Guzmán e o escritor brasileiro Graciliano Ramos, é composto por um conciso ensaio da vida e obra do autor e pela tradução parcial de *Triste fim...* Na Introdução da parte três da antologia, Guzmán (1977) apresenta Lima Barreto como, possivelmente, o melhor dos naturalistas; um autor que recentemente havia sido reconhecido como um importante romancista. Já no capítulo dedicado a Barreto, Guzmán (1977, p. 433) compara o escritor a Machado de Assis, que em suas palavras, “nunca escreveu como um negro”¹⁴ (1977, p. 433 [tradução nossa]), diferente de Barreto, que “nunca escreveu como um homem branco”¹⁵ (1977, p. 433 [tradução nossa]). Além disso, é abordada a vida do autor e as influências que recebeu dos romances russos. Um apanhado geral de suas obras e um breve resumo e análise de *Triste fim...* também fazem parte do capítulo.

Na sequência está a tradução parcial do capítulo “Você, Quaresma, é um visionário” que compõe a terceira parte do romance, traduzido especialmente, por Gregory Rabassa, para integrar o primeiro volume da antologia. A tradução representa um pouco mais da metade do capítulo, e sua fragmentação pode ser explicada pelo grande número de autores e obras presentes nesse volume da antologia. A escolha da tradução desse capítulo em específico não fica clara, porém é possível considerar

¹² *Tales from Old Brazil*, vol. 1. Contém “The library”; “The man who spoke Javanese”; “Late bet”; “Good idea”; “Burials at Inhaúma”. Sel. e tradução Francis K. Johnson. Coleção Brazilian Classics. *Kindle Editions*, 2013.

¹³ *Lima Barreto, bibliography and translations*. Org. Maria Luísa Nunes. Contém “Clara dos Anjos”, tradução Earl E. Fitz; e “Life and Death of M.J. Gonzaga de Sá”, tradução Rosa Veloso Dwyer e John P. Dwyer. Boston: G. K. Hall, 1979.

¹⁴ “While Machado de Assis never wrote as a mulatto [...]. (GUSMÁN, 1977, p. 433) Tradução nossa.

¹⁵ [...] one of his followers, Lima Barreto, never wrote as a white man. (GUSMÁN, 1977, p. 433) Tradução nossa.

que a opção se justifique pelo teor histórico e político presente no momento particular do enredo, que vem a calhar com as informações preliminares presentes no capítulo da antologia.

Apesar de Barbosa não trazer essa tradução em seu livro biográfico de Barreto, ele nos apresenta Gregory Rabassa como quem “[...] continuou os estudos iniciados por Sayers, em *O negro na literatura brasileira* (tradução e notas de Antônio Houaiss, 1958), ao publicar *O negro na ficção brasileira* (tradução de Ana Maria Martins, 1965), com um capítulo sobre Lima Barreto” (BARBOSA, 2017, p. 20). Além disso, segundo o levantamento de Bottmann (2018), Rabassa também fez a tradução de “The man who knew Javanese”, presente na antologia *The Oxford Book of Latin American short stories* (1999).

A segunda tradução foi publicada no ano seguinte, em 1978, desta vez em Londres, pela editora Rex Collings. Sob o título de *The Patriot* e tradução de Robert Scott-Buccleuch, essa tradução recebeu maior visibilidade que a anterior, tanto por parte do público em geral, quanto no meio acadêmico. Foi a primeira em língua inglesa a ser publicada em uma edição exclusiva, não em uma antologia. Não foi constatado que Scott-Buccleuch tenha traduzido alguma outra obra de Lima Barreto. Apesar de se tratar de uma edição rara e, no momento, esgotada, foi possível ter acesso ao livro físico aqui no Brasil, o que possibilitou a realização deste trabalho. Abordaremos a tradução e o tradutor com maior profundidade no terceiro capítulo desta pesquisa.

Em setembro de 2011, trinta e três anos depois da segunda tradução, um projeto patrocinado pelo Instituto Light com apoio da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, publica uma edição bilíngue do romance de Lima Barreto (português/inglês), intitulada *The sad end of Policarpo Quaresma*. Com tradução do britânico Mark Carlyon, a edição é o quarto volume da coleção *River of January*, que teve como objetivo apresentar um retrato da vida e costumes do Rio de Janeiro por meio de obras literárias. Nessa coleção, Lima Barreto é acompanhado de outros grandes nomes da literatura carioca, como João do Rio, Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis. Mais tarde, a mesma tradução é publicada, apenas em inglês, pela editora *Penguin*, em Londres, no ano de 2014.

The tragic death of Major Policarpo Quaresma é a quarta tradução e foi realizada por Luciano Beck. Essa tradução foi publicada apenas em meios digitais no ano de 2012. A obra faz parte da coleção *Great Brazilian Classics*, publicada pela

editora *iBooksFromBrazil*, de Porto Alegre. Poucas informações foram encontradas sobre a edição e sobre o tradutor em repositórios acadêmicos.

Por fim, chegamos à quinta e última tradução da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma* para a língua inglesa. Trata-se da tradução de Francis K. Johnson, intitulada *The decline and fall of Policarpo Quaresma*, publicada em 2014 pela editora *Kindle Editions*. A edição, produzida apenas em formato *e-book*, faz parte da coleção *Brazilian Classics*, que comporta outro volume com 20 contos de vários autores brasileiros, entre eles alguns de Lima Barreto. Todos os textos foram traduzidos por Johnson. Assim como a tradução de Robert Scott-Buccluch, a tradução de Francis K. Johnson, que são traduções completas do romenace, será analisada no terceiro capítulo, onde também será apresentada uma entrevista exclusiva realizada com o tradutor.

4. ANÁLISE DESCRITIVA DAS DUAS TRADUÇÕES

Este capítulo tem o objetivo de apresentar uma análise descritiva de duas traduções do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, para a língua inglesa. Como base para esta dissertação, utilizaremos a linha de pesquisa dos Estudos Descritivos da Tradução, com destaque nas normas propostas por Toury (2012), nas perspectivas teóricas de Venuti (2002) e Lefevere (2007), bem como no esquema para descrição de tradução elaborado por Lambert e Van Gorp (2011).

Para melhor desenvolvimento e organização da análise, a primeira tradução completa do romance, publicada em 1978, de autoria de Robert Scott-Bucleuch, será referenciada, a partir de agora, com a abreviatura T1. A tradução mais recente da obra, publicada em 2014 e de autoria de Francis K. Johnson, será referenciada doravante como T2. Ademais, a obra utilizada em língua-fonte é a edição da Coleção Archivos (1997), com texto estabelecido por Francisco Venceslau dos Santos.

A estrutura deste capítulo compreende, inicialmente, a pesquisa de elementos da vida e obra dos tradutores que contribuirão no estudo de suas traduções. Posteriormente, a análise sistematizada em quatro níveis conforme o esquema (LAMBERT; VAN GORP, 2011) apresentado no capítulo 2 desta dissertação. As normas propostas por Toury (2012) permearão toda a análise e a seção de considerações finais. Para as análises de macro e microníveis são empregados os “Procedimentos técnicos de tradução – uma proposta de reformulação” de Rafael Lanzetti *et al.* (2009). Tais procedimentos são, segundo Barbosa (1990, p 17, *apud* (LANZETTI *et al.*, 2009, p. 1), “ações de cunho linguístico e técnico praticadas por tradutores a fim de realizar pragmaticamente o processo de tradução”.

4.1 OS TRADUTORES

Esta seção do capítulo de análise visa levantar dados biográficos e de publicações dos tradutores Robert Scott-Bucleuch e Francis K. Johnson com o intuito de verificar e identificar aspectos do polissistema literário no qual estão inseridos. Os dados apresentados servirão de suporte para analisar e elucidar algumas das escolhas dos tradutores no intercâmbio cultural entre os polissistemas literários brasileiro e inglês.

4.1.1 Robert Scott-Buccleuch

O pesquisador e tradutor britânico Robert Lascelles Scott-Buccleuch graduou-se em Línguas Modernas pela Universidade de St. Andrews, no Reino Unido, e foi professor-associado na Universidade de Brasília (UnB) entre 1963 e o início da década de 1970 (BARBOSA, 2017; COSTA, 2016). Como um Oficial do Conselho Britânico, Scott-Buccleuch viveu no Brasil durante muitos anos. Fundou e coordenou o Departamento de Língua e Literatura Inglesa na UnB e, em seguida, foi superintendente de educação na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, no Rio de Janeiro. Em 1974 recebeu do governo brasileiro o prêmio “Ordem do Rio Branco” pelos seus trabalhos prestados ao país. Pela Academia Brasileira de Letras, Scott-Buccleuch foi homenageado com a “Medalha Machado de Assis” em 1978 (BARBOSA, 1994; COSTA, 2016). Sabe-se que o tradutor viveu no Brasil desde a década de 1960, quando veio pela primeira vez ao país. Nos anos de 1990, o tradutor morou em São Vicente, litoral de São Paulo, e morreu na cidade de São Paulo no dia 12 de novembro de 1992 (COSTA, 2016).

A longa relação de Robert Scott-Buccleuch com o Brasil e sua literatura é evidenciada pela sua vida acadêmica e pelo legado que deixou como tradutor da literatura brasileira. Com base no levantamento de narrativas de ficção brasileira traduzidas para o inglês no século XX feito por Morinaka (2017) e no mapeamento de traduções da literatura brasileira para o inglês elaborado por Melo (2017), são listadas as traduções de Scott-Buccleuch de obras da literatura brasileira, conforme o quadro 2:

Quadro 2 – Levantamento das traduções de Robert Scott-Buccleuch de obras em língua portuguesa.

Autor	Título em inglês	Título em português	Editora	Ano
Graciliano Ramos	São Bernardo	São Bernardo	<i>London: Peter Owen</i>	1975
	São Bernardo	São Bernardo	<i>New York: Taplinger Publishing Company</i>	1979
José Américo de Almeida	<i>Trash</i>	A bagaceira	<i>London: Peter Owen</i>	1978
Lima Barreto	<i>The Patriot</i>	Triste fim de Policarpo Quaresma	<i>London: Rex Collings</i>	1978
Machado de Assis	<i>Yayá Garcia</i>	Iaiá Garcia	<i>London: Peter Owen</i>	1976
	<i>The wager: Aires' jornal</i>	Memorial de Aires	<i>London/Chester Springs, PA: Peter Owen</i>	1990
	Dom Casmurro	Dom Casmurro	<i>London: Peter Owen; Chester Springs, PA: Dufour Editions</i>	1992
	Dom Casmurro	Dom Casmurro	<i>London: Penguin Books</i>	1994

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas pesquisas de Morinaka, 2017 e Mello, 2017.

Scott-Buccleuch, que se considerava um “tradutor amador” (STAUT, 1992), realizou traduções que abrangem quatro escritores brasileiros e seis obras diferentes. Machado de Assis é o autor mais traduzido, com três romances – *Iaiá Garcia*, *Memorial de Aires* e *Dom Casmurro* –, sendo que a última edição de sua tradução do romance *Dom Casmurro* foi publicada depois de sua morte. Sua primeira tradução, o romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, foi publicada em 1975. Além desses autores, Scott-Buccleuch traduziu o romance *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto.

A tradução do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, feita por Robert Scott-Buccleuch, foi comentada no artigo “Ficção como denúncia”, em 2008, pelo então ocupante da cadeira nº 8 da Academia Brasileira de Letras, Antonio Olinto. Ao relatar os percursos da tradução, Olinto revela:

Certo dia fui procurado pelo professor escocês Robert Scott-Buccleuch que me levou a tradução, que fizera, de ‘*O triste fim de Policarpo Quaresma*’. Na mesma hora, procurei o editor *Rex Collings*, que, associado à minha ‘Sel Editora’, lançou o livro. Houve um problema porque Scott-Buccleuch dera, ao romance, o título de ‘*The patriot*’, isto é, “O patriota”. Rex e eu pedimos que mudasse o título, mas o tradutor não concordou. Disse: ‘É o que Lima é, um patriota, inclusive o sentido cômico da palavra’. (2008, [s.p])

É importante destacar que Antonio Olinto escreveu o ensaio “A Brazilian Don Quixote”, especialmente para compor a edição *The patriot*. Porém, segundo Costa (2016), a tradução de *Triste fim...* foi realizada por Scott-Buccleuch treze anos antes de ser publicada, em 1965, quando o biógrafo de Barreto, Francisco de Assis Barbosa, o apresentou a Policarpo Quaresma, conforme suas próprias palavras:

Até então, eu jamais havia sequer ouvido falar de Lima Barreto, e muito menos lido suas obras. Mas, quando acabei de ler o *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, tive certeza de que esta era, sem dúvida, uma obra-prima, não apenas isso, mas uma obra-prima que merecia ser conhecida além dos limites do mundo de fala portuguesa. (SCOTT-BUCCLEUCH, 1982, p. 104, *apud* COSTA, 2016, p. 98)

Em resposta à publicação da tradução, Olinto (2008) destaca a repercussão do romance traduzido no polissistema literário anglofalante, com os estudos nas

universidades do Reino Unido, que reconheceram a importância de Lima Barreto e sua obra: “O livro saiu, foi discutido em universidades (a de Essex, a de Londres, a de Liverpool, a de Cambridge). Isto foi em 1978” ([s.p]).

A tradução da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis – última a ser realizada por Scott-Buccleuch –, repercutiu em universidades do Brasil, da Inglaterra e dos Estados Unidos, resultando em um considerável número de análises e críticas à sua tradução. Na primeira edição, publicada em 1992, faltam nove capítulos e meio do texto original de Machado, o que provocou, de um lado, uma onda de críticas ao tradutor e à editora (MacADAM, 2000; KRAUSE, 2015), e de outro lado, pesquisas e análises que visam restaurar a credibilidade da carreira do tradutor (BARBOSA, 1994; COSTA, 2016).

Esta pesquisa tem, unicamente, o objetivo de realizar uma análise descritiva de parte da obra *The Patriot* (1978), traduzida por Robert Scott-Buccleuch, sem levantar questões quanto às críticas de suas outras traduções. Reafirmamos que a presente análise descritiva dessa tradução do romance de Lima Barreto é inédita e, portanto, apresentará um estudo, tão somente, de Scott-Buccleuch como tradutor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

4.1.2 Francis K. Johnson

As informações levantadas nesta seção sobre o tradutor Francis K. Johnson são o resultado de uma entrevista exclusiva (Apêndice A) concedida ao pesquisador desta dissertação pelo tradutor e de informações coletadas do *website* “*A Šort Spel*”, administrado por Johnson.

O tradutor mora na cidade de Coventry, na Inglaterra. É graduado em Interpretação da Função Pública nos idiomas tcheco e português; em Tradução em língua portuguesa; e em 2013 obteve o título de mestre em Filosofia em Tradução pela Universidade de Bristol. Segundo Johnson, sua carreira profissional foi variada: foi seminarista, carteiro, oficial dos correios e telégrafos, registrador de nascimentos, mortes e casamentos, oficial administrativo na escola de arte de Coventry e, durante 22 anos, foi oficial administrativo do Instituto de Arte e Design de Birmingham. Quando se aposentou de seu emprego em Birmingham, no ano de 2008, tornou-se intérprete e tradutor *freelance* nos idiomas tcheco e português. Seu interesse pela língua

portuguesa remonta aos anos sessenta, quando se sentiu atraído pelo olhar e pelo som da língua (JOHNSON, 2021).

O *website* administrado por Francis comporta um variado conjunto de estudos e interesses do tradutor. Nele estão disponíveis artigos escritos ou citados pelo tradutor nos mais variados temas, principalmente no que se refere à arte e à literatura. No menu principal, o leitor é direcionado às seções principais, como: Galerias de Artes (um levantamento de galerias de arte por todo o Reino Unido), Artista, Poetas, Reforma ortográfica, *Ñspel* (nova forma ortográfica da língua inglesa desenvolvida em seus estudos), Traduções e outros temas.

A maioria de suas traduções estão disponíveis no *website*. São 15 traduções de obras do idioma tcheco, sendo em sua grande maioria contos de três autores, e três romances da escritora Hana Hindráková. Da literatura brasileira, Francis explica ao seu público que suas traduções são de contos de autores que, segundo a compreensão do tradutor, são pertencentes ao período da *Belle Époque* brasileira, incluindo o romance clássico de Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*. É importante destacar que Lima Barreto foi grande opositor das características do estilo cultural da *Belle Époque Tropical* e seu romance não está associado ao estilo do período. Ademais, os autores brasileiros traduzidos por Johnson são tradicionalmente vinculados a estéticas neoparnasianas e aos últimos lampejos naturalistas e realistas, misturados com traços românticos. As traduções das obras em língua portuguesa feitas por Francis se encontram organizadas no Quadro 3, abaixo:

Quadro 3 – Levantamento das traduções de Francis K. Johnson de obras em língua portuguesa.

Autor	Título em inglês	Título em português	Ano
Artur Azevedo	<i>The prettiest girl in Rio</i>	A moça mais bonita do Rio de Janeiro	2013
	<i>Food and drink</i>	Comes e bebe	2013
	<i>Grandad Andrade</i>	Vovô Andrade	2013
	<i>Sabina</i>		2013
	<i>Estanislau's widow</i>		2013
	<i>The Widow</i>	A viúva	2013
	<i>Top down</i>	De cima para baixo	2018
Coelho Neto	<i>Fish and Theology</i>	Nas águas do mar	2013
	<i>Christmas Corral</i>	Milagre de Natal	2013
Humberto Campos de	<i>The blue rose</i>	A rosa azul	2013
	<i>The promise</i>	A promessa	2013
	<i>Revenge</i>	A vingança	2013
Lima Barreto	<i>The library</i>	A biblioteca	2013
	<i>The man who spoke Javanese</i>	O homem que sabia javanês	2013
	<i>Late bet</i>	O número da sepultura	2013
	<i>Good idea</i>	Boa medida	2013
	<i>Burials at Inhaúma</i>	Os enterros de Inhaúma	2013

	<i>The decline and fall of Policarpo Quaresma</i>	Triste fim de Policarpo Quaresma	2014
	<i>A 62hristmas miracle</i>	Milagre do Natal	2018
	<i>Cazuza's one and only murder</i>	O único assassinato de Cazuza	2018
	<i>The clairvoyant</i>	A cartomante	2018
	<i>Revolver</i>	Despesa Filantrópica	2018
	<i>Clara dos Anjos (Short story)</i>	Clara dos Anjos (Conto)	2019
	<i>Clara dos Anjos (Novel)</i>	Clara dos Anjos (Romance)	2019
	<i>New California</i>	A nova Califórnia	2019
Machado de Assis	<i>Brother Simão</i>	Frei Simão	2013
	<i>Captain Mendonça</i>	O capitão Mendonça	2013
	<i>Life eternal</i>	A vida eterna	2013
	<i>Looking after</i>	O enfermeiro	2013
	<i>Mr Barreto</i>	O caso Barreto	2013
	<i>Our song</i>	Cantiga de esponsais	2017
	<i>With muffled Drum</i>	Marcha Fúnebre	2017

Fonte: Elaborado pelo autor com base em informações disponíveis no *website* do tradutor.

Francis K. Johnson traduziu 30 contos de cinco autores brasileiros, e dois romances de Lima Barreto. O autor mais traduzido é Lima Barreto, com 13 títulos, sendo dois deles os romances *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Clara dos Anjos*. Depois de Barreto, os autores mais traduzidos são Machado de Assis e Artur Azevedo, com sete contos cada, seguido por Humberto de Campos, com três contos, e Coelho Neto, com a tradução de dois contos. Faz-se necessário ressaltar que a maioria das traduções de obras de autores brasileiros estão presentes apenas no *website*, não sendo publicações de editoras. As exceções são as edições *The decline and fall of Policarpo Quaresma* (2014) e alguns contos publicados em *Tales from old Brasil* (2013). As duas obras publicadas são, segundo o tradutor, autopublicações, pois não fora possível encontrar uma editora que as publicassem:

[...] em 2013, embarquei na tradução do *Triste Fim*, mais em homenagem a Lima do que na esperança de ser publicado. E, realmente, a submissão dos primeiros capítulos a dois ou três agentes literários foi sem sucesso e no fim autopubliquei a tradução. (Um resultado inesperado, e muito bem vindo, foi que Mauro Rosso, um perito sobre os autores da *Belle Époque* brasileira, entrou em contato comigo por *e-mail* e logo nos tornamos bons amigos 'digitais'.) [...] Mauro Rosso e eu trabalhamos juntos num projeto, '*As três Claras de Lima Barreto*', sobre as três versões de *Clara dos Anjos* – o conto, o romance inacabado e o romance acabado. Traduzi o conto e o romance acabado (mas não o inacabado) e o Mauro escreveu uma introdução sobre as diferenças entre as três versões e as origens delas no desenvolvimento do pensamento do autor. De novo, nossas tentativas de interessar editoras – pelo Mauro no Brasil e por mim aqui na Inglaterra – foram sem sucesso. (JOHNSON, 2021, [S.P])

Com relação ao contato prévio do tradutor com a obra de Lima Barreto, é-nos revelado que foi por intermédio dos contos, para então chegar ao seu conhecimento o romance *Triste fim....* Nas palavras de Johnson, “Gostei muito do *Triste Fim* logo ao lê-lo pela primeira vez. Eu já tinha lido vários dos contos de Lima e sentia grande simpatia por ele, e fascínio pela idiossincrasia – mas também a empatia profunda – das obras dele” (2021, [s.p]). O tradutor ainda revela que, à época, não conhecia nenhuma tradução da obra para a língua inglesa, vindo a ter conhecimento da edição *The patriot* (1978) apenas quando iniciou um curso em tradução, no ano de 2009. Johnson também comenta sobre sua surpresa ao perceber o “desconhecimento quase completo dele [Lima Barreto] no mundo anglofalante (ou, pelo menos, no Reino Unido).” A partir disso, as traduções realizadas por ele seguem o objetivo de tornar Lima Barreto mais conhecido e estudado no polissistema literário de língua inglesa.

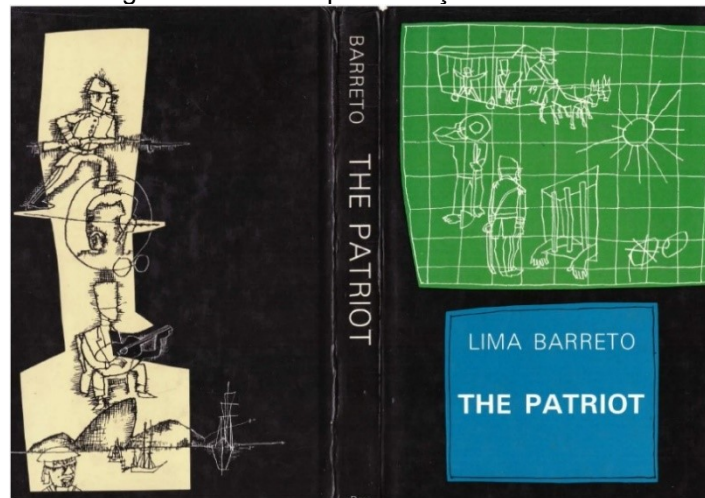
4.2 INFORMAÇÕES PRELIMINARES DAS TRADUÇÕES

As informações preliminares são a primeira fase do esquema de análise descritiva das traduções (LAMBERT; VAN GORP, 2011). Nesta seção são observados dados que complementam o texto traduzido, como elementos presente na capa, contracapa, folha de rosto e demais materiais que compõem cada uma das edições. A análise segue a sequência cronológica de publicação das traduções.

4.2.1 Primeira Tradução (T1): *The Patriot*

A edição da T1 é composta por capa dura e é acompanhada de uma sobrecapa. Na capa, de cor única, não constam o título, o nome do autor nem a editora, informação essas que se encontram dispostas na lombada do livro. Na sobrecapa, porém, estão presentes o título da obra e o nome do autor, todos em letras maiúsculas na cor branca, sobre um fundo azul, conforme a figura 2, a seguir:

Figura 2 – Sobrecapa da edição *The Patriot*.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Além disso, na sobrecapa há uma ilustração, porém não há menção do artista que a produziu na página de dados catalográficos, apenas a identificação “*Jacket by Poty*” na segunda orelha da edição. A ilustração compreende alguns episódios do enredo da obra feitos em traços simples na cor branca sobre um fundo verde, cores correspondentes as da bandeira do Brasil. Na contracapa há ilustrações do Corcovado, Rio de Janeiro, e de Policarpo Quaresma representando diferentes momentos do romance. Na lombada da sobrecapa estão presentes as mesmas informações contidas na capa do livro. As “orelhas” da edição trazem breves informações sobre o autor, desde seu nascimento até sua morte, e sobre a obra, contendo um sucinto apanhado do contexto em que a obra foi escrita. Tais informações são fragmentos da introdução do livro, escrita pelo tradutor. Por fim, o preço do volume é impresso no canto inferior da primeira “orelha”: “*UK price £6*”.

Na folha de rosto está presente o título do romance em letra maiúscula e informações de tradução e publicação da obra em língua fonte: “*This is the translation by Robert Scott-Buckleuch of the novel by Lima Barreto – Triste Fim de Policarpo Quaresma – first published in Rio de Janeiro in 1911*”. A folha seguinte é composta pelo título em destaque na parte superior, seguido abaixo o nome do autor e do tradutor, dispostos em fontes de tamanhos diferentes, sendo o nome de Lima Barreto impresso em fonte maior e de Robert Scott-Buckleuch em fonte menor. A partir disso, é possível verificar o papel secundário atribuído ao tradutor neste projeto editorial, mas que logo em seguida é restituído através da introdução feita por Scott-Buckleuch. As informações sobre a editora se encontram na parte inferior da página, a saber, o nome da editora, *Rex Collins*; a cidade e ano de publicação, Londres – 1978; e a

associação com a editora Sel Editora do Rio de Janeiro. No verso da página estão os dados catalográficos da edição. Na página do sumário, intitulada *Contents*, estão presentes, em sequência, um ensaio de Antonio Olinto, a introdução e o romance dividido em três partes.

O ensaio, intitulado “*A Brazilian Don Quixote*” e datado de julho 1977 na cidade de Londres, é feito pelo escritor e crítico literário brasileiro Antonio Olinto e traz um panorama geral da obra, do autor e do seu impacto no polissistema literário brasileiro ao leitor de *Triste fim...* em língua inglesa. Olinto apresenta, nos dois primeiros parágrafos, uma breve biografia de Lima Barreto, seguida pela contextualização no momento de publicação da primeira edição e a crítica ao estilo de escrita do autor, a que ele chama de “*new narrative language*”. Ao apresentar uma breve mostra do enredo, o ensaísta revela como a obra de Barreto e as ideias de Policarpo, influenciaram muitos de sua geração, levando-os ao ponto de aprender o idioma tupi junto com um grupo de amigos que se reuniam para escrever poemas e histórias na língua. Depois de apresentar aspectos históricos pertinentes para entender algumas nuances da obra, Olinto volta a tratar do estilo de escrita de autor, e desta vez o compara com Machado de Assis. Segundo o ensaísta, o estilo que Lima Barreto utiliza ao escrever suas histórias é diferente do outro escritor brasileiro, Machado de Assis, também negro e carioca, considerado por muitos como o melhor estilista da prosa em língua portuguesa nos últimos dois séculos. Machado tinha um estilo que se assemelhava com o de Laurence Sterne, com uma ironia que o fez detentor de uma excelência literária rara em toda a América. Por sua vez, Barreto era mais sério, dizendo exatamente o que queria dizer, porém a ironia estava ali presente, nas entrelinhas, uma ironia amarga que revelava os pontos fracos e fortes da classe média. Ao apresentar um Lima Barreto que escreve aquilo que deseja, denunciando, por meio de uma ironia amarga, aspectos sociais de classes mais abastadas, Olinto conclui o ensaio, mostrando a convicção de que o autor tinha a literatura como ferramenta para libertar o homem do seu meio social, nascimento, local, tempo e etnia.

A introdução do livro é um ensaio do próprio tradutor da obra, datado de outubro de 1976, na cidade do Rio de Janeiro. Tal qual Antonio Olinto, Robert Scott-Buccluch faz um apanhado geral de contextos vividos pelo autor e o levantamento de aspectos importantes para a compreensão do romance pelo leitor de língua inglesa. Scott-Buccluch inicia seu ensaio apresentando a situação que se encontra a literatura em língua portuguesa perante os leitores de outras línguas. Para isso, ele

usa a frase de Alexandre Herculano, “A língua portuguesa é o túmulo do pensamento” (1978, p 10), e explica que a literatura escrita em língua portuguesa está condenada a se manter desconhecida por falantes de outras línguas. Segundo o ensaísta, apesar de as obras de Machado de Assis terem levado a literatura brasileira para outras línguas por meio das traduções e dos estudos feitos em universidades da Europa e dos Estados Unidos, Lima Barreto continua quase completamente desconhecido fora do Brasil e de Portugal.

De forma mais minuciosa, Scott-Bucleuch vai indicando ao leitor as relações presentes no enredo da obra com eventos históricos do Brasil do fim do século XIX e início do século XX, associando também episódios que marcaram a vida do autor com as situações e características presentes nas personagens do romance. No decorrer das sete páginas da introdução, outras obras de Lima Barreto são citadas e descritas, bem como de outros autores brasileiros contemporâneos à época. Por fim, o tradutor revela que não pretende, com o ensaio, iniciar uma análise crítica da obra de Lima Barreto, antes disso, almeja introduzir o autor e seu romance ao público leitor de língua inglesa e deixar que a obra fale por si só. O panorama apresentado por Antonio Olinto e Robert Scott-Bucleuch oferece significativo sentido à primeira edição completa do romance em língua inglesa, preparando o leitor para a posterior leitura da obra e conferindo relevância do ponto de vista editorial à edição, levando em conta a “originalidade” em trazer obras de uma literatura veiculada em língua fadada a ser o “túmulo do pensamento”.

Na estratégia geral é observado que a edição se refere a uma tradução completa do romance. Não há notas de rodapé ou qualquer outro paratexto além dos mencionados anteriormente. Verificou-se, nessa edição, a ausência da epígrafe do romance, que se trata de uma frase em francês do livro *Marc-Arèle et la fin du monde antique*, de Joseph-Ernest Renan¹⁶. Além do trecho da obra de Renan ter uma ligação evidente com a personagem Quaresma, o uso da frase de um escritor francês mantida no idioma original pode estar ligado ao pensamento estrangeiro, principalmente francês, que estava popular no Brasil durante o período de publicação da obra, o qual

¹⁶ Le grand inconvénient de la vie réelle et ce qui la rend insupportable à l'homme supérieur, c'est que, si l'on y transporte les principes de l'idéal, les qualités deviennent des défauts, si bien que fort souvent l'homme accompli y réussit moins bien que celui qui a pour mobiles l'égoïsme ou la routine vulgaire. [“O grande inconveniente vida real e o que a torna insuportável ao homem superior é que, se se transpuserem para ela os princípios do ideal, as qualidades transformam-se em defeitos, de tal o modo que, muito frequentemente, o homem íntegro obtém menos sucesso que aquele que se motiva pelo egoísmo e pela rotina vulgar.”] (BARRETO, 2020, p. 45 [tradutor desconhecido]).

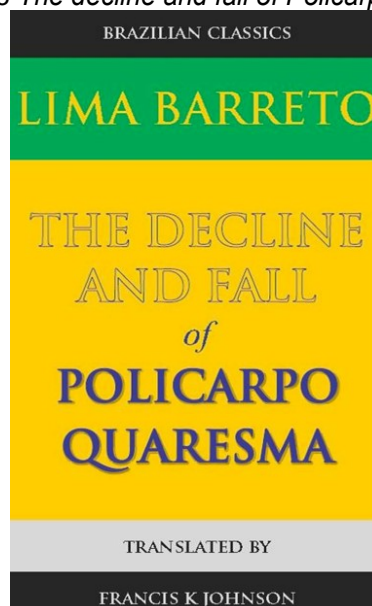
Lima Barreto era entusiasta. Além disso, a menção pode ser uma crítica que o próprio escritor fazia da excessiva absorção de culturas estrangeiras no país. É possível observar aqui o pensamento ambivalente que Barreto tinha sobre o assunto. Um possível motivo para a total ausência da epígrafe nessa tradução se deve por esta, provavelmente, ser baseada na primeira edição em folhetins, antes da edição em livro, na qual a epígrafe foi incluída.

4.2.2 Segunda Tradução (T2): *The decline and fall of Policarpo Quaresma*

T2 se configura de forma diferente de T1, já que esta é disponibilizada apenas em formato digital. A capa possui o nome do autor e da obra em letras maiúsculas em destaque, sobre o fundo verde e amarelo. Na tradução do título, Johnson declara em entrevista, que usou “*The Decline and Fall...*” em vez de “*The Sad End...*”, porque este soa um pouco desastrado, e tem mais ressonância (*Decline and Fall of the Roman Empire*, por Edward Gibbons, e *Decline and Fall*, por Evelyn Waugh). Ainda, segundo o tradutor, sua escolha também se justifica porque a história realmente segue um declínio e queda.

A relação das cores da capa com as da bandeira nacional brasileira são evidentes e vão ao encontro do patriotismo do Major Quaresma. Na imagem abaixo temos a capa da edição:

Figura 3 – Capa da edição *The decline and fall of Policarpo Quaresma*, 2014.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Na parte inferior observa-se a presença do nome do tradutor, e na parte superior, há a designação de que o volume faz parte da coleção *Brazilian Classics*. Não é mencionada a editora, pois segundo o tradutor, o livro foi somente auto publicado. Novamente, por se tratar de uma edição não impressa, não há contracapa, “orelhas” ou lombada. A folha de rosto possui as mesmas informações contidas na capa com exceção do nome da coleção. Na página seguinte está presente o direito de cópia ao tradutor. Há uma página de agradecimentos, seguida pela página de *Contents*. Em *Contents*, verifica-se que a introdução e a seção “*Pictures and Places (And a battleship) mentioned in the novel*”, ensaio e levantamento feitos pelo tradutor, precedem os capítulos da obra traduzida, e ao final há uma seção de informações sobre o tradutor.

A introdução da edição consiste em um ensaio feito pelo próprio tradutor, datado de 29 de junho de 2014, em Coventry, Inglaterra. Iniciando com um tom impessoal e descontraído, Johnson revela ao leitor de língua inglesa a antipatia que Lima Barreto tinha pelo futebol. Isso é usado como ponte para introduzir a ideia negativa que o autor tinha sobre elementos culturais importados e elitistas, já que ele considerava o futebol um produto estrangeiro, importado da Inglaterra. Ao usar como referência o livro *Lima Barreto versus Coelho Neto*, de Mauro Rosso, é evidenciada a rivalidade entre os dois autores e a maneira direta e sem eufemismos com que Lima Barreto se expressava em suas obras e críticas. O autor menciona o profundo apagamento de Coelho Neto e de suas obras até os dias de hoje, e como a obra do próprio Lima Barreto também passou por um momento de esquecimento até seu ressurgimento, principalmente, como parte do trabalho de Francisco de Assis Barbosa. Depois de apresentar tais características de Lima Barreto, o ensaísta discorre sobre a biografia do autor, apresentando fatos que auxiliam o leitor entender as motivações e influências presentes na obra de Barreto, além de incorporar ao texto três fotos do autor.

Na sequência, são apresentados dados históricos do Brasil, que são abordados em momentos específicos de *Triste fim...*, como a Primeira República, a Revolta da Armada e os governos de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Sucintamente, as três partes do romance são apresentadas sob o viés satírico do autor ao tratar dos temas culturais, agrícolas e políticos, evidenciando os fortes elementos autobiográficos presentes na obra: assim como Lima Barreto, Policarpo nunca se casou, trabalhou em uma repartição pública e foi internado em um hospital

psiquiátrico. Para concluir, Johnson revela ter conhecimento, até o momento, apenas da tradução em inglês de *Triste fim de Policarpo Quaresma* feita por Robert Scott-Buckleuch. Johnson destaca a observação do primeiro tradutor sobre o desconhecimento do autor e da obra pelos leitores de língua inglesa, adicionando seu desejo pessoal de que sua tradução possa, de alguma forma, ajudar a reverter tal situação.

Em continuidade aos aspectos históricos levantados na introdução, Johnson elabora uma seção destinada à sua pesquisa de imagens de lugares e um evento que são, de alguma forma mencionados no livro. Trata-se da seção *“Pictures of places (and a battleship) mentioned in the novel”*. O levantamento possui 13 imagens devidamente referenciadas, e na sequência de cada imagem, há um trecho do romance que cita o lugar ou evento.

A estratégia geral observada é a tradução completa da obra. A edição não dispõe de notas de rodapé, porém está presente a seção *“Notes”*, com quatro notas explicativas feitas pelo tradutor. As notas esclarecem ao leitor a decisão de Johnson por manter as formas coloquiais das palavras *“senhor” (seu, sinhô)*, *“senhora” (sá)* e *“senhorita” (sinhazinha)*; informam sobre a publicação em folhetins em 1911 e, posteriormente, em livro no ano de 1915; apresentam títulos de outras obras do autor e, por fim, trazem uma curiosidade sobre a localização geográfica do bairro de São Januário, presente na obra, onde hoje está localizado um estádio de futebol, garantindo ao leitor que não há uma única menção do esporte no romance. Por fim, verifica-se que nessa edição é incluída a epígrafe do romance, presente no texto fonte, porém, traduzida para a língua de chegada¹⁷. A decisão de Johnson pela tradução da epígrafe, mantida por Lima Barreto em seu idioma original, revela uma aproximação da técnica de domesticação do texto traduzido. É importante evidenciar o fato de que, apesar de não haver um projeto editorial por detrás da publicação, houve um esforço de Johnson em tornar o romance acessível compreensível ao seu público-alvo.

Em conclusão a esta seção, encontra-se o quadro 4 com o comparativo das informações preliminares das duas traduções:

¹⁷ The insuperable problem with real life – and what makes it insupportable for a truly idealistic person – is that, if one lives according to ideals, qualities become faults, with the result that accomplished people very often fare less well than those motivated by selfishness or simple routine (BARRETO, 2014, [s.p]).

Quadro 4 - Quadro comparativo das informações preliminares das traduções

Informações preliminares	T1	T2
Nome do autor na capa	Presente	Presente
Nome do tradutor na capa	Ausente	Presente
Localização do nome do tradutor	Presente na parte inferior da capa	-
Localização do nome e logo da editora	Presente na parte interna da edição	Ausente
Nome do tradutor em folha de rosto	Presente	Presente
Prefácio	Ausente	Ausente
Introdução	Presente, elaborada pelo tradutor	Presente, elaborada pelo tradutor
Notas	Ausente	Presente
Epígrafe	Ausente	Presente, traduzida para a língua inglesa
Estratégia Geral	Tradução completa	Tradução completa

Fonte: Elaborado pelo autor.

Averiguou-se que há elementos que acompanham a obra nas duas edições. Tais elementos – desde as cores e os desenhos presentes nas capas, até os metatextos –, apresentam ao leitor informações que auxiliam na leitura e compreensão de aspectos culturais, sociais e históricos do polissistema literário do texto de origem. Verificou-se que ambos os tradutores fizeram a introdução das edições e que apenas a edição da T2 possui notas do tradutor. Com base nessas informações preliminares serão investigados, a seguir, elementos das traduções nos níveis macro e microestruturais.

4.3 ANÁLISE MACROESTRUTURAL

A análise em macronível contempla alguns aspectos macroestruturais das traduções, tais como: 1) o formato geral do texto, ou seja, a divisão em capítulos e sua verificação, 2) a relação entre os tipos de narrativas presentes no texto e 3) a estrutura narrativa interna.

Iniciando a análise descritiva pela divisão dos capítulos, a obra em texto-fonte e suas duas traduções apresentam a seguinte sequência de títulos dos capítulos:

Quadro 5 – Título dos capítulos das duas traduções e em texto-fonte

T1	T2	Títulos dos capítulos em português
<i>PART ONE:</i>	<i>PART I</i>	Primeira parte:
<i>I The Guitar Lesson</i>	<i>I – The Guitar Lesson</i>	I – A Lição de Violão
<i>II Radical Reforms</i>	<i>II – Radical Reforms</i>	II – Reformas Radicais
<i>III Genelício's News</i>	<i>III – News from Genelício</i>	III – A Notícia do Genelício

<i>IV Disastrous Consequences of a Petition</i>	<i>IV – The Disastrous Consequences of an Official Proposal</i>	<i>IV – Desastrosa Consequências de um Requerimento</i>
<i>V The Statuette</i>	<i>V – The Figurine</i>	<i>V – O Bibelot</i>
<i>PART TWO:</i>	<i>PART 2:</i>	<i>Segunda Parte:</i>
<i>I At The Haven</i>	<i>I – ‘The Haven’</i>	<i>I – No “Sossego”</i>
<i>II Thorns and Roses</i>	<i>II – Thorns and Flowers</i>	<i>II – Espinhos e Flores</i>
<i>III Goliath</i>	<i>III – Goliath</i>	<i>III – Golias</i>
<i>IV ‘Stand Firm, I’m On My Way’</i>	<i>IV – “Stand firm, I’m on my way.”</i>	<i>IV – “Peço Energia, Sigo Já”</i>
<i>V The Bard</i>	<i>V – The Troubadour</i>	<i>V – O Trovador</i>
<i>PART THREE:</i>	<i>PART 3:</i>	<i>Terceira parte:</i>
<i>I The Patriots</i>	<i>I – Patriots</i>	<i>I – Patriotas</i>
<i>II You, Quaresma, are a Visionary</i>	<i>II – You’re a dreamer, Quaresma</i>	<i>II – Você, Quaresma, é um Visionário</i>
<i>III ... And They Fell Silent...</i>	<i>III – ... gliding silently back...</i>	<i>III – ... E Tornaram Logo Silenciosos...</i>
<i>IV Boqueirão</i>	<i>IV The Boqueirão Jail</i>	<i>IV – O Boqueirão</i>
<i>V Olga</i>	<i>V Olga</i>	<i>V – A Afilhada</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir da comparação das traduções dos títulos dos capítulos, verifica-se algumas diferenças nas escolhas lexicais e da sintaxe entre os textos. Inicialmente, verifica-se que tanto na T1 quanto na T2, a obra é apresentada tal qual em língua portuguesa, com a divisão do romance em três partes e cinco capítulos em cada parte. É observado que ambos os tradutores optaram por utilizar numerais cardinais na divisão das partes, em vez da numeração ordinal do texto-fonte, sendo a T1 escrita por extenso e a T2 em algarismos. No capítulo cinco da primeira parte, a palavra “requerimento”, traduzida como “*petition*” na T1, se refere a escolha de um sinônimo da tradução literal da palavra em português “petição”, e “*official proposal*” na T2, o tradutor emprega a técnica de paráfrase, que segundo Lanzetti et.al. (2009), “ocorre quando o tradutor decide utilizar estruturas mais longas”. No capítulo seguinte temos duas traduções distintas do termo francês *Bibelot* cujo significado, segundo o dicionário Michaelis (2021), é um objeto pequeno que se coloca sobre a mesa, aparador etc. Os dois tradutores optaram por substituir o termo pelo objeto a que este se referia “uma figurinha de *biscuit*” (BARRETO, 1997, p. 89), utilizando os vocábulos *Statuette* (T1) e *Figurine* (T2), sendo estes sinônimos de “estatueta”. Ambas as palavras são advindas da língua francesa, o que mantém o aspecto crítico de Lima Barreto quanto à utilização de vocábulos estrangeiros.

Na segunda parte, o vocábulo “flores”, no capítulo dois, é substituído pelo vocábulo “*roses*” na T1, possivelmente para soar mais familiar ao leitor de língua inglesa, a partir de construções já constituídas com os termos “rosas” e “espinhos”.

Quanto ao terceiro capítulo, “Peço Energia, Sigo Já”, ambos os tradutores parecem sentir-se a vontade ao tomar uma maior liberdade empregando a mesma construção sintática em suas traduções. O título se refere à mensagem que Quaresma enviou ao Marechal Floriano em apoio à revolução que estava iniciando. Tanto a construção *Stand firm*, quanto *I’m on my way* são muito utilizadas na linguagem falada e escrita. A primeira mantém o sentido de motivação e encorajamento, e a segunda se reporta à disposição de Quaresma em se juntar imediatamente à luta. No quinto capítulo, em T1 é utilizado o vocábulo “*bard*”, cujo significado está relacionado a uma pessoa que compõe e recita poemas, geralmente poemas épicos e de atos heroicos¹⁸, enquanto em T2, o termo utilizado “*troubadour*”, está ligado a um cantor que geralmente canta repertórios de canções populares¹⁹.

Na terceira parte, o título do segundo capítulo na T2 recebe o procedimento de transposição, que segundo Lanzetti *et al.* (2009, p. 8) “[...] é a mudança da ordem sintática de um ou dois elementos sintáticos do texto-fonte”, ao deslocar o vocativo para o fim da sentença (*You’re a dreamer, Quaresma*), diferente da T1, que recebe tradução palavra-por-palavra. Percebe-se a técnica de explicitação na T2, no uso do vocábulo *jail* no quinto capítulo, na intenção de esclarecer ao leitor de língua inglesa que o vocábulo estrangeiro “Boqueirão” é uma prisão. No título do último capítulo da terceira parte percebeu-se que ambos os tradutores optaram por substituir o substantivo comum “afilhada” pelo substantivo próprio “Olga”, tornando mais específico a quem aquele capítulo se refere.

A estrutura interna do texto de partida, a narrativa de romance, narra os acontecimentos ficcionais da personagem principal Policarpo Quaresma e demais personagens secundários. Apresenta aspectos da vida pessoal do protagonista atrelados a contextos sociais que remetem a acontecimentos da própria vida do autor e da sociedade brasileira do início do século XX. Essas características são mantidas nas duas traduções, como podemos verificar neste excerto:

¹⁸ Conforme definição do dicionário Merriam-Webster. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/bard>>, acesso em: 12 mar. 2021

¹⁹ Conforme definição do dicionário Merriam-Webster. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/troubadour>>, acesso em: 12 mar. 2021

Quadro 6 – Excerto de duas traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e do texto-fonte

T1	T2	Texto-fonte
<p>The major put down his parasol – an old parasol with a wooden shaft and a curved handle encrusted with small lozenges of mother-of-pearl.</p> <p>'I'm afraid, sister, that you're greatly mistaken,' <u>he replied</u>. "It is prejudice to suppose that every man who plays the guitar he is a social outcast. The modinha is the truest expression of our national poetry and the instrument most adapted to it is the guitar. It is we who have abandoned the form; but in Lisbon in the last century with Father Caldas, who had an audience of ladies of the aristocracy, it was much in vogue. Beckford, a prominent Englishman, holds it in high esteem.'</p> <p>'But that was long ago; nowadays...'</p> <p>'What difference does that make, Adelaide? <u>We ought not to allow out traditions, our truly national customs to die...</u>' (p.4)</p>	<p>The major set down his parasol – an antique, with a wooden rod and a curved handle inlaid with mother-of-pearl – <u>and replied</u>:</p> <p>"But you're completely wrong, Adelaide. To say everyone who plays the guitar is disreputable is just prejudice. <i>Modinha</i> music is the truest expression of our national poesy and it has to be played on the guitar. It's we who've abandoned the modinha even though, in the last century in Lisbon, it used to be held in esteem. Padre Caldas used to perform it for noblewomen. The Englishman Beckford couldn't praise it enough."</p> <p>"But that was in another age! Nowadays..."</p> <p>"What difference does that make, Adelaide?! <u>It's important not to let our traditions and genuine national customs die out...</u>" ([s.p])</p>	<p>O major descansou o chapéu de sol – um antigo chapéu de sol, com a haste inteiramente de madeira, e um cabo de volta, incrustado de pequenos losangos de madrepérolas – <u>e respondeu</u>:</p> <p>— Mas você está muito enganada, mana. É preconceito supor-se que todo o homem que toca violão é um desclassificado. A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede. Nós é que temos abandonado o gênero, mas ele já estava em honra, em Lisboa, no século passado, com o padre Caldas, que teve um auditório de fidalgas. Beckford, um inglês notável, muito o elogia.</p> <p>— Mas isso foi em outro tempo; agora...</p> <p>— Que tem isso, Adelaide? <u>Convém que nós não deixemos morrer nossas tradições, os usos genuinamente nacionais...</u> (p.11)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (Grifo do autor).

Por meio do excerto, percebemos que houve a manutenção de elementos do tema da primeira parte do romance: o desejo de Quaresma em não deixar morrer as tradições e os usos genuinamente nacionais, como no trecho sublinhado. Observa-se que houve a manutenção do Narrador heterodiegético e do diálogo em discurso direto entre as personagens. Os diálogos seguem o padrão de normas da gramática da língua inglesa quanto ao uso de aspas, sendo que na T1 é usada aspa simples (") e na T2 são usadas aspas duplas (" ") para indicar as falas das personagens. Em T1 o verbo de elocução aparece após ao discurso direto, diferentemente de T2 e até mesmo do texto-fonte. T2 sugere aproximação com o texto-fonte, ao suprimir o pronome "ele". Verifica-se que a pontuação dos textos seguem diferentes estratégias pelos tradutores, em alguns casos aproximando e em outros distanciando do texto em português. Há aproximação no uso das vírgulas em T1 nos trechos: "Beckford, a prominent Englishman, holds it in high esteem" e "We ought not to allow out traditions, our truly national customs to die..." (BARRETO, 1978, p. 4), sendo observado um distanciamento em T2 nos mesmo trechos: "The Englishman Beckford couldn't praise

it enough” e “It’s important not to let our traditions and genuine national customs die out...” (BARRETO, 2014, [s.p]).

Os nomes das personagens se mantêm como no texto-fonte, a exemplo, o nome do protagonista e de sua irmã, Adelaide. Observa-se que em T2, o tradutor optou em utilizar o substantivo próprio nesse trecho onde aparece o termo “mana”, enquanto T1 optou por “*sister*”. Verifica-se também que as formas de tratamento “senhor” e “senhora”, presentes em outros excertos recebem estratégias distintas. Em T1 não é traduzido quando o termo antecede o nome, como em “Dona Adelaide” (como no excerto no quadro 16), mas usa “*madam*” em outras ocorrências, como no trecho: “*God heavens, madam, I only sing my own*” (BARRETO, 1978, p. 12) e no excerto no quadro 12. Em T2 mantém o pronome de tratamento em português nas diferentes ocorrências.

Em resumo, verifica-se na análise macroestrutural das duas traduções que, de um modo geral, nas traduções de títulos dos capítulos, os tradutores utilizam métodos de tradução palavra-por-palavra e, em alguns casos, encontram soluções tradutórias com uma seleção lexical mais familiar ao leitor anglofalante, como nas construções sintáticas *I’m on my way* (T1 e T2), *gliding silently back* (T2), sendo que o segundo tradutor mostrou ter tomado mais liberdade nas traduções, possivelmente por se tratar de um projeto tradutório que não passou pela revisão de um organizador editorial. Verifica-se que ambos os tradutores mantiveram os elementos de narração e diálogos presentes no texto-fonte. Esta etapa da pesquisa levanta a hipótese de que no nível microestrutural as duas traduções apresentarão características domesticadoras, pressupondo certas mudanças na estrutura do texto-fonte com o objetivo de se adequarem à estrutura sintática e lexical da língua de chegada.

4.4 ANÁLISE MICROESTRUTURAL

A partir desta seção, a pesquisa se direciona ao plano microestrutural da análise, contemplando aspectos relacionado às mudanças nos níveis gráficos, microssintáticos, léxico-semânticos, estilísticos, elocucionários e modais. Serão cotejados alguns excertos do primeiro capítulo da obra e de suas duas traduções com o objetivo de analisar a seleção de palavras e as construções das frases realizadas pelos tradutores, evidenciando, quando possível, a permanência ou não da elocução

de Lima Barreto acerca do nacionalismo²⁰ na voz de Policarpo Quaresma. Além disso, serão examinados padrões gramaticais dominantes, as formas de reprodução da fala (direta, indireta, fala indireta livre), a narrativa, a perspectiva e o ponto de vista de quem promoveu a reescritura (ou seja, os tradutores), bem como a modalidade (passiva ou ativa, expressão de incerteza, ambiguidade) e os níveis de linguagem (socioleto; arcaico/popular/dialeto; jargão).

Como mencionado acima, esta etapa retomará alguns elementos da vida e o contexto social de Lima Barreto, que foram identificados no primeiro capítulo da obra, principalmente aqueles atrelados ao pensamento nacionalista e patriota que o autor passou ao personagem principal do romance, elencados na primeira etapa da presente pesquisa, no capítulo “Lima Barreto: vida, obra e traduções de suas obras”.

O primeiro trecho a ser analisado é o primeiro parágrafo do romance, no qual são apresentados a personagem principal e seus hábitos. Já no primeiro capítulo podemos observar a liberdade com que os tradutores fizeram as escolhas das palavras e das construções sintáticas em suas reescrituras, conforme os trechos sublinhados do excerto, no Quadro 7, abaixo:

Quadro 7 – Excerto de duas traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e do texto-fonte

T1	T2	Texto-fonte
Policarpo Quaresma, better known as Major Quaresma, <u>arrived</u> home at quarter past four in the afternoon <u>as was his custom</u> . For more than twenty years it had always been the same. <u>Leaving</u> the War Ministry Arsenal, where he was under-secretary, he would pick up some fruit in shops, <u>occasionally</u> buy a cheese, and <u>never failed to</u> get the bread from the French bakery. (p. 1)	Policarpo Quaresma - better known as Major Quaresma - <u>got</u> home at 4:15 p.m., as he'd been doing for more than twenty years. <u>After leaving</u> the ordnance office in Rio, where he was under- secretary, he'd shop for food: fruit, cheese (<u>sometimes</u>) and bread from the French bakery (<u>without fail</u>). ([s.p])	<u>Como de hábito</u> , Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, <u>bateu</u> em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia. <u>Saindo</u> do Arsenal de Guerra onde era subsecretário, bongava pelas confeitarias algumas frutas, comprava um queijo, <u>às vezes</u> , e <u>sempre</u> o pão da padaria francesa. (p. 9)

Fonte: Elaborado pelo autor (Grifo do autor).

Na primeira frase verifica-se que os tradutores tomaram decisões distintas. Em T1, observa-se a mudança da ordem sintática na sentença “Como de hábito”, a qual foi levada para o fim da frase, possivelmente com a intenção de adaptar o texto

²⁰ Conforme o dicionário Michaelis: 1 Preferência por tudo o que é nacional e exaltação de seus valores. 2 Defesa das tradições e dos demais valores nacionais. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/nacionalismo/>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

à sintaxe da língua inglesa, identificado como processo de transposição. Traduzida como “*as was his custom*”, observa-se a presença do verbo “ser” (*was*), onde em português há uma elipse do verbo ser “Como [é] de hábito”, e do pronome possessivo “dele” (*his*). Em T2, a sentença é omitida no texto-fonte e o tradutor opta por reformular as duas primeiras frases, transformando-as em apenas um período composto. O verbo “bateu”, no contexto desse texto, tem o significado de dirigir-se, ir até determinado lugar ou chegar, e foi traduzido como *arrived* (T1) e *got*, na expressão *got home* (T2). Além disso, existe o sentido figurado do verbo “bater”, cujo significado está atrelado a algo feito repetidamente, como é o caso de Quaresma nesse excerto. Ambas transmitem o sentido da obra originária de chegar em casa, sem, contudo, aludir o significado de frequência. Porém, percebe-se que a tradução mais contemporânea utilizou um verbo mais usado no dia a dia do leitor anglofalante, o que propicia uma leitura fluida e domesticadora, conforme Venuti (2002).

Na segunda metade do excerto, verifica-se o procedimento de modulação em T2. Segundo Lanzetti *et al.* (2009, p. 8), “A modulação ocorre quando a palavra do texto-fonte muda de classe gramatical ao ser traduzida para a língua-alvo”. O verbo no gerúndio “saindo” é modulado para o sentido infinitivo com a inserção da preposição “after” antes do verbo, que passa a receber o sufixo –ing pelas regras da gramática inglesa. Dessa forma, teríamos em “*After leaving*”, recebendo o sentido de “depois de sair”. Em seguida, ao apresentar os hábitos de Quaresma após sair do trabalho, observa-se, além das mudanças de ordem sintática, que a expressão “às vezes” se transforma em “*occasionally*” (T1) e “*(sometimes)*” (T2), ambas seleções lexicais, sinônimas são naturais ao leitor de língua inglesa. Porém, o que nos chama a atenção é o uso dos parênteses pelo segundo tradutor, que também os emprega em sua tradução da palavra “sempre”: “*(Without fail)*”. A decisão de usar parênteses feita em T2 pode ser analisada como uma boa alternativa. Como o trecho narra os hábitos de Quaresma, o advérbio e locução usados, sobretudo o “às vezes”, dá uma ideia de quebra de rotina. É, portanto, uma informação “transversal” ao que está sendo narrado, e pode ser inserida em parênteses.

Em continuação, o excerto seguinte continua apresentando elementos narrativos que informam ao leitor os hábitos e as manias de Quaresma, além de apresentar um breve vislumbre do Rio de Janeiro no início do século XX. Tais elementos são fundamentais para entender as características da personagem que são assinaladas durante toda a obra, conforme o Quadro 8:

Quadro 8 – Excerto de duas traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e do texto-fonte

T1	T2	Texto-fonte
This would take him less than an hour so that at twenty to four, or <u>thereabouts</u> , he would catch the tram and be at the threshold of his house <u>in the distant São Januário suburbs</u> at quarter past four <u>to the minute</u> , as exact as the appearance of a star, an eclipse or some such phenomenon which can be mathematically calculated and predicted. (p. 1)	This never took him more than an hour; at 3.40 (<u>on the dot</u>) he'd catch the tram; and he'd enter his house, <u>in a remote area of São Januário</u> , at 4.15 (<u>on the dot</u>). It was like the apparition of a comet or the occurrence of an eclipse – in short, a phenomenon capable of precise mathematical prediction. ([s.p])	Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que, às três e quarenta, <u>por aí assim</u> , tomava o bonde, <u>sem erro de um minuto</u> , ia pisar a soleira da porta de sua casa, <u>numa rua afastada de São Januário</u> , bem exatamente às quatro e quinze, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predito. (p. 9)

Fonte: Elaborado pelo autor (Grifo do autor).

Com relação aos aspectos da cidade do Rio de Janeiro do século XX, Lima Barreto vai apresentando características urbanas durante toda a obra. A primeira delas aparece ao apresentar o local onde Policarpo Quaresma vivia, “[...] numa rua afastada de São Januário”. Conforme os excertos no Quadro 8, os tradutores substituíram o vocábulo “rua” por outros vocábulos que auxiliam o leitor de língua inglesa compreender o significado do substantivo próprio “São Januário”. Em T1, observa-se que houve o emprego da palavra “*suburbs*”, cujo significado principal é uma área periférica de uma cidade, esclarecendo ao leitor que o substantivo próprio de refere ao bairro que Policarpo vivia. Da mesma forma, em T2, verifica-se a utilização da palavra “*area*”, em referência a uma região da cidade chamada de São Januário. Os tradutores utilizaram o procedimento de explicitação, que segundo Lanzetti *et al.* (2009, p. 12), “é utilizado quando o tradutor decide acrescentar ao texto-alvo alguma informação não expressa no texto-fonte”. Mesmo que a palavra “rua” possa informar ao leitor o significado de São Januário como sendo um local, as escolhas dos tradutores, principalmente em T1, esclarecem a posição mais afastada do bairro em relação ao centro da cidade do Rio de Janeiro. O mesmo acontece em T2, pois há a indicação de “*remote*”.

Há uma mudança no sentido da expressão “por aí assim”, a qual apresenta o sentido de imprecisão, e foi traduzida como “*on the dot*” (em ponto, exatamente)²¹, apresentando o significado oposto. Provavelmente, a escolha esteja ligada à

²¹ Conforme definição do dicionário Merriam-Webster. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/on%20the%20dot>>, acesso em: 18 jan. 2021

interpretação do contexto geral dos hábitos de Policarpo, o qual demonstra manter uma pontualidade extrema em todos os seus afazeres rotineiros. É uma forma de recriação. Na T1 observa-se que o tradutor manteve a expressão ao utilizar o vocábulo “*thereabouts*”, cujo significado é “aproximadamente”. Outra marca da pontualidade da personagem está na frase “sem erro de um minuto”, que novamente foi traduzido por “*on the dot*” na T2, seguindo assim um padrão que enuncia essa forte característica da personagem. Na T1 observa-se uma construção muito semelhante no mesmo trecho. O tradutor opta por “*to the minute*”, expressão idiomática que remete à precisão e exatidão (precisamente, exatamente)²². É interessante perceber que a frase “sem erro de um minuto” aparece em outro momento do primeiro capítulo e, em análise, constatou-se que na T1 foi empregada a mesma expressão idiomática “*to the minute*”, enquanto em T2 manteve-se a já mencionada expressão “*on the dot*”, revelando uma simetria na composição interna do texto feita por ambos os tradutores.

Com a intenção de valorizar aspectos da cultura brasileira, o Major Policarpo Quaresma começa a tomar lições de violão com o cantor de modinhas Ricardo Coração dos Outros. A modinha é vista por Policarpo como a “mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede” (BARRETO, 1997, p 11). No excerto do Quadro 9, a seguir, Lima Barreto utiliza o vocábulo “pinho” em referência ao instrumento. A palavra pode soar estranha até mesmo para o leitor do texto em língua-fonte, por se tratar de um vocábulo de significado próprio do âmbito musical. Nesse caso, verificamos que a decisão dos tradutores não foi a de encontrar um vocábulo equivalente com o sentido estrito na área musical equivalente em língua inglesa. Ambos optaram por não traduzir a palavra “pinho” como “*guitar*”, mas sim, como “*instrument*”, conforme o quadro abaixo:

Quadro 9 – Excerto de duas traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e do texto-fonte

T1	T2	Texto-fonte
That same afternoon one of the most beautiful of the Major's <i>neighbours</i> took a walk with a friend, and together they spend their time strolling up and down, stretching their necks whenever they passed in front of the peculiar under-secretary's window. Their curiosity was not unrewarded. The major was	That same afternoon, <u>two ladies</u> (one of them a local beauty) <u>could be seen taking a walk</u> : up and down, very slowly, and whenever they passed by the weird sub-secretary's open window, they craned their necks. Their spying was not without success. The major was sitting	E, na mesma tarde, uma das mais lindas vizinhas do major convidou uma amiga, e <u>ambas levaram um tempo perdido</u> , de cá pra lá, a palmilhar o passeio, esticando a cabeça, quando passavam diante da janela aberta do esquisito subsecretário.

²² Conforme definição do dicionário Merriam-Webster. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/to%20the%20minute>>, acesso em: 18 jan. 2021.

<p>seated on the sofa holding the <u>instrument</u> as if to play and listening attentively to his companion beside him. 'Look, like this, major.' And the strings gently sounded as the note was plucked. Then the teacher explained, 'That's <u>D</u>, you understand?' (p. 2)</p>	<p>on the sofa beside the little man. He was holding the <u>instrument</u> in the playing position and was listening attentively: "Like this, Major." The strings vibrated vaguely, after which the maestro said, "That's <u>Re</u>. OK?" ([s.p])</p>	<p>Não foi inútil a espionagem. Sentado no sofá, tendo ao lado o tal sujeito, empunhando o "<u>pinho</u>" na posição de tocar, o major, atentamente, ouvia: "Olhe, major, assim". E as cordas vibravam vagarosamente a nota ferida; em seguida, o mestre aduzia: "É '<u>ré</u>', aprendeu?". (p. 10)</p>
--	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor (Grifo do autor).

A escolha dos tradutores segue uma linha de procedimento domesticador, disponibilizando ao leitor de língua inglesa um texto claro e deveras compreensivo. Na T2 isso fica evidenciado com o procedimento de equivalência, o acorde musical de "ré" é substituído pelo seu equivalente mais comum em inglês "D", que também é a cifra da nota Ré. Na T2 percebe-se um procedimento inverso, de estrangeirização, quando o tradutor opta por manter o acorde musical como "Re". Apesar do acorde "Re" também pertencer ao vocabulário de língua inglesa, o termo pode soar estranho para alguns leitores. Segundo Venuti (2002), elementos na tradução que venham a interromper, mesmo que de forma momentânea, a fluidez do texto são chamados de resíduos. Para o teórico, "A boa tradução é a minorização: libera o resíduo ao cultivar o discurso heterogêneo, abrindo o dialeto-padrão e os cânones literários para aquilo que é estrangeiro para eles mesmos, para o subpadrão e para o marginal" (VENUTI, 2002, p. 28).

Ainda, no início do excerto presente no Quadro 9, observa-se um processo de reconstrução do primeiro parágrafo na T2. Conforme Lanzetti *et al.* (2009, p. 14), "O procedimento de reconstrução pressupõe mudanças na ordem sintática e na estrutura estilística de toda a sentença (reconstrução sintática) ou na estrutura lógico-semântica da sentença (reconstrução semântica) a fim de manter o valor semântico do texto-fonte". A voz ativa do texto-fonte em "e ambas levaram um tempo perdido, de cá pra lá", foi reconstruída para a voz passiva no texto-alvo: "*two ladies [...] could be seen taking a walk*". Esse procedimento domesticador pode ter sido empregado pelo tradutor no intuito de trazer maior legibilidade do texto em língua inglesa.

A partir daqui, faz-se necessário lembrar que a primeira parte do romance tem seu enfoque na reforma social que Policarpo Quaresma acreditava ser possível por meio do resgate da cultura popular brasileira, que vinha sendo apagada por elementos das culturas europeias, principalmente, da francesa e da inglesa. Depois

de muitas pesquisas e de muito meditar sobre qual seria a “[...] expressão poética musical característica da alma nacional. Consultou historiadores, cronistas e filósofos e adquiriu certeza de que era a modinha acompanhada pelo violão.” (BARRETO, 1997, p. 19). Aqueles que tocavam o instrumento que Policarpo Quaresma considera “o instrumento genuinamente brasileiro” (BARRETO, 1997, p. 19) eram marginalizados e não eram bem vistos pela sociedade na época. Aqui, Lima Barreto utiliza a marginalização de um instrumento musical, do estilo de música e das pessoas que tocavam o instrumento para construir sua crítica, não apenas para com essa classe específica, mas para com toda uma população marginalizada pelos mais diferentes motivos. O trecho a seguir, disposto no Quadro 10, apresenta uma fala da irmã de Quaresma no momento em que ele leva para casa um violão:

Quadro 10 – Excerto de duas traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e do texto-fonte

T1	T2	Texto-fonte
‘Policarpo, have a little more sense. It isn't right for a respectable man of your age and position to be going around with that <u>good for nothing singer</u> .’ (p. 3)	“Policarpo! Have some sense! A respectable middle-aged man like you, with a good job, getting mixed up with that <u>street musician</u> ! Probably a <u>scoundrel</u> ! It's not right!” ([s.p])	— Policarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição, respeitável, como você é, andar metido com esse <u>seresteiro</u> , um quase <u>capadócio</u> — não é bonito! (p. 12)

Fonte: Elaborado pelo autor (Grifo do autor).

A crítica que Adelaide faz ao irmão alcança o seu ápice com o uso do termo “capadócio”. Segundo o dicionário Michaelis, o termo capadócio possui as seguintes definições:

1 Relativo ou pertencente à Capadócia, província central da Ásia Menor; capádoce. 2 Que ou aquele que se dá ares de importância; convencido, metido, pernóstico. 3 Que ou aquele que é falto de inteligência; bronco, burro, tapado. 4 Que ou aquele que vive de explorar a boa-fé das pessoas; embusteiro, farsante, impostor. 5 Que ou aquele que tem maneiras acanhadas; cafajeste, crápula, velhaco. 6 [obsoleto] Que ou aquele que toca e/ou canta à noite sob as janelas da namorada. (2021, [s.p])

As definições de dois a cinco são pejorativas e com origem no português-brasileiro. O termo aparece três vezes no decorrer de toda a obra e esta pesquisa contemplará a análise dos três trechos nos Quadros 10, 11 e 12, a seguir. No excerto do Quadro 10, fica evidente que o sentido pejorativo da palavra, provavelmente está ligado às definições três, quatro e cinco, acima. Adelaide acredita que um homem tão

respeitado quanto Quaresma não pode estar envolvido com um músico que toca violão como Ricardo Coração dos Outros. O termo “capadócio” neste trecho está se referindo ao músico e expõe a marginalização social de alguém que toca o instrumento. Em análise às traduções, verifica-se que cada tradutor fez opções diferentes para a tradução do termo, porém as escolhas mantêm algum dos sentidos expressados no texto-fonte. Na T1 observa-se a construção sintática “*good for nothing*”, cujo significado está ligado a uma pessoa sem valor ou inútil²³. A interpretação do tradutor 1 nessa situação está de acordo com a definição número três, acima. Na T2 é utilizado o termo “*scoundrel*”, cuja definição pode ser aplicada tanto a uma pessoa de má reputação quanto uma pessoa má, perversa, cruel ou desonesta²⁴. Verifica-se que a interpretação do segundo tradutor se difere do seu antecessor, essa está de acordo com as definições quatro e cinco.

Outro adjetivo usado para qualificar Ricardo é “seresteiro”, termo que se refere àquele que canta músicas típicas de seresta ou serenata²⁵, vocábulo obsoleto, é o indivíduo que toca e/ou canta à noite sob as janelas da namorada. Por sua vez, o termo “seresta”, que é sinônimo de “serenata”, é definido como conjunto de composições típicas da serenata brasileira²⁶. É possível, entretanto, que pelo fato de Adelaide ter usado os dois termos para se referir ao cantor de modinhas, a definição para seresteiro esteja ligada ao termo capadócio e ao seu significado de má reputação ou atividade de desocupados. Na sequência da narrativa, Policarpo faz longa explanação sobre a ideia da irmã de que “é preconceito supor-se que todo homem que toca violão é um desclassificado” (BARRETO, 1997, p. 12). A afirmação do protagonista evidencia que Adelaide usa 'seresteiro' e 'capadócio' com o mesmo sentido. Na tradução do vocábulo “seresteiro”, T1 apresenta a palavra “*singer*”, enquanto em T2 encontram-se os termos “*street musician*”, o que pode levar o leitor de língua inglesa a interpretar Ricardo como um cantor marginalizado, com características de um *scoundrel*.

²³ Conforme o dicionário Dictionary. Disponível em: <<https://www.dictionary.com/browse/good-for-nothing>>, acesso em: 18 jan. 2021

²⁴ Conforme o dicionário Merriam-Webster. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/scoundrel>>, acesso em: 18 jan. 2021.

²⁵ Conforme o dicionário Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/seresteiro/>>, acesso em: 18 jan. 2021.

²⁶ Conforme o dicionário Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/seresta/>>, acesso em: 18 jan. 2021.

No Quadro 11, temos o segundo momento, ainda no primeiro capítulo do romance, em que o termo “capadócio” aparece se referindo a Ricardo Coração dos Outros, expresso, dessa vez, pelo narrador. Verificamos que os tradutores utilizam vocábulos diferentes daqueles utilizados da primeira aparição da palavra:

Quadro 11 – Excerto de duas traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e do texto-fonte

T1	T2	Texto-fonte
Do not think, however, that Ricardo was any mere singer of modinhas, a <u>vagabond minstrel</u> . No; Ricardo Coração dos Outros was an artist, a frequent and honoured guest of the best families of Méier, Piedade and Riachuelo. (p. 8)	Don't think, however, that Ricardo was any old modinha singer, i.e. a bit of a <u>layabout</u> . Not at all: Ricardo Coração dos Outros was an artist, and one who honoured with his presence the most distinguished families in the suburbs of Méier, Piedade and Riachuelo. ([s.p])	Não se julgue, entretanto, que Ricardo fosse um cantor de modinhas aí qualquer, <u>um capadócio</u> . Não; Ricardo Coração dos Outros era um artista a frequentar e a honrar as melhores famílias do Méier, Piedade e Riachuelo. (p. 18)

Fonte: Elaborado pelo autor (Grifo do autor).

Verifica-se na T1 a permanência do sentido de pessoa inútil ou sem valor com o emprego da palavra “*vagabond*”, porém a palavra em inglês tem como definição uma pessoa que perambula de um lado para outro sem um lar fixo²⁷, o que dá maior significância à frase “*mere singer*”, anteriormente. O uso da palavra “*minstrel*” está associada a uma classe de artista musicais da Idade Média e a poetas,²⁸ e sua utilização pode ser identificada como um resíduo. Já em T2, observa-se o uso de “*layabout*”, cujo significado está relacionado à uma pessoa preguiçosa e indolente²⁹. A definição do termo se afasta do sentido da palavra “*scoundrel*”, utilizada na primeira tradução do vocábulo “capadócio”, conforme análise do excerto no Quadro 10. A decisão pela mudança do termo e significado pode estar ligada à interpretação do contexto em que o termo aparece nas duas situações, pois na segunda situação, o narrador apresenta Ricardo como um cantor diferente dos demais.

O excerto presente no Quadro 12 representa um diálogo entre Policarpo Quaresma, Ricardo Coração dos Outros e Olga, afilhada do Major. Nele, as personagens discutem sobre o violão e sua valorização, sobre outros instrumentos considerados nacionais por Quaresma e, no auge da discussão, novamente o

²⁷ Conforme definição do dicionário Merriam-Webster. Disponível em <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/vagabond>>, acesso em: 18 jan. 2021.

²⁸ Conforme definição do dicionário Merriam-Webster. Disponível em <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/minstrel>>, acesso em: 18 jan. 2021.

²⁹ Conforme definição do dicionário Merriam-Webster. Disponível em <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/layabout>>, acesso em: 18 jan. 2021.

vocábulo “capadócio” é empregado, agora pelo próprio Policarpo. O trecho está presente na parte final do segundo capítulo e está sendo analisado com o objetivo de verificar todos os três momentos em que o termo, essencialmente brasileiro, aparece na obra.

Quadro 12 – Excerto de duas traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e do texto-fonte

T1	T2	Texto-fonte
<p>He looked triumphantly from one to the another. ‘Do continue in your attempt, Senhor Ricardo,’ said Olga, ‘it is most praiseworthy.’ ‘Thank you. You may be sure, madam, that the guitar is a fine instrument, and one of the most difficult too. For example...’ ‘<u>What’s that,</u>’ put in Quaresma abruptly. ‘There are others more difficult.’ ‘The piano?’ said Ricardo. ‘The piano my foot. The maracá, the inúbia.’ ‘I’ve never heard of them.’ ‘Never heard of them? <u>That’s the limit. The most Brazilian instruments possible:</u> the only ones that are really and truly so. The instruments of our forebears, that gallant race that strove and are still striving to win possession of this beautiful land. The <u>caboclos!</u>’ A caboclo instrument, come, come,’ said Ricardo. ‘A caboclo. What difference does that make? Léry says that they are very harmonious and pleasing to the ear... If it is just for being caboclo, then the guitar is no good – it’s a <u>braggadocio’s</u> instrument.’ ‘<u>Braggadocio,</u> major. You shouldn’t have said that...’ (p. 28)</p>	<p>He looked triumphantly from one to the other. After a moment’s pause, Olga said: “Keep trying, Senhor Ricardo. It’s a worthy cause.” “Thank you. You may be sure, Senhora, the guitar is a fine instrument and is very difficult to play. For example...” “<u>Pshaw!</u>” Quaresma broke in. “Other instruments are more difficult.” “You mean the piano?” asked Ricardo. “I do not mean the piano! I mean the maracá and the inúbia.” “I don’t think I know them.” “You don’t know them?! That’s a good one! <u>They’re the most authentic Brazilian instruments imaginable,</u> the instruments of our predecessors, the instruments of that brave people that struggled – and still struggles – for possession of this beautiful land. Instruments of the <u>Indians!</u>” “The Indians! You can’t be serious!” exclaimed Ricardo. “Yes! The Indians! What’s wrong with that?! Léry says they’re sonorous instruments, very pleasant to listen to... And if they don’t count because they’re Indian, then the guitar is worthless too... It’s an instrument of <u>vagabonds.</u>” “<u>Vagabonds,</u> Major?! Come, now!” (j.s.p)</p>	<p>Olhou triunfante para um e outro circunstante; e Olga dirigindo-se a ele, disse: — Continue na tentativa, senhor Ricardo, que é digno de louvor. — Obrigado. Fique certa, minha senhora, que o violão é um belo instrumento e tem grandes dificuldades. Por exemplo... — <u>Qual!</u> — interrompeu Quaresma, abruptamente. — Há outros mais difíceis. — O piano? — perguntou Ricardo. — Que piano! O maracá, a inúbia. — Não conheço. — Não conheces? É boa! <u>Os instrumentos mais nacionais possíveis,</u> os únicos que o são verdadeiramente; instrumentos dos nossos antepassados, daquela gente valente que se bateu e ainda se bate pela posse desta linda terra. Os <u>caboclos!</u> — Instrumento de caboclo, ora! — disse Ricardo. — De caboclo! Que é que tem? O Léry diz que são muito sonoros e agradáveis de ouvir... Se é por ser de caboclo, o violão também não vale nada — é um instrumento de <u>capadócio.</u> — De <u>capadócio,</u> major! Não diga isso... (p. 41)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (Grifo do autor).

Ao empregar o termo em questão, Policarpo o contextualiza dizendo que se os instrumentos citados por ele anteriormente não são respeitáveis, então o “violão também não vale de nada — é um instrumento de capadócio”. Fica claro que a

conotação do termo é negativa e representa um instrumento tocado por alguém semelhante. Na T1 verifica-se o uso do vocábulo “*braggadocio*”, cujo significado está relacionado a alguém com pretensões arrogantes ou alguém fanfarrão³⁰, aproximando-se das definições dois e quatro do termo “*capadócio*”, acima. Constatase, portanto, que nessa última aplicação do termo, o tradutor optou por fazer uma mudança no significado, conforme sua interpretação do contexto. Na T2 é utilizado o termo “*vagabonds*”. Como já visto anteriormente, o termo foi empregado na tradução T1 e possui a definição de alguém que perambula de um lado para outro sem um lar fixo. Novamente, verifica-se que houve uma mudança no significado do termo em relação as suas manifestações anteriores. É provável que o motivo permaneça o mesmo: a interpretação do tradutor em cada situação do texto.

Um termo que aparece também no quadro 12 e que possui muitos significados no português brasileiro é o termo “*caboclo*”. As primeiras definições encontradas no dicionário Michaelis são:

1 [Antiquado] Indígena brasileiro, considerado selvagem, que mantinha contato com os colonizadores. 2 Indivíduo mestiço, filho de branco com indígena; cariboca, curiboca. 3 Mestiço de negro com indígena; caburé, cafuzo. 4 Indivíduo do sertão, moreno de pele acobreada e cabelos lisos. 5 Indivíduo simples do sertão, geralmente retraído e desconfiado. (2021, [s.p])

Conforme o contexto do termo no trecho apresentado no Quadro 12, percebe-se que o termo está relacionado aos instrumentos musicais maracá e inúbia, que possuem origem nos povos autóctones habitantes do Brasil. Portanto, o sentido da palavra “*caboclo*” está diretamente ligado com às definições um, dois e três, citadas acima. Nas traduções, observa-se que a decisão do primeiro tradutor foi em manter o termo que foi incorporado na língua inglesa sob a definição: autóctone brasileiro aculturado; brasileiro de ascendência indígena americana e europeia³¹. As definições do termo em inglês, que segundo o dicionário *Merrian-Webster* advém da língua portuguesa e da língua tupi, estão de acordo com as definições em língua portuguesa. O uso do vocábulo pode soar estranho ou desconhecido para a maioria dos leitores em língua inglesa, que possivelmente, precisarão buscar o significado da palavra. Tal

³⁰ Conforme definição do dicionário Merrian-Webster. Disponível em <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/braggadocio>>, acesso em: 18 jan. 2021.

³¹ Conforme definição do dicionário Merrian-Webster. Disponível em <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/caboclo>>, acesso em: 18 jan. 2021.

procedimento por parte dos tradutores configura-se como a aplicação de resíduo ao texto, deixando indícios ao leitor-alvo de que o texto não foi escrito em língua inglesa e expondo aspectos da cultura do texto-fonte. Na T2 observa-se um caminho inverso, pois o vocábulo foi traduzido como “*indians*”, que em sua tradução generaliza a definição para qualquer povo autóctone, habitantes das Américas³².

Quanto aos nomes dos instrumentos de origem “verdadeiramente” brasileira, ambos os tradutores mantêm os vocábulos “maracá” e “inúbia” precisamente como apresentados no texto-fonte. Além do mais, percebe-se que na tradução da frase “Os instrumentos mais nacionais possíveis”, tanto na T1 quanto na T2, o termo “nacionais” é substituído por “*Brazilian*” em “*The most Brazilian instruments possible*” (T1) e “*They’re the most authentic Brazilian instruments imaginable*” (T2). A decisão dos tradutores apresenta-se como um esforço de mostrar e lembrar ao leitor de língua inglesa que o contexto geral da obra compreende aspectos da cultura e sociedade brasileiras.

No âmbito gramatical e de escolha lexical, analisa-se a interjeição “Qual!”, que pode exprimir dúvida, incredulidade ou negação, de acordo com o contexto e a entoação³³. Com base no contexto da conversa entre Policarpo e Ricardo, verifica-se que o sentido pode estar ligado à incredulidade ou negação do protagonista ao discordar da opinião do músico quanto à dificuldade e complexidade de tocar violão. Observa-se na T1, o uso da expressão idiomática “*what’s that*”, que pode ser uma contração da expressão “*what’s that supposed to mean?*”, cuja utilização serve para expressar discordância misturado com surpresa em resposta a fala de outra pessoa³⁴. Na T2 houve o emprego da interjeição “*Pshaw!*”, que é utilizada para expressar irritação, reprovação, desprezo ou descrença. Conclui-se que ambas as traduções mantiveram o sentido da interjeição presente no texto-fonte, ainda que, a T1 tenha sido usado o procedimento de modulação ao substituir uma interjeição por uma expressão idiomática.

No excerto disposto no Quadro 12 observa-se o procedimento técnico tradutório de explicação presente em T2. Segundo Lanzetti *et al.* (2009, p 18), “O

³² Conforme definição do dicionário Merriam-Webster. Disponível em <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/indian>>, acesso em: 18 jan. 2021.

³³ Conforme o dicionário Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/qual/>>, acesso em: 19 jan. 2021.

³⁴ Conforme definição do dicionário Merriam-Webster. Disponível em <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/what's%20that%20supposed%20to%20mean>>, acesso em: 18 jan. 2021.

procedimento de explicação é utilizado quando o tradutor acrescenta, no texto-alvo, um aposto elucidando a composição ou função de um determinado elemento da cultura a que pertence o texto-fonte”. A explicação intratextual pode vir em parênteses ou entre vírgulas, como no trecho destacado:

Quadro 13 - Excerto de duas traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e do texto-fonte

T1	T2	Texto-fonte
At the office, when the junior employees, clerks and writers, learned of his studies of Tupí, for <u>some unknown reason</u> they took to calling him Ubirajara. (p. 6)	As soon as the lower orders in the office found out he was studying the language of the Tupiniquim tribe, they nicknamed him Ubirajara, <u>after the hero of José de Alencar's novel.</u> ([s.p])	Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse seu estudo do idioma tupiniquim, deram <u>não se sabe por que</u> em chamá-lo — Ubirajara. (p. 15)

Fonte: Elaborado pelo autor (Grifo do autor).

O texto-fonte não apenas omite o motivo pelo qual os colegas de trabalho de Policarpo o estão chamando de Ubirajara, como enuncia que “não se sabe por que” chamá-lo assim. Em T1 constata-se que a sentença é alterada da forma negativa para a afirmativa, sem, contudo, deixar de informar que o motivo não era conhecido (*some unknown reason*). Já em T2, vê-se que essa informação foi retirada para ser empregado o procedimento de explicação: “*they nicknamed him Ubirajara, after the hero of José de Alencar's novel*”. O segundo tradutor achou por bem explicar ao leitor-alvo a origem do apelido Ubirajara que, segundo sua interpretação, está relacionado ao herói do romance homônimo de José de Alencar. O romance *Ubirajara*, publicada originalmente em 1874, é um romance indianista que retrata a formação do povo brasileiro no intuito de promover o nacionalismo. Possivelmente, Johnson fez uma conexão entre a obra de José de Alencar e o tema principal do romance *Triste fim...*, percebendo a ligação entre o apelido dado a Policarpo e as características do personagem título da obra de Alencar. Afinal, Ubirajara era indígena e representava o nacionalismo, bem como Policarpo tinha grande interesse pela língua indígena tupi-guarani e também representava o nacionalismo. A decisão tradutória, nesse momento, vai ao encontro do esforço do tradutor em tornar o leitor em língua inglesa mais familiarizado com o contexto de produção da obra de Barreto, isto é, o polissistema literário brasileiro.

O nacionalismo do Major Policarpo Quaresma já é notório em um momento do primeiro capítulo, quando ele ouve alguém falando sobre o desejo de viajar para a

Europa. Seu patriotismo acentuado não deixa passar a oportunidade de falar sobre as grandes qualidades do seu país, como no excerto a seguir:

Quadro 14 – Excerto de duas traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e do texto-fonte

T1	T2	Texto-fonte
<p>On the day they called him Ubirajara, Quaresma became silent, reserved and taciturn, and was only moved to speech because, when they were washing their hands in the washroom next to the office, ready to leave, someone sighed and said, ‘Oh Lord, when shall I be able to go to Europe.’ That was too much for the major: he looked up, straightened his <u>pince-nez</u>, and in a friendly persuasive manner said, ‘How ungrateful you are. You have such a beautiful, rich country of your own and yet you want to visit other people’s. If it were possible one day I should travel <u>my own country</u> from end to end.’ (p. 7)</p>	<p>On the day he discovered his nickname, he kept himself to himself, and he only said anything at all because, when he was leaving the wash room before going home, he heard someone mutter: “<u>Dear God! When on earth will I be able to go to Europe?!</u>” Quaresma couldn’t contain himself. He looked up, adjusted his <u>pince-nez</u> and said, in a voice that was fraternal but firm: “How ungrateful! Your own country is so beautiful, so rich, and you want to visit others?! As for me, if I ever get the chance, I’ll explore <u>Brazil</u> from end to end!” ([s.p])</p>	<p>No dia em que o chamaram de Ubirajara, Quaresma ficou reservado, taciturno, mudo, e só veio a falar porque, quando lavavam as mãos num aposento próximo à secretaria e se preparavam para sair, alguém suspirando, disse: “<u>Ah! Meu Deus! Quando poderei ir à Europa!</u>”. O major não se conteve: levantou o olhar, concertou o <u>pince-nez</u> e falou fraternal e persuasivo: “Ingrato! Tens uma <u>terra</u> tão bela, tão rica, e queres visitar a dos outros! Eu, se algum dia puder, hei de percorrer <u>a minha</u> de princípio ao fim!”. (p. 16, 17)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (Grifo do autor).

Destaca-se, no trecho escolhido, que todo o contexto nacionalista e patriótico que Lima Barreto conferiu à personagem foi mantido nas duas traduções. No que concerne à gramática e a construções sintáticas, percebe-se que a frase em T2, a frase que, em língua-fonte é uma afirmação, transformou-se em uma frase interrogativa, sem, contudo, alterar o sentido atribuído no texto-fonte. Percebe-se também a adição da expressão idiomática “*on earth*”, usada para intensificar o sentido da pergunta. A escolha do tradutor em usar tal expressão pode ter sido com o intuito de evidenciar o costume do brasileiro em valorizar mais aquilo que é estrangeiro do que coisas de sua própria terra, prática denunciada por Quaresma nesse trecho. Por último, nota-se que na T2, em vez de utilizar a palavra “*country*” para se referir à terra natal que Policarpo gostaria de percorrer de princípio ao fim, o tradutor optou por usar a palavra “Brazil”. Por sinal, essa é uma característica marcante em T2, como pode-se observar nos trechos destacados abaixo:

Quadro 15 – Excerto de duas traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e do texto-fonte

T1	T2	Texto-fonte
<p>‘It’s a fad of his, Senhor Ricardo, this wanting only <u>national</u> products. The rubbish we have to swallow! Uhh!’ [...] ‘That’s because it’s made of milk. If it was like that foreign stuff, made of grease from the drains, perhaps it wouldn’t go bad... You see, Ricardo, they don’t want anything that our <u>own country</u> produces...’ ‘That’s usually the case,’ said Ricardo.</p> <p>‘But they’re wrong... They don’t protect our <u>national</u> industries... I’m not like that: if it’s produced here I never buy the imported article. I use <u>national</u> cloth for my clothes, the boots I wear are <u>made here</u>, and so on. (p. 10, 11)</p>	<p>“He’s got a bee in his bonnet, Senhor Ricardo. This business of only eating <u>Brazilian</u> food. So we have to eat all sorts of muck. Ugh!” [...] “That’s because it’s made from milk. If it was made from that foreign stuff, manufactured out of waste fat, perhaps it wouldn’t go off... That’s how it is, Ricardo. No-one wants to eat <u>Brazilian</u> food...”</p> <p>“No, they don’t, as a rule,” said Ricardo.</p> <p>“But they’re wrong... They should be protecting our <u>Brazilian</u> industries... Take me, for example: I won’t use foreign stuff. My clothes are <u>Brazilian</u>, my shoes are <u>Brazilian</u> and so on.” (s.p)</p>	<p>— É uma mania de seu amigo, senhor Ricardo, essa de só querer cousas <u>nacionais</u>, e a gente tem que ingerir cada droga, chi! [...]</p> <p>— É porque é de leite, se fosse como essas estrangeiras aí, fabricadas com gorduras de esgotos, talvez não se estragasse... É isso, Ricardo! Não querem nada da <u>nossa terra</u>...</p> <p>— Em geral é assim — disse Ricardo.</p> <p>— Mas é um erro... Não protegem as indústrias <u>nacionais</u>... Comigo não há disso: de tudo que há nacional, eu não uso estrangeiro. Visto-me com pano <u>nacional</u>, calço botas <u>nacionais</u>, e assim por diante. (p. 20, 21)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (Grifo do autor).

Verifica-se que em todos os momentos que o texto-fonte subentende características pertencentes ao Brasil, apresentadas no texto-fonte como “nacionais” ou “da nossa terra”, Johnson as traduz como “*Brazilian*”, novamente em um esforço de deixar claro a origem do texto-fonte.

No decorrer do romance *Triste fim...*, alguns vocábulos no idioma francês aparecem e alguns deles se repetem durante toda a obra. O uso de tais vocábulos pode ser compreendido como elementos satíricos e de crítica social, levantados pelo autor para mostrar seu posicionamento contrário à crescente tendência de desvalorização da cultura nacional proveniente, sobretudo, do movimento da *Belle Époque Tropical*. A maior incidência de uma palavra nessa língua é provavelmente o termo *pince-nez*, que faz referência aos óculos sem hastes usados pelo Major Quaresma. Ambos os tradutores optam pela manutenção do termo em língua francesa, como pode ser constatado no excerto presente no Quadro 14. É importante destacar que o uso de palavras estrangeiras não provém da fala de Policarpo Quaresma, e sim do narrador e de outras personagens do romance. A irmã de Quaresma, Dona Adelaide, utiliza o vocábulo *petit-pois*, que em português significa ervilhas, para trazer um ar sofisticação para o seu jantar, como vemos no Quadro 16:

Quadro 16 – Excerto de duas traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e do texto-fonte

T1	T2	Texto-fonte
<p>Dona Adelaide, Quaresma's sister, entered and ushered them into dinner as the soup was on the table getting cold. 'Please excuse the simplicity of the meal, Senhor Ricardo,' said the old lady. 'I wanted to make you a chicken with petits-pois but Policarpo wouldn't let me. He said that petits-pois is foreign and that I should use pigeon peas instead. Whoever heard of chicken with pigeon peas?' (p. 10)</p>	<p>Dona Adelaide, Quaresma's sister, came in and announced that dinner was on the table. If they didn't come at once, the soup would be cold. "You must excuse us, Senhor Ricardo," said the old lady. "The dinner is nothing special. I wanted to make chicken and peas, but Policarpo wouldn't let me. He told me peas are a foreign vegetable and I should use guando beans instead. Whoever heard of chicken with guando?!" ([s.p])</p>	<p>Dona Adelaide, a irmã de Quaresma, entrou e convidou-os a irem jantar. A sopa já esfriava na mesa, que fossem! — O senhor Ricardo há de nos desculpar — disse a velha senhora — a pobreza do nosso jantar. Eu lhe quis fazer um frango com petit-pois, mas Policarpo não deixou. Disse-me que esse tal petit-pois é estrangeiro e que eu o substituisse por guando. Onde é que se viu frango com guando? (p. 20)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (Grifo do autor).

O termo “guando”, segundo o dicionário Michaelis, refere-se a uma semente globular e amarelada produzida pela planta de mesmo nome; conhecido também como andu, anduzeiro, ervilha-de-angola, ervilha-de-árvore, ervilha-de-sete-anos, ervilha-do-congo, feijão-de-árvore, feijão-guando, guandeiro³⁵. Muito parecido com a ervilha, talvez a utilização de guando na receita de Dona Adelaide não trouxesse grandes diferenças gastronômicas, mas, com certeza, deixaria o jantar pouco requintado para receber o músico Ricardo Coração dos Outros. Policarpo, por sua vez, deixa claro sua posição negativa quanto a utilização de qualquer elemento proveniente de outros países, incluindo o idioma.

Em T1, observa-se que o tradutor decide não traduzir o termo em francês, mantendo parte da construção irônica do texto-fonte em torno do uso proposital da língua estrangeira. Além do mais, o tradutor decide pela tradução do vocábulo “guando” por “*pigeon peas*”, que é a tradução direta do termo em português “ervilha de pombo”, um dos nomes populares da leguminosa. Com isso, o tradutor esclarece para o leitor de língua inglesa a ironia do texto: a suposta sofisticação do jantar conferida pelo uso do francês para se referir a um dos ingredientes é, também, encerrada com a escolha de “*pigeon peas*” e sua referência a ave tão conhecida por ser uma praga em vários centros urbanos do mundo. Por outro lado, na T2, ocorre o inverso: o vocábulo em francês é traduzido para o inglês por “*peas*”, enquanto que “guando” permanece em língua portuguesa. Observa-se a presença tanto da

³⁵ Conforme o dicionário Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/guando/>>, acesso em: 19 jan. 2021.

domesticação quanto da estrangeirização. Nesse caso, o segundo tradutor decide pela substituição do termo estrangeiro em uma ação de domesticação, mas logo em seguida mantém um termo em língua portuguesa fazendo uma quebra no seu esforço de aproximar ao máximo do texto para o público-alvo. Na T1 também é possível fazer a mesma análise, pois o tradutor decide pela estrangeirização ao manter o termo em língua francesa, seguido pela domesticação, na tradução de um termo em português. Verifica-se que os dois tradutores conseguiram, de formas diferentes, a manutenção da sátira presente no texto, o primeiro na manutenção de um vocábulo francês e o segundo na manutenção de um vocábulo português, que representam respectivamente a valorização do que é estrangeiro pela sociedade e a valorização no que é nacional por Quaresma.

Em conclusão, neste capítulo foi realizada uma análise descritiva de *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911) e duas de suas traduções para língua inglesa. A análise de uma obra canônica como esse romance de Lima Barreto não se esgota de modo algum na presente proposta. A pesquisa analisou apenas alguns dos aspectos da obra em excertos do primeiro capítulo de duas de suas traduções, principalmente relacionadas ao nacionalismo e patriotismo da personagem título e aos procedimentos tradutórios utilizados para a manutenção dos temas no texto de chegada. Os recursos empregados em uma tradução podem aproximar ou distanciar o texto do polissistema literário de partida, que podem ser influenciados por questões ideológicas e de cunho teórico. Entretanto, uma análise descritiva tradutória não tem por objetivo apontar erros ou acertos, nem mesmo elencar uma tradução como melhor do que a outra, mas acima de tudo, de observar e enunciar os meios encontrados pelos tradutores para transmitir o texto para o público-alvo.

As análises foram realizadas seguindo o modelo de estudo descritivo de tradução elaborado por Lambert e Van Gorp (2011). Nas informações preliminares foram observados os dados complementares dispostos nas duas edições. Observaram-se que os elementos presente na capa, contracapa, e folha de rosto contribuem para que o público de chegada tenha uma maior compreensão da obra. Ademais, verificou-se que ambos os tradutores fizeram a introdução das edições.

Na análise macroestrutural, constatou-se que os tradutores utilizam métodos de tradução palavra-por-palavra nos títulos dos capítulos e, em alguns casos, encontram soluções tradutórias com uma seleção lexical mais familiar ao leitor

anglofalante. Além disso, observou-se que os tradutores mantiveram os elementos de narração e diálogos presentes no texto-fonte.

Por fim, na análise microestrutural, verificou-se que ambos os tradutores utilizaram procedimentos de domesticação e estrangeirização do texto, revelando um equilíbrio entre a manutenção de elementos culturais do texto-fonte e características de fluência no texto de chegada. Quanto ao contexto sistêmico, observou-se a relação intertextual na escolha da tradução do título pelo T2 e verificou-se que não há oposições ou mudanças das normas e modelos entre os níveis macro e microestruturais. No que se refere a recepção das traduções no polissistema de chegada, em T1 foi observado que houve repercussão com estudos desenvolvidos em universidades do Reino Unido, já em T2, não foi possível averiguar sua recepção, principalmente por não ter passado pelo processo editorial e ter sido autopublicada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo geral a realização de uma análise descritiva de parte de duas traduções do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, para a língua inglesa. O estudo foi justificado pela relevância da obra e do autor no polissistema literário brasileiro, assim como as traduções de suas obras para outros idiomas, que contribuem para a propagação da criação literária de Barreto e da cultura brasileira em outros polissistemas culturais, como também em seu próprio país. A partir disso, indagou-se acerca das escolhas de procedimentos aplicados pelos tradutores, verificando se houve a manutenção de aspectos culturais do texto-fonte e elementos do nacionalismo, característico da personagem título.

No primeiro capítulo, o estudo buscou o embasamento teórico na Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar (1990), a qual ofereceu aporte para contextualizar o polissistema literário brasileiro, através da investigação de elementos relacionados a Lima Barreto e sua obra. Os Estudos Descritivos da Tradução de Gideon Toury (2012) sistematizaram o estudo descritivo partindo das análises comparativas de ambos os texto-alvos. Juntaram-se a análise as perspectivas teóricas de Lawrence Venuti (2002), no que se refere a literatura minorizante e o uso dos termos “domesticação” e “estrangeirização” ligadas ao estudo do texto de chegada; e as perspectivas de André Lefevere (2007), no que diz respeito às relações de poder e questões de assimetria entre culturas, povos, literaturas e línguas nas práticas tradutórias. Como base para a estratégia de pesquisa e organização da análise, foi usado o modelo para análise descritiva proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp (2011). Além do mais, foram empregados os “Procedimentos técnicos de tradução – uma proposta de reformulação” de Rafael Lanzetti *et al.* (2009), para as análises linguístico-textuais.

No capítulo seguinte, apresentou-se elementos do polissistema cultural e literário brasileiro por meio do levantamento de aspectos da vida de Lima Barreto e do contexto histórico vivenciado por ele. O capítulo foi dividido em três momentos da vida e história do autor. No primeiro momento, verificou-se que sua obra apresenta características autobiográficas, refletindo eventos que marcaram a vida do próprio autor. Observou-se que acontecimentos, como a morte de sua mãe, o racismo e injustiças advindos de seus colegas de escola e da sociedade, e sua propensão à depressão, criaram em Lima Barreto um sentimento de frustração para com a

sociedade e seu tempo. Todos esses elementos são, portanto, sua força motriz para criação de sua obra. *Triste fim de Policarpo Quaresma* é um reflexo da genialidade com que o autor expõe seus maiores anseios e decepções. A frustração com o sistema político de república, bem como outros aspectos sociais vigentes na época, impulsionaram Barreto a criar uma personagem com características nacionalistas e patrióticas que expressava, de forma satírica, seu próprio pensamento. No segundo momento, levantou-se considerações acerca do romance *Triste fim...*, com a intenção de verificar tais elementos, bem como observar a recepção crítica da obra desde sua origem até a atualidade.

Ademais, no terceiro momento, foi observado o legado que o autor deixou depois de sua morte. Realizou-se um levantamento das traduções de Lima Barreto, com base nas pesquisas de Denise Bottmann (2018) e na busca por recentes traduções, atualizando o mapeamento das traduções. Foi constatado que o autor continua sendo traduzido para a língua inglesa, principalmente pelos esforços do tradutor Francis K. Johnson.

No capítulo de análises, a pesquisa buscou, primeiramente, apresentar dados biográficos e de publicações dos tradutores Robert Scott-Buckleuch e Francis K. Johnson que trouxessem uma base para compreender melhor o polissistema literário que ambos pertencem. Observou-se que Scott-Buckleuch é de origem inglesa, mas possuiu um contato muito próximo com o polissistema cultural e literário brasileiro. O tradutor viveu no Brasil por muitos anos e dedicou muito de seu trabalho e de sua pesquisa na literatura brasileira. Além de *Triste fim...*, traduziu obras dos autores brasileiros Graciliano Ramos, José Américo de Almeida e Machado de Assis. Com tais informações, compreende-se que Robert Scott-Buckleuch foi conhecedor e participante ativo de ambos os polissistemas literários, e a sua tradução do romance de Lima Barreto procurou equilibrar aspectos de domesticação e estrangeirização para que, ao mesmo tempo, o texto fosse compreensível e claro ao leitor anglofalante sem que perdesse características culturais e literárias do texto-fonte.

Foi possível conhecer melhor o tradutor Francis K. Johnson por meio da entrevista concedida ao pesquisador deste trabalho e do *website* que o tradutor administra. Assim como o primeiro tradutor, Francis é britânico e, portanto, as duas traduções possuem o mesmo público-alvo. Verificou-se que, apesar de Johnson não morar no Brasil e nem ter mencionado ter vivido um período no país, ele demonstra ter uma grande admiração pela literatura e cultura brasileiras. Em seu *website*

constatou-se que há uma grande quantidade de traduções de obras dos autores brasileiros. As obras, em sua maioria, são contos dos autores Artur Azevedo, Coelho Neto, Humberto de Campos, Lima Barreto e Machado de Assis. O tradutor revelou que ainda não encontrou editoras que publicassem as suas traduções, por isso as disponibiliza em seu *website* e optou pela autopublicação de sua tradução do romance *Triste fim...* É importante destacar que a concepção de ambas as traduções surgiu dos próprios tradutores, que revelam ter admiração pelo autor e sua obra e, por isso, buscaram disseminá-la em seu próprio sistema literário. Mesmo que em entrevista Johnson tenha revelado que sua tradução é mais domesticadora, observou-se muitos elementos estrangeirizantes que trazem um equilíbrio semelhante ao verificado na tradução de Scott-Bucleuch.

A partir disso, em análise aos aspectos levantados por Toury (2012) nas normas iniciais, concluiu-se que as estratégias escolhidas de forma individual pelos tradutores influenciaram na elaboração do projeto tradutório e revelaram que suas decisões foram tomadas tendo em vista dois aspectos principais: primeiro, a manutenção de aspectos culturais do polissistema literário brasileiro, proveniente do respeito e apreço pela obra, pelo autor e pela cultura brasileira; segundo, pela legibilidade e fluência do texto pelo leitor de língua inglesa, representando uma realidade histórica da maiorias da tradução para o inglês.

Na T1 percebeu-se que houve outros agentes do polissistema literário, que podem ter influenciado nas decisões tradutórias, como agentes editoriais e indivíduos especialistas na literatura brasileira. A exemplo disso, verificou-se que esses agentes questionaram a escolha da tradução do título da obra, ao que Scott-Bucleuch defende: “É o que Lima é, um patriota, inclusive o sentido cômico da palavra”. (OLINTO, 2008, [s.p]). Possivelmente a tradução do romance passou por revisão tanto por parte da editora e sofreu uma influência, principalmente ideológica, ao adentrar em um polissistema literário considerado “maior”, segundo a fundamentação de Venuti (2002), quanto as relações de poder. Na T2 não se identificou interferências fora do âmbito de decisões pessoais do próprio tradutor que, sem dúvida, recebe influências de forma inconsciente, principalmente de cunho ideológico, do próprio polissistema em que está inserido. Ademais, é oportuno destacar que o tradutor obteve ajuda da Prof. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel, da Universidade Federal de Minas Gerais, que o auxiliou a esclarecer o sentido do texto-fone quando necessário (JOHNSON, 2021).

Esse agente vem de fora do polissistema do tradutor e exerce uma influência oposta à ideologia do polissistema receptor.

Quanto ao uso dos termos “adequação” e “aceitação”, verificou-se, como exposto acima, em outros termos, que as traduções possuem as duas abordagens. Destaca-se que a estratégia adequação, quando existe uma aproximação do texto-fonte, foi mais utilizada por ambos os tradutores, principalmente no que se refere à liberdade que ambos tiveram na utilização de procedimentos que alteram o texto para que se adequasse à estrutura sintática e lexical da língua de chegada (LANZETTI *et al*, 2009). Outra explicação para a presença majoritária de tal abordagem é a influência exercida pelo público-alvo (LEFEVERE, 2007). Por outro lado, a estratégia de aceitação foi verificada no âmbito da manutenção de aspectos culturais e sociais do texto-fonte. Tal abordagem vai de encontro a questões ideológicas vigentes no polissistema literário receptor, que segundo Lefevere (2007), buscam sua preservação no combate de outras ideologias, e apresenta um esforço de incluir aspectos de uma “língua menor” a uma cultura dominante.

No âmbito das normas preliminares (TOURY, 2012), conclui-se que a escolha da obra traduzida em ambas as situações não passou pelo crivo ideológico ou político do polissistema de chegada. Como mencionado anteriormente, a decisão pela tradução do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, foi unicamente dos tradutores que, posteriormente, buscaram a publicação da obra. No entanto, percebeu-se que não houve uma aceitação de imediato das traduções por agentes editoriais.

Na T1, verificou-se que a tradução foi publicada pela editora *Rex Collings* apenas treze anos após a realização da tradução por Scott-Bucleuch. No caso da T2, Johnson realizou a tradução, porém não conseguiu encontrar uma editora que a publicasse, revelando o desinteresse dos agentes editoriais do polissistema de chegada em uma literatura proveniente de uma língua considerada “menor”. Por esse motivo, o tradutor optou pela autopublicação, apenas por meios digitais, pela *Kindle Editions*, e pelo seu próprio *website*. Com relação ao texto-fonte utilizado para ambas as traduções, verificou-se que se trata de uma tradução direta, feita a partir do original em língua portuguesa. A T1 não apresenta qual edição do texto foi utilizada como fonte, mas deixa claro que o texto tem como base a obra em língua portuguesa, publicada em 1911. Da mesma forma, a T2 não menciona qual edição ou publicação do texto foi utilizada como fonte.

Em análises correspondentes às normas operacionais (TOURY, 2012), verificou-se que na primeira etapa, das normas matriciais, consonante à seção de análise macroestrutural, a disposição do texto traduzido segue a estrutura narrativa de romance, de acordo com o texto-fonte. Quanto à organização do texto, conclui-se que todos os capítulos presentes na obra em língua-fonte estão presentes na mesma sequência, sem adições ou quaisquer outras mudanças em relação ao texto-fonte em ambas as traduções. Na T1 foi constatada a omissão da epígrafe do romance, a citação de um excerto em francês do livro *Marc-Aurèle et la fin du monde antique*, de Joseph-Ernest Renan. Verificou-se que os tradutores mantiveram os elementos de narração e diálogos presentes no texto-fonte. Na análise do capítulo primeiro das duas traduções também verificou-se que não há qualquer omissão no texto em si.

A segunda etapa da análise das normas operacionais, ligada à seleção do material linguístico na formulação do texto-alvo, consonante à seção de análise microestrutural, constatou-se a utilização de diversos procedimentos técnicos que possibilitaram a realização da tradução do romance de Lima Barreto para a língua inglesa. Foram selecionados excertos que vieram ao encontro do objetivo de desenvolver uma análise descritiva de parte das traduções com a intenção de verificar se há interpretações semelhantes ou diferentes entre os tradutores, bem como identificar técnicas tradutórias utilizadas. Constatou-se nas duas traduções a utilização de procedimentos técnicos voltados à domesticação. Segundo Lanzetti *et al.* (2009, p. 7), “Os procedimentos de domesticação do sistema linguístico pressupõem mudanças na estrutura do texto-fonte ao traduzi-lo à língua-alvo para que se adeque à estrutura sintática e lexical da língua de chegada”. Dentre tais procedimentos, foram empregados a transposição (na T1 e T2), a modulação (na T2), a equivalência (na T2), a paráfrase (na T2), a explicitação (na T1 e T2), a reconstrução (na T2) e explicação (na T1). Na escolha lexical de palavras e construções sintáticas que apresentam o tema do nacionalismo de Policarpo Quaresma, concluiu-se que ambos os tradutores empregaram vocábulos e expressões que possibilitaram transmitir tais aspectos ao texto de chegada.

Na análise do período temporal entre a realização das traduções, verificou-se que o intervalo de 36 anos entre a publicação de *The patriot*, em 1978, e *The decline and fall of Policarpo Quaresma*, em 2014, não apresentou mudanças consideráveis entre elas. O motivo pode estar relacionado ao curto período temporal entre as duas publicações, associado a um polissistema cultural e literário de chegada com posições

ideológicas e políticas fortemente consolidadas, sendo esta a cultura dominante e de língua maior (conforme definições de Venuti (2002)), representada pelo polissistema literário anglofalante. Quanto à comparação temporal de cunho teórico, observa-se que ambas as traduções estão sob as perspectivas da disciplina de Estudos da Tradução, que teve início a partir da segunda metade do século XX e oficializada na década de 1970. Concluiu-se que ambos os tradutores seguem a vertente teórica que leva em conta a relação que existe entre os aspectos linguísticos e os extralinguísticos na tradução, entendendo a tradução como uma atividade abrangente no campo da semiótica, que inclui os sistemas, as estruturas, os processos e as funções dos signos.

Finalmente, destaca-se que esta análise descritiva de duas traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* não teve como finalidade elencar a melhor tradução entre elas. Como visto durante a pesquisa, os elementos de análise excederam os limites do texto e buscaram entender e descrever as influências e decisões que os tradutores tomaram para transportar a obra de Lima Barreto para o polissistema literário de língua inglesa. Ademais, a presente pesquisa não pretendeu esgotar todas as análises tradutórias da obra de Barreto, pelo contrário, buscou-se contribuir para a pesquisa de traduções do autor e abrir caminho para novas pesquisas, tais como a análise tradutória de outros capítulos do romance *Triste fim...* ou mesmo outros romances e contos de Lima Barreto, traduzidos ou ainda inéditos e em outros idiomas.

REFERÊNCIAS

AIDOO, L.; SILVA, D. F. (Ed.) **Lima Barreto: New Critical Perspectives**. Maryland: Lexington Books, 2014.

AMADO, J. Lima Barreto, escritor popular. 1935. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

ANTÔNIO, J. Lima Barreto aqui e lá fora. 1978. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

BANDEIRA, M. A ficção realista. 1960. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

BARBOSA, A. Confissões de Lima Barreto. 1941. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

BARBOSA, F. A. **A vida de Lima Barreto**. 11. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BARBOSA, H. G. **The virtual image: Brazilian literature in English translation**. 2016. 463 f. PhD (Centre for British and Comparative Cultural Studies) – University of Warwick, Coventry, UK, 1994.

BARRETO, L. Diário Íntimo. In: BARRETO, L. **Lima Barreto: obra reunida**. vol. 2. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2018

_____. **The decline and fall of Policarpo Quaresma**. Tradução de Francis K. Johnson, Kindle Editions, 2014.

_____. **The patriot**. Tradução de Robert Scott-Buccluch. London: Collings, 1978.

_____. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

_____. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Apresentação Ivan Teixeira; notas Ivan Teixeira e Gustavo B. Martins; ilustrações Paulo Batista. 2. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

BERMAN, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007. 42.

BOTTMANN, D. Lima Barreto em tradução/Lima Barreto in translation. **Revista da Anpoll**. v.1, n. 44, p. 313-330, Florianópolis: Jan./Abr. 2018.

CAMPI, E. A voz crítica de Lima Barreto ainda ecoa na nossa República, diz pesquisador. Entrevista. **Cult**. 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/a-voz-critica-de-lima-barreto-ainda-ecoa-na-nossa-republica-diz-pesquisador/>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

CANDIDO, A. Os olhos, a barca e o espelho. 1987. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

COSTA, C. B. **Dom Casmurro em inglês: tradução e recepção de um clássico brasileiro**. 2016. 392 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016

COSTA, E. V. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 6. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

EVEN-ZOHAR, I. **Polysystem studies**. Poetics Today, v. 11, n. 1, p. 1-52, 1990.

FARIA, G. L. **A presença de Oscar Wilde na “Belle époque” literária brasileira**. São Paulo: Pannartz, 1988.

FIGUEIREDO, C. L. N. Cotidiano e Ficção: escrita de vida e morte. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

FIGUEIREDO, J. de. Impressões Literárias. 1916. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

GENTZLER, Edwin. Teorias Contemporâneas da Tradução. Trad. Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

GLENEDEL, P. **Bovarismo**. E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/bovarismo/>>. Acesso em: 29 out, 2019.

HOUAISS, A. Prefácio. 1956. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

JOHNSON, F. K. Entrevista com o tradutor Francis K. Johnson. Entrevista concedida a Pedro Henrique Novak. Mensagem recebida por <pedronovak@outlook.com> em jan. 2021.

KRAUSE, J. R. A prestidigitação do tradutor: Robert L. Scott-Bucleuch como leitor não confiável de Dom Casmurro. **Machado de Assis em linha**, v. 8, n. 16, 2015.

LAMBERT, J.; VAN GORP, H. On describing translations. In: LAMBERT, J. **Functional approaches to culture and translation: selected papers** by José Lambert. Amsterdam: John Benjamin's B.V, 2006.

LANZETTI, R., *et al.* **Procedimentos Técnicos de Tradução** - Uma proposta de reformulação. Revista do ISAT, no. 7. São Gonçalo, 2009. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/185400020/Procedimentos-tecnicos-de-traducao>>. Acesso em: 08 jan 2018.

LEFEVERE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

LIMA, M. O. de. Policarpo Quaresma. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

LINS, R. N. O “destino errado” de Lima Barreto. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

LOBATO, M. Lima Barreto. 1919. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

MELO, C. V. Mapping Brazilian Literature Translated into English. **Modern Languages Open**, fev. 2017. Disponível em: <<https://www.modernlanguagesopen.org/articles/10.3828/mlo.v0i0.124/>>. Acesso em: 05 jan. 2021

MORINAKA, E. M. **Política Cultural e Jogos de Poder na Tradução da Narrativa de Ficção Brasileira nos Estados Unidos (1943-1947)**. 2017. 352 f. Tese (Programa de Pós Graduação em Literatura e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

OLINTO, A. Ficção como denúncia. **Tribuna da imprensa**, Rio de Janeiro, 06 mai. 2008. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/artigos/ficcao-como-denuncia>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

PESAVENTO, S. J. Da cidade maravilhosa ao país das maravilhas: Lima Barreto e o “caráter nacional” **Anos 90**: revista do Programa de Pós-Graduação em História. n. 8, p. 30-44, Porto Alegre: 1997. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/31493>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

PRADO JÚNIOR, C. Lima Barreto sentiu o Brasil. 1943. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

PROENÇA, M. C. Giros com eixo em Lima Barreto. 1958. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

RIEDEL, D. C. *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, tendências literárias ou o “peixe medíocre”. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

RESENDE, B. Lima Barreto e Chico Barbosa. In. BARBOSA, F. A. **A vida de Lima Barreto**. 11. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SANTIAGO, S. Uma ferroada no peito do pé (dupla leitura de *Triste fim de Policarpo Quaresma*). 1982. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto**: triste visionário. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SERRA, M. V. Prefácio: A cidade e o tempo de Lima Barreto/Time, the City and Lima Barreto. In: RIO, J. do. **Triste fim de Policarpo Quaresma. The sad end of Policarpo Quaresma**. Tradução de Mark Carlyon. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2011, p. 14-41.

SEVCENKO, N. Lima Barreto, a consciência sob assédio, 1916. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica, Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Coleção Archivos. 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

STAUT, L. M. V. O estilo machadiano e o tradutor. **Alfa**, São Paulo, v. 36, p. 111-117, 1992. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3911>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

TEIXEIRA, I. Policarpo Quaresma como caricatura de uma ideia de Brasil. In: BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Apresentação Ivan Teixeira; notas Ivan Teixeira e Gustavo B. Martins; ilustrações Paulo Batista. 2. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

TOURY, G. **Descriptive translation studies and beyond**. Revised edition. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Tradução de Laureano Pelegrin, Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevista com o tradutor Francis K. Johnson, realizada por e-mail no mês de janeiro de 2021, concedida ao autor desta dissertação.

1. Inicialmente, poderia escrever sobre você, sua formação acadêmica e sua experiência profissional, principalmente na área da tradução?

Vou fazer 73 em algumas semanas. Moro em Coventry, Inglaterra, com minha esposa Helen, que é tcheca.

Tive uma carreira variada: seminarista, carteiro, oficial dos correios e telégrafos, registrador de nascimentos, mortes e casamentos, ofici[a]l administrativo na escola de arte de Coventry e 22 anos como oficial administrativo do Instituto de Arte e Design de Birmingham. Quando me aposentei do meu emprego em Birmingham, em 2008, tornei-me intérprete e tradutor freelance, em tcheco e português.

Meu interesse pela língua portuguesa remonta a ser atraído pelo olhar e pelo som da língua nos anos sessenta. Durante a década de 2000 obtive as seguintes qualificações: Diplomas em Interpretação da Função Pública (Tcheco e Português), Diploma em Tradução (Português) e em 2013 concluí um Mestrado de Filosofia em Tradução pela Universidade de Bristol.

2. Qual a sua visão sobre o papel do tradutor? Como você vê a figura do tradutor no seu país? Considera que há reconhecimento do tradutor?

Vejo o papel do tradutor literário como a abertura de uma janela para outras culturas para pessoas que não falem a língua, proporcionando-lhes, o mais próximo possível, uma experiência semelhante à dos leitores da língua originária.

Acho que os tradutores para o inglês são provavelmente mais valorizados agora do que nos últimos tempos. Elas/eles costumavam ser notoriamente mal pagas/os.

3. Qual foi seu primeiro contato com as obras de Lima Barreto? Como chegou até você a tarefa de traduzir uma obra do autor?

Gostei muito do *Triste Fim* logo ao lê-lo pela primeira vez. Eu já tinha lido vários dos contos de Lima e sentia grande simpatia por ele, e fascínio pela idiossincrasia – mas

também a empatia profunda – das obras dele. Também achei estranho o desconhecimento quase completo dele no mundo anglofalante (ou, pelo menos, no Reino Unido). Eu mesmo não sabia que já existia uma tradução em inglês do *Triste Fim* (*The Patriot*). Então, quando comecei um curso a distância de MPhil em tradução, no ano 2009, minha primeira ideia para escolha de assunto foi exatamente traduzir *Triste Fim* e manter um diário sobre o progresso da tradução. Só que, depois de descobrir que já existia essa tradução, desisti e escolhi outro assunto (embora, pensando bem, a já-existência da tradução pudesse ter feito o projeto até mais interessante!)

4. O que te motivou a traduzir *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto?

Pouco tempo depois de terminar o mestrado, em 2013, embarquei na tradução do *Triste Fim*, mais em homenagem a Lima do que na esperança de ser publicado. E, realmente, a submissão dos primeiros capítulos a dois ou três agentes literários foi sem sucesso e no fim autopubliquei a tradução. (Um resultado inesperado, e muito bem vindo, foi que Mauro Rosso, um perito sobre os autores da *Belle Époque* brasileira, entrou em contato comigo por *e-mail* e logo nos tornamos bons amigos “digitais”.)

5. Além da tradução de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, traduziu outra obra de Lima Barreto? Como foi sua experiência em traduzir essas obras?

Mauro Rosso e eu trabalhamos juntos num projeto, “*As três Claras de Lima Barreto*”, sobre as três versões de *Clara dos Anjos* – o conto, o romance inacabado e o romance acabado. Traduzi o conto e o romance acabado (mas não o inacabado) e o Mauro escreveu uma introdução sobre as diferenças entre as três versões e as origens delas no desenvolvimento do pensamento do autor. De novo, nossas tentativas de interessar editoras – pelo Mauro no Brasil e por mim aqui na Inglaterra – foram sem sucesso.

Tenho traduzido vários contos de Lima também. (Todas as traduções são disponíveis no meu website.)

6. Na edição *The decline and fall of Policarpo Quaresma*, você faz uma introdução oriunda de uma pesquisa realizada sobre a vida e a época de Lima Barreto. O quão importante você considera a pesquisa prévia da obra e do autor pelo tradutor?

Acho importante para tradutores ter empatia com - ou, para dizê-lo mais fortemente, entrar na personalidade – do autor. Afinal, o tradutor está escrevendo em nome do autor.

7. Você utiliza perspectivas teóricas para fazer suas traduções? Utilizou alguma na tradução de *Triste fim*?

Quanto a estratégias de tradução, sempre tenho tendência a usar muito mais *domestication* do que *foreignisation* (a la Venuti), em comum com a grande maioria de tradutores para inglês. Meu princípio fundamental foi equilibrar fidelidade ao original e legibilidade. As únicas instâncias de *foreignisation*, na minha tradução, das quais me lembro foram: uso da palavra portuguesa onde não existe uma equivalente em inglês, seguida por um qualificativo onde necessário, e.g. “*modinha* music”, na primeira ocorrência e, em seguida, só *modinha*, *modinhas*; “*chegança* dance-drama”; “*Seu Castro*” etc. Também tomei maior liberdade na tradução de poemas e as letras de canções:

É vem tutu Por detrás do murundu Pra cumê sinhozinho Cum bucado de angu.	<i>Come, Beetle Bubu, Stop what you is do do! Beetle Bubu, come come, Bring me back my yum-yum!</i>
Se Deus enxergasse pobre Não me deixaria assim: Dava no coração dela Um lugarzinho pra mim. O amor que tenho por ela Já não cabe no meu peito; Sai-me pelos olhos afora Voa às nuvens direito.	<i>If God had had a care For a wretched wretch like me He'd have made her find somewhere For me in her heart to be. The love I have for her Is too big for my breast! So it's flown up in the air And now it's going west.</i>
Uma mãe teve dez filhos Todos os dez dentro de um pote: Deu o Tangolomango nele Não ficaram senão nove.	<i>Mama has ten children. She keeps them in a pot. Along comes Tangolomango. The pot is less one tot!</i>

com o intuito de que, nesses casos, é mais importante estimular uma reação similar no leitor do que ficar particularmente perto do original. A mesma coisa em instâncias como o seguinte:

<p>Ele pronunciava o nome da filha quase sem sotaque; mas, quando falava português, punha nas palavras uma rouquidão singular, e salpicava as frases de exclamações e pequenas expressões italianas. - Olga, que quer dizer isto? Non capisco...</p>	<p>He pronounced his daughter's name almost without an Italian accent; but when he spoke Portuguese, his voice became strangely husky, and he sprinkled his speech with Italian expressions and exclamations. "Olga, what eez olla zeess about? <i>Non capisco...</i>"</p>
<p>- Bem. Mandou lembranças e não veio porque... adiantou Coleoni.</p>	<p>"She eez well," said Coleoni. "She senda her bes' weeshes and say she 'as no' cumma because..."</p>

Quanto ao título mesmo, apesar das restrições de Rabassa*, usei "The Decline and Fall..." em vez de "The Sad End...", porque este soa, a mim, um pouco desastrado, e aquele tem mais ressonância (*Decline and Fall of the Roman Empire*, por Gibbons, e *Decline and Fall*, por Evelyn Waugh). Também a história realmente segue um declínio e caída.

* "I think it is disrespectful in a certain way to mess around and take extreme liberties with a book's title. I was pleased that when I was asked to translate two of Machado de Assis's masterpieces I was able to rescue their titles from the absurdity that had befallen them in previous otherwise adequate translations: *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* from *Epitaph of a Small Winner* and *Quincas Borba* from *Philosopher or Dog?*"

8. Você preparou um projeto tradutório para *Triste fim de Policarpo Quaresma*? Comente sobre os desafios e dificuldades na tradução.

Depois de terminar cada capítulo da tradução, leio para minha esposa, para obter suas impressões e também porque ler em voz alta é uma excelente forma de perceber qualquer infelicidade no som da tradução. Tive também a sorte de ter uma grande amiga no Brasil - a Prof. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel, da Universidade Federal de Minas Gerais - que me ajudou muito a esclarecer o sentido do original quando necessário.

9. Você utilizou algum software ou material de apoio para realizar essa tradução? Quais?

Embora eu tivesse o Trados na época, só o usava para traduções comerciais. Acho que há o perigo de demasiada suavidade e uniformidade com o uso de software de tradução para tradução literária. Além disso, como digito sem olhar para o teclado, posso progredir rapidamente, mesmo sem usar o software.

10. Nos fale sobre sua experiência com a editora que publicou *The decline and fall of Policarpo Quaresma*.

Não aplicável: não consegui encontrar uma editora. (Ironicamente, uma semana depois de eu colocar minha tradução no Kindle, uma tradução da Penguin foi publicada.)

11. Qual a sua visão sobre a influência que uma obra traduzida pode exercer no sistema literário de chegada? Como você vê a recepção e influência das obras literárias brasileiras no sistema literário de língua inglesa, em especial a obra de Lima Barreto?

Acho que Lima Barreto continua muito mais conhecido nos EUA do que no Reino Unido.

Pelo que vale a pena, a tradução que coloquei no meu site - em quatro seções - em 2016 teve 238 visualizações até o momento. (Minha tradução do conto *O homem que sabia javanês* é a mais visitada de minhas traduções de Lima, com 1.477 visualizações.) Espero que Lima não fique muito desapontado!